

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

ESTUDO LEXICAL DA LÍNGUA MATIS
SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO BILÍNGÜE

Tese apresentada ao Curso de Lingüística
do Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas como
requisito parcial para obtenção do título de
Doutora em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

UNICAMP
Vitória Regina Spanghero Ferreira

2005

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

F413e Ferreira, Vítoria Regina Spanghero.
Estudo lexical da língua matis - subsídios para um dicionário
bilingüe / Vítoria Regina Snaghero Ferreira. - - Campinas, SP: [s.n.],
2005.

Orientador: Prfº Drº Angel Humberto Corbera Mori.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da
Linguagem.

1. Dicionários. 2. Lexicografia. 3. Lexicologia. 4. Língua pano. 5. Língua matis.
6. Língua indígena I. Corbera, Angel. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

(tjj/iel)

Título em inglês: Lexical study of the matis language - subsidies for a bilingual dictionary.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Dictionaries; Lexicography; Lexicology; Panoan
language; Matis language; Indigenous language.

Área de concentração: Línguas indígenas

Titulação: Doutorado

Banca examinadora: Profª Drª Maria Aparecida Barbosa, Prfº Drº Waldemar Ferreira Netto,
Prfº Drº Kanavillil Rajagopalan, Prfº Drº John R. Schmitz.

Data da defesa: 24/06/2005

Banca examinadora

Prof.Dr. Angel Humberto Corbera Mori - Orientador

Prof.Dra. Maria Aparecida Barbosa

Prof.Dr. Waldemar Ferreira Netto

Prof.Dr. Kanavillil Rajagopalan

Prof.Dr. John R. Schmitz



Ao Bina, Tupa, Dani, Iba, Ibawasa e a todos os outros que com muita paciência e sabedoria puderam me ensinar o léxico dessa língua.

*Nenhuma língua pode expressar,
com inteira justeza, senão a sua
própria cultura* (Lopes, E.)

AGRADECIMENTOS

Através desses agradecimentos registro o meu reconhecimento a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho:

- ao povo matis, pela sua compreensão para com o trabalho, especialmente aos que colaboraram diretamente na informação dos dados;

- ao Rogério, meu esposo, pelo apoio e incentivo em todas as horas, pelas discussões sobre a língua e pelo suporte técnico nas questões de informática; ao Gabriel, meu filho, por sua empolgação com o dicionário e interesse em vê-lo pronto. A ambos, pela compreensão por minha ausência em suas vidas nos momentos de trabalho;

- ao meu pai, pelo amor e formação que me proporcionou e à minha mãe e irmãs, pelo carinho que me dedicam;

- aos amigos Ada Edi R. Bonato, pela amizade incondicional nas horas mais difíceis desta pesquisa, Gabriel Antunes de Araújo, pelo incentivo e otimismo, Helga Weiss, pelo material bibliográfico que me forneceu, e ao Gilberto e Márcia Duarte de Oliveira e Cristina Farget, pela contribuição na leitura da tese;

- ao Professor Dr. Angel H. Corbera Mori, por ter orientado este trabalho;

- ao Professor Dr. John R. Schmitz, pelas respostas às minhas consultas sobre lexicologia;

- à Professora Dra. Lucy Seki, por seu interesse e consideração pelo meu trabalho;

- ao Professor Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, por sua amizade e seus sábios conselhos profissionais,
- aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP), em especial aos da área de Lingüística Antropológica;
- ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida durante doutoramento (processo n. 141655/2001-1);
- à Idnilda, que sempre me ajudou fazendo o contato com os matis pelo rádio;
- aos colegas de curso de doutorado, Mônica, Manoel, Mateus e todos os outros , pelo companheirismo e pela disponibilidade em ajudar nas diversas situações.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	vi
ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....	xii
RESUMO.....	xiv
INTRODUÇÃO	1

CAPÍTULO I

SITUAÇÃO DA PESQUISA COM A LÍNGUA MATIS: OBJETIVOS, JUSTIFICATIVAS, METODOLOGIA E DELIMITAÇÕES

1.1. Objetivo	3
1.2. Justificativas	4
1.3. Metodologia de trabalho de campo	10
1.4. Delimitações.....	14

CAPÍTULO II

O POVO, A LÍNGUA MATIS E A FAMÍLIA PANO

2.1. Etno-história matis.....	15
2.2. Os matis na atualidade.....	19
2.3. A língua matis e a família Pano.....	25
2.4. Mapa da localização dos matis	28

CAPÍTULO III

A TAREFA LEXICOGRÁFICA E A LEXICOLOGIA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

3.1. Algumas aplicações: o sistema da língua.....	33
3.1.1. Criterialidade	34
3.2. A significação no contexto.....	38
3.3. Considerações sobre a lexicografia, a lexicologia e o dicionário.....	39
3.4. Relações entre lexicografia, lexicologia e semântica	42

CAPÍTULO IV CONSIDERAÇÕES SOBRE DICIONÁRIOS BILÍNGUES

4.1. Classificação de dicionários bilíngües	46
4.1.1 Variedade, perspectiva e apresentação	46
4.1.2. Tipos de dicionários bilíngües	48
4.1.2.1. Diferentes propostas de dicionários	49
4.2. Comparação de dicionários bilíngües indígenas	53

CAPÍTULO V METODOLOGIA TEÓRICA

5.1. Tipologia	65
5.1.1. Campo semântico	65
5.2. Relações de significado	67
5.2.1. Semasiologia e onomasiologia	67
5.2.2 Homonímia e polissemia	68
5.2.3. Sinonímia e antonímia	69
5.3. Macro e microestrutura	72
5.3.1. Macroestrutura	72
5.3.2. Microestrutura	73

CAPÍTULO VI PROCEDIMENTOS NA COMPILAÇÃO DO DICIONÁRIO MATIS-PORTUGUÊS

6.1 Elaboração da macro e microestrutura e do sistema de remissivas	75
6.1.1. A macroestrutura	75
6.1.1.1 Critérios de seleção das entradas	76
6.1.1.2 A forma das entradas	77
6.1.2 A microestrutura	81
6.1.2.1 Características dos verbetes	81
6.1.3 O sistema de remissivas	82
6.1.4. Programa e fonte	83
6.1.5. Ilustrações	83

CAPÍTULO VII
ASPECTOS DA MORFOLOGIA

7.1. Prefixos	85
7.2. Sufixos.....	86
7.3. Flexão e derivação	87
7.3.1. Flexão.....	87
7.3.2. Derivação	88
7.4. Classes de palavras	88
7.4.1. Nome.....	89
7.4.1.1. Sistema pronominal.....	90
7.4.1.1.1. Pronomes pessoais	91
7.4.1.1.2. Pronomes possessivos.....	91
7.4.1.1.3. Pronomes demonstrativos.....	92
7.4.1.1.4. Pronomes interrogativos.....	93
7.4.1.1.5. Caracterização semântica dos nomes.....	93
7.4.1.1.6. Gênero	94
7.4.1.1.7. Termos de parentesco.....	96
7.4.1.1.8. Composição	98
7.4.2. Verbos	99
7.4.2.1. Transitivos e bitransitivos	99
7.4.2.2. Intransitivos	100
7.4.2.3. Auxiliar.....	100
7.4.2.4. Supletivos.....	102
7.4.3. Advérbio	105
7.4.4. Adjetivo.....	107
7.4.5. Quantificador	109
7.4.6. Numeral.....	110

CAPÍTULO VIII
O DICIONÁRIO MATIS-PORTUGUÊS

8.1. A macroestrutura	113
8.2. A microestrutura	113
8.3. Organização tipográfica das entradas	114
8.4. Dicionário matis-português	115
CONCLUSÃO	195
BIBLIOGRAFIA	199
ANEXO	206
TABELAS	
Tabela 01: exemplos de entradas	54
Tabela 02: autores, objetivo e direção	56
Tabela 03: variedade, perspectiva e apresentação	58
Tabela 04 : traços.....	59
Tabela 05: informações gramaticais e semânticas.....	60
Tabela 06: afixos nominais.....	90
Tabela 07: pronomes	91
Tabela 08: pronomes possessivos	91
Tabela 09: pronomes demonstrativos	92
Tabela 10: termos de parentesco	96
Tabela 11: composto.....	98
Tabela 12: composto.....	98
Tabela 13: composto.....	99
Tabela 14: verbos supletivos	102
Tabela 15: verbos supletivos antipassivos	105
Tabela 16: afixos verbais	105
Tabela 17: advérbios	106
Tabela 18: numerais	110

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

1p.	primeira pessoa
2p.	segunda pessoa
3p.	terceira pessoa
3conc.	concordância com terceira pessoa
A.	sujeito da transitiva
abs.	absolutivo
advzdor.	adverbializador
aux.	auxiliar
C_	ocorre depois de consoante
Cf.	conferir
col.	coletivo
conc.	concordância
conc.intr.	concordância intransitiva
decl.	declarativo
des.	desiderativo
descr.	descritivo
desl.	deslocamento
enf.	enfático
erg.	ergativo
exist.	existencial
exist.afirm.	existencial afirmativo
exist.neg.	existencial negativo
exp.	experencial
intens.	intensificador
intr.	intransitivo
lit.	literalmente
loc.	locativo
N.	nome
neg.	negação
n.pass.	não passado

nzdor	nominalizador
O	objeto da transitiva
pass.....	passado
pass. dist.	passado distante
pass.n.rec.....	passado não recente
pass.rec.....	passado recente
pass. rem.....	passado remoto
pl.	plural
refl.	reflexivo
reflzdr.....	reflexivizador
rel.	relativo
rest.	restritivo
S	sujeito da intransitiva
A/S>S.....	mesmo sujeito
sg.	singular
simult.....	simultâneo
SN	sintagma nominal
SR.	switch-reference
trans.	transitivo
V	verbo
V_.....	ocorre depois de vogal
~	alterna com

RESUMO

O objetivo desta tese é apresentar o léxico da língua matis, propondo um dicionário bilíngüe matis-português. Essa língua, da família Pano, é falada por 250 pessoas no estado do Amazonas, sendo a grande maioria monolíngüe em matis.

O trabalho inclui a etno-história dos matis, seu modo de vida atual e sua língua, bem como algumas características da família Pano. Apresenta ainda, um estudo sobre alguns princípios de lexicologia e lexicografia e do fazer lexicográfico, como também as relações entre a lexicografia, a lexicologia e a semântica. Algumas considerações sobre dicionários bilíngües são feitas a partir da comparação de cinco dicionários bilíngües indígena-português. Esclarecemos os procedimentos adotados na compilação do dicionário matis-português, pondo em prática a metodologia lexicográfica .

Consta, também, nesta tese, um capítulo sobre alguns tópicos descritivos da morfossintaxe da língua matis, a fim de auxiliar o leitor no entendimento dos verbetes do dicionário. Por fim, apresentamos o dicionário matis-português, precedido de algumas explicações concernentes à sua organização.

O dicionário apresentado nesta tese compreende 1547 entradas, organizadas em ordem alfabética. A notação utilizada é a fonológica. Para cada entrada são fornecidas informações gramaticais, semânticas e pragmáticas.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to present the lexicon of the Matis language through a matis-portuguese bilingual dictionary. Matis language belongs to Pano family languages and 250 persons at the Amazonas State, Brazil speak it. The majority of Matis speakers are monolingual people.

This work contains an ethno-history of Matis people, their contemporary way of life and their language, as well some characteristics of the Pano family languages. We also present a study about some fundamentals of lexicology, lexicography and lexicographical work. The relations among lexicography, lexicology, and semantics are shown in a specific topic. We consider bilingual dictionaries, taking a comparison among five indigenous - portuguese bilingual dictionaries. At the first part of the dissertation we explain the proceedings taken in the compilation of matis dictionary, calling the attention of the reader to the fact that these proceedings follow the lexicographical methodology.

On this dissertation, we present yet a chapter about some descriptive morphosyntax topics in Matis language in order to allow the reader to understand better the entries. Finally, the Matis dictionary is preceded by some explanation about its organization.

The dictionary presented on this work has 1547 entries, organized in an alphabetical sequence. The recordings of them are phonological, and each entry contains: grammatical, semantics, and pragmatics information.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o estudo do léxico¹ da língua matis, da família lingüística Pano, por meio da elaboração de um dicionário bilíngüe matis-português. Para tanto, na parte inicial, fazemos considerações sobre a lexicologia e a lexicografia, tendo em vista a elaboração do referido dicionário.

Esta tese possui oito capítulos, além desta introdução. O primeiro capítulo contém considerações sobre a situação de pesquisa com a língua matis: o objetivo, a justificativa para a escolha do tema da tese, a metodologia usada no trabalho (local de coleta dos dados, nomes dos colaboradores, tempo de duração da pesquisa) e as delimitações do trabalho.

O segundo capítulo consiste em duas partes: um histórico sobre os Matis (seu modo de vida, como ocorreu o contato com os não-indígenas e as influências dos outros povos da região (indígenas e não-indígenas) e uma apresentação sobre as línguas da família lingüística Pano faladas no Brasil, Colômbia, Bolívia e Peru.

O terceiro capítulo, dividido em quatro partes, trata dos princípios básicos de lexicologia e de lexicografia: o sistema da língua, os traços criteriais, a significação no contexto e algumas relações entre a lexicografia, a lexicologia e a semântica.

¹ De acordo com Dubois (1973), o léxico é 'o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor' (Dubois, 1973:364) (cf. capítulo VI, seção 6.1.1.2). Ainda, segundo Chierchia (2003:26), o léxico é 'o conjunto de palavras de uma língua'.

No quarto capítulo fazemos uma comparação entre alguns dicionários bilíngües indígenas e tecemos comentários sobre suas características.

No quinto capítulo expomos a metodologia teórica utilizada para o dicionário matis: tipologia, campos semânticos, relações de significado, homonímia e polissemia, sinonímia e antonímia e a macro e microestruturas do dicionário.

O sexto capítulo traz os métodos e procedimentos da compilação dos lexemas do dicionário matis-português: elaboração da macro e microestrutura e do sistema de remissivas.

No sétimo capítulo descrevemos alguns aspectos da morfologia da língua com as informações indispensáveis para que o leitor compreenda o dicionário.

O oitavo capítulo apresenta o dicionário matis-português, precedido por um guia de leitura para o usuário.

Na última parte, concluimos os assuntos abordados nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO I**SITUAÇÃO DA PESQUISA COM A LÍNGUA MATIS:****OBJETIVOS, JUSTIFICATIVAS, METODOLOGIA E DELIMITAÇÕES**

Neste capítulo abordamos alguns aspectos que envolvem o trabalho com o léxico da língua matis. Como se trata de uma pesquisa com uma língua indígena, algumas questões referentes ao trabalho de campo merecem ser colocadas aqui, ou seja, a metodologia para a coleta de dados da língua. Da mesma forma, descrevemos os objetivos da pesquisa, as justificativas para a escolha do objeto de estudo e as delimitações do trabalho.

1.1. Objetivo

O objetivo deste trabalho é estudo do léxico da língua matis, definido e organizado em forma de dicionário bilíngue: matis-português. Para a elaboração desse dicionário, o léxico foi organizado em ordem alfabética, contendo informações gramaticais, semânticas e pragmáticas sobre cada palavra listada.

Sua documentação se destina aos estudiosos das línguas indígenas brasileiras e a qualquer pessoa que queira conhecer essa língua e um pouco mais das línguas da família Pano.

1.2. Justificativas

No Brasil há poucos estudos lexicográficos e lexicológicos de línguas indígenas, resultando na produção de dicionários. Encontramos algumas teses, como a de Weiss (1998) e de Alves (2004), bem como uma dissertação (Silva: 2003). O que se encontra, na grande maioria dos casos, são dissertações e teses que tratam da fonologia, da morfologia e da sintaxe dessas línguas. Nesse sentido, um dicionário da língua matis contribui para o conhecimento dessa língua, uma vez que os aspectos fonológicos e morfossintáticos da mesma já foram descritos².

Trabalhar com o conjunto lexical não só contribui para a documentação e a promoção de seu uso, mas também aumenta o conhecimento científico das línguas indígenas faladas no Brasil. A análise lingüística e o dicionário matis, podem, ainda, servir como base para quaisquer estudos futuros dessa língua e povo, como pesquisas comparativas do matis com outras línguas relacionadas, reconstrução de suas estruturas com um objetivo histórico-comparativo com as línguas da mesma origem, a verificação de universais de categorias gramaticais, a aprendizagem da língua, e um maior conhecimento das línguas Pano em geral³.

Há um crescente interesse pelos povos indígenas brasileiros e, em especial, pelas línguas indígenas faladas atualmente⁴. O acesso ao conjunto lexical da língua

² A fonologia e a morfossintaxe desta língua foram descritas nos seguintes trabalhos : Spanghero (2000) e Ferreira (2001), respectivamente.

³ Verificar o capítulo II sobre as línguas Pano.

⁴ Há diversos trabalhos lingüísticos realizados sobre as línguas indígenas brasileiras. Sobre as línguas Pano, especificamente, encontramos algumas referências em Aguiar (1994).

matico, juntamente com os trabalhos de fonologia e de morfossintaxe já existentes, permite que essa língua se torne ainda mais conhecida. Ressalta-se que o matis, até pouco tempo, permanecia sem estudo.

Trabalhar com tradução de línguas é algo bastante complexo. Tal complexidade se deve ao fato de que diferentes povos compreendem o mundo de diversas maneiras, e isso é totalmente refletido em sua língua. Cada língua é diferente, possuindo características particulares que as definem. Em sua diversidade lingüística, ela supre exatamente a necessidade de comunicação de seus falantes, e geralmente não há nada que eles não possam expressar pelo fato de não encontrarem em sua própria língua o termo de que precisam. A língua é o fundamento básico da cultura de um povo, desse modo, reflete a sua cosmovisão e suas aspirações.

No léxico concentram-se os aspectos centrais de cada cultura. Geralmente, ele mostra um detalhamento maior de lexemas⁵ para designar animais, objetos, plantas e outros aspectos, que são vitalmente importantes para uma determinada comunidade. As culturas indígenas, por viverem nas matas, conhecem um vasto repertório de designações para fauna e flora, podendo detalhar cada parte do animal e da planta. Estas e outras denominações constituem o conhecimento da comunidade que é transmitido oralmente. Dessa forma, apresentar o léxico da língua matis contribui para que sua língua seja conhecida.

⁵ Para Dubois (1973:360), o lexema é a unidade básica do léxico. Segundo Hartmann (1983:4), lexema é a unidade básica do dicionário; a combinação de forma e significado.

A correlação entre língua e cultura é importante na compilação de um dicionário. É essencial, neste tipo de trabalho, além da análise gramatical, o conhecimento do funcionamento do significado nos contextos lingüísticos e culturais de cada sociedade, o que é bastante complexo.

Escolhemos elaborar um dicionário para a língua matis pelas características inerentes a este tipo de obra, que são diferentes das encontradas em um vocabulário e em um glossário. Com relação a este assunto, encontramos em Barbosa (1993) algumas considerações, que abordaremos a seguir.

Segundo a autora (op. cit), os vocabulários representam um inventário lexical mais restrito que o de um dicionário. Tal inventário busca ser representativo de um universo de um discurso, que compreende por sua vez diversos tipos de discursos manifestados, e configura numa norma lexical discursiva. Os vocabulários apresentam, assim, somente as entradas⁶, com suas respectivas traduções, sem nenhuma informação morfológica e pragmática. Alguns exemplos: “Vocabulário das Tribos Caingangs, Caiguás e Chavantes”, “Vocabulário Zoológico Kaingang” e “Pequeno Vocabulário Tupi-português” (cf. Almeida, 1988).

⁶ Com respeito à nomenclatura utilizada na literatura, um verbete consiste de uma ‘headword’ (palavra-entrada), isto é, uma palavra listada no dicionário e de toda informação sobre ela (a escrita, a pronúncia, a classe gramatical e o significado). Para Zgusta (1971: 248), essas informações são imprescindíveis. Para designar as palavras listadas no dicionário Zgusta (op. cit.) grafa ‘entries’ e ‘entry-words’. Landau (1989) utiliza os termos ‘word-entry’ e ‘entry’; ‘entrada de verbete’, ‘palavra-entrada’ e ‘entrada’ são utilizados por Welker (2004). Em nosso trabalho, chamamos de ‘entrada’ as palavras arroladas alfabeticamente no dicionário e de ‘verbetes’ a constituição da ‘entrada’ e de toda a informação sobre ela.

Os glossários são constituídos de uma coletânea de palavras de um texto específico ou de um autor, com ou sem definições breves, e que podem vir afixados a um livro ou a um artigo. É uma fonte de conhecimento de um determinado corpus de sub-áreas da língua geral ou especial, ou de palavras e frases obscuras, e pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática em uma situação de enunciado, em uma situação de discurso exclusiva e bem determinada. Da mesma forma que os vocabulários, os glossários não apresentam informações morfológicas. Exemplos: “Étimos Caribes, Étimos Aruacos, Étimos Bororós”, “Glossário de Palavras Indígenas”, “Glossário das Palavras e Frases da Língua Tupi” (cf. Almeida, 1988).

O dicionário é mais completo, pois carrega o léxico de uma língua. Sua compilação deve selecionar quais as unidades básicas do léxico que servem como entrada; o significado dos lexemas e como defini-los; qual a extensão e tipo da informação fornecida sobre a entrada (campos semânticos) e se o procedimento é semasiológico (descritivo, trata dos sentidos) ou onomasiológico (normativo, trata das designações).

Ainda, sobre a diferença nestes tipos de obras, Muller (1968:20) afirma que o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas, os quais são as unidades-padrão lexicais do sistema. Os vocabulários técnico-científicos e especializados buscam situar-se ao nível de uma norma lingüística e sociocultural; o vocabulário fundamental busca reunir os elementos constitutivos de intersecção dos conjuntos-vocabulários de uma comunidade ou de um segmento social; o glossário

se encontra geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelo(s) autor(es). Para Vilela (1995:13,14), o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, ideais de uma língua, e o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes em um determinado lugar e tempo, ocupados por uma comunidade lingüística; o léxico é o geral, o social e o essencial, e o vocabulário é o particular, o individual e o acessório. O glossário é, por sua vez, o vocabulário de um autor, de uma escola ou de uma época.

De acordo com esse ponto de vista, encontramos no Brasil alguns trabalhos denominados "dicionários" sobre línguas indígenas, porém, na maioria dos casos, são apenas listas de palavras, muito limitadas em virtude do tipo de informação que carregam. Apesar disso, esses trabalhos são uma etapa inicial para a produção de verdadeiros dicionários. Por exemplo, o "Dicionário Parecis-Português, Português-Parecis" (Rowan & Rowan, 1978), traz somente a palavra-entrada na língua-objeto com a sua respectiva tradução em português, como: *abé* (dir) *abébe*, *haséro* "avó"; *abebe* "avó"; *ihátihena* "madurando", *áholotyá* (intr), *áholoharetya* (tr) "prognosticar mal"⁷.

No caso da língua matis, aplicamos a fundamentação teórica da lexicografia com o propósito de elaborar um dicionário mais completo, com a macro e micro estrutura e o sistema de remissivas do dicionário. Levamos em consideração as características morfossintáticas, semânticas e pragmáticas da língua, pois

⁷ Os autores não explicam o significado entre parênteses.

acreditamos que, dessa forma, apresentamos de uma forma mais adequada a língua matis para o leitor.

Podemos constatar que, fora do Brasil, a tradição neste tipo de estudo é maior. Como afirma Ballón (1985), se olharmos o catálogo de publicações do Centro de Investigação de Lingüística Aplicada da Universidade Nacional Mayor de San Marcos (CILA) verificaremos um número importante de dicionários, léxicos, vocabulários e glossários das línguas indígenas peruanas publicado por esta instituição, bem como a existência de um trabalho pessoal de muitos lexicógrafos e de outras instituições empenhadas em cobrir o mapa lexical das línguas aborígenes do Peru.

Finalmente, como expressa o autor, "os léxicos e dicionários de línguas andinas e selváticas respondem, em sua maior parte, à situação de bilingüismo regional que inclui os empréstimos lexicais de outras línguas..." Ballón (1985: 64), traduzido. Não de maneira diferente do castelhano, o dicionário matis revela, ainda, o quanto essa língua está sendo influenciada pelo português.

Diante do que foi visto, o dicionário matis vem contribuir com os trabalhos lexicográficos e com a pesquisa sobre as línguas indígenas brasileiras, pelo fato de serem escassos os trabalhos com o léxico dessas línguas e pelo seu aspecto científico dentro das pesquisas que estão sendo realizadas com esta língua e como fonte de documentação das línguas indígenas.

1.3. Metodologia de trabalho de campo

Como já foi dito acima, esta pesquisa insere-se na área de descrição de uma língua indígena. Nesse aspecto, apresentamos a metodologia seguida no trabalho de campo.

Os trabalhos de campo com os matis foram realizados na cidade de Tabatinga (AM), cidade mais próxima da aldeia matis⁸. No total, foram quatro trabalhos de campo, entre 1998 a 2002, que são descritos a seguir.

Durante o mestrado, entre 1998 e 2000, fizemos duas viagens à Tabatinga para coleta de dados com os matis. Foram realizados, durante o programa de doutorado, dois trabalhos de campo, em 2001 e 2003. Porém, nossos dados sobre a língua não se limitam a essas viagens. Além do material que havíamos adquirido junto aos matis, utilizamos, também, para o estudo lexicológico e a elaboração lexicográfica, dados de outro pesquisador, Rogério V. Ferreira, que trabalha com a mesma língua. Ferreira realizou três viagens à aldeia matis, entre 1995 e 1996, permanecendo na mesma cerca de dois meses em cada período. Como o

⁸ Não obtivemos, por parte da Funai (Fundação Nacional do Índio), a autorização de entrada em área indígena. Desde o início do mestrado, em 1998, pedimos autorização para entrar em área Matis, porém, tal autorização nunca foi concedida, pelo fato de, segundo a Funai, já existir um pesquisador trabalhando com o grupo. Na época em que foi feito o pedido, o único pesquisador que trabalhava com os Matis era o antropólogo Philip Erikson (Universidade de Paris X), no entanto, ele não se encontrava mais no campo. Fizemos um novo pedido de entrada, em 2000, que também foi negado. Assim, desde a primeira vez que a nossa autorização de entrada nos Matis não foi concedida, decidimos trabalhar com eles na cidade mais próxima de sua aldeia.

pesquisador fez uma pesquisa *in locu*, achamos que seria produtivo compararmos os dados coletados por ele com os nossos.

Utilizamos, também, a dissertação de mestrado do pesquisador (op. cit), sobre a morfossintaxe da língua (Ferreira: 2001). Muitas palavras foram retiradas de texto coletados com os matis. Vale ressaltar que o nosso trabalho, junto com os de Ferreira, são os únicos trabalhos lingüísticos existentes sobre essa língua.

A coleta de dados para essa pesquisa teve a duração de aproximadamente dois meses em cada viagem. Algumas pessoas vieram da aldeia para trabalhar conosco na cidade, como colaboradores da língua⁹: Binan, seu filho adolescente (Bini) e suas duas esposas (Dani e Tupa), Ivan e outros rapazes da aldeia que estavam sempre em trânsito pela cidade.

Os falantes nativos são praticamente monolíngües em matis. As mulheres, quase todas, por raramente saírem da aldeia, não falam nem entendem quase nada do português. As crianças estão na mesma situação. As mais velhas, por viajarem para a cidade com seus pais, conseguem entender e falar um pouco a nossa língua. Somente alguns homens conseguem entender e se comunicar em português: aqueles que constantemente viajam à Tabatinga para vender artesanato e comprar alimentos e outros gêneros.

Houve várias discussões importantes entre os matis quando perguntávamos alguma coisa que não tinham compreendido direito. Os homens conversavam o

⁹ O trabalho de coleta de dados lingüísticos se dá, geralmente, mediante a pagamento aos colaboradores indígenas. Eles preferem assim, visto que separam um tempo de seu trabalho e de sua rotina para se dedicarem ao trabalho conosco.

tempo todo com as mulheres para nos darem uma resposta que fosse aceita por todos os matís presentes no momento. Quando entrevistávamos as mulheres, a situação era a mesma.

A rotina de trabalho baseou-se em entrevistas com os colaboradores, com questionários previamente elaborados, como também em dados coletados que surgiram espontaneamente, das conversas e situações nas quais estávamos inseridos. A coleta de dados para a investigação da língua baseou-se em algumas práticas da literatura lingüística acerca do trabalho de campo, elucidadas em Kibrik (1977), com algumas adaptações, como a utilização de CDs digitais:

- a) eliciação de dados com os falantes nativos da língua, de várias faixas etárias e sexos diferentes, chamado por Kibrik (op. cit) de "método ativo", com questionários previamente elaborados, como foi dito acima;
- b) verificação e processamento dos dados ouvidos e elicitados ainda no campo;
- c) gravações, em CDs digitais de: palavras, textos narrativos sobre atividades cotidianas, relatos de viagens sobre os tempos antigos e os rituais;
- d) fichamento dos dados lingüísticos.

O fichamento dos dados obedeceu a certos critérios de pesquisa. Por exemplo, com relação ao léxico, foi dada toda a possível informação básica acerca da palavra, como: i) a transcrição fonética, ii) as variações morfofonológicas, iii) as classes gramaticais, iv) a definição e qualquer outra informação relevante, tais como a pessoa que forneceu o dado, quando, o local e em qual situação, v) exemplos da

palavra em vários contextos, vi) quando há múltiplos significados ou conotações. Esse procedimento se deu com vistas ao dicionário.

Com respeito a "definição lexicográfica", alguns autores a denominam "equivalente". Werner (1982) considera o equivalente um tipo de definição. Para Baldinger (apud Welker, 2004) há equivalência por sinonímia e por definição. Neste trabalho utilizamos "definição" como a tradução da palavra matis para o português, bem como as explicações sobre ela. Ex: *pípe* "tapiri" (choupana construída para abrigar as pessoas provisoriamente).

Abaixo, segue um exemplo de ficha utilizada em nosso trabalho:

Ficha 1

Dezembro de 2003

Tabatinga - AM

Colaborador: Bina Tukun

Dado coletado mediante questionário pré-elaborado

a) *tʃanpi* "menina", "moça", "mulher". Palavra utilizada pelas mulheres para se referirem umas às outras. Os homens referem-se às mulheres como *tʃidabo*.

classe gramatical: nome

Exemplo:

misteta *tʃanpi* muşawa-e "Quantas meninas tatuaram?"

Para o fichamento dos dados e compilação do dicionário, foi usado o programa computacional Microsoft Office Word 2003. Vale ressaltar que, na elicitación de nomes de objetos, termos para quantidades, cores, flora e fauna, o uso de figuras auxiliou na coleta. A fim de tornar a coleta de dados mais produtiva, nossa

elicitação foi dividida por campos semânticos, como fauna e flora. Dessa forma, direcionamos as eliciações e as tornamos mais clara para os colaboradores. É importante dizermos que nosso trabalho foi todo baseado em dados coletados diretamente com os falantes nativos da língua matis.

1.4. Delimitações

Nesta tese, concentramo-nos na análise das unidades lexicais da língua matis. Fornecemos, para cada entrada do dicionário, informações gramaticais, semânticas e pragmáticas da língua, com exemplos nos quais essas unidades estão inseridas. As unidades léxicas foram selecionadas segundo alguns critérios lingüísticos, abordados no capítulo V ("Metodologia Teórica").

Objetivamos, com vistas ao dicionário, a análise das unidades lexicais dessa língua, pois consideramos o léxico uma parte importante que merece ser analisada. Apresentamos, assim, o léxico em forma de dicionário.

Uma parte da análise dos dados foi realizada ainda no campo, com testes sucessivos em cada retorno. Procedendo dessa forma, obtivemos os resultados que serão apresentados nos capítulos que se seguem.

Neste capítulo descrevemos os objetivos da pesquisa, as justificativas para a escolha do objeto de estudo, a metodologia e as delimitações do trabalho. A seguir, faremos uma apresentação sobre os matis e as línguas da família Pano.

CAPÍTULO II

O POVO, A LÍNGUA MATIS E A FAMÍLIA PANO

Neste capítulo fazemos uma descrição sobre o povo matis, a sua língua e as línguas da família Pano faladas no Brasil e no exterior.

2.1. Etno-história matis

Segundo o CEDI¹⁰ (1981:83), *matis* é a autodenominação desse povo, provavelmente uma variação de *matsés*, autodenominação dos mayorúna (ou mais especificamente, *manánuc matsés* "gente da terra-firme").

A história do contato dos matis com os não indígenas ainda é pouco conhecida, pois não há documentos escritos que falem deles claramente antes de 1970. Ainda em 1972, os funcionários da FUNAI confundiam-nos com os índios da confluência Ituí/Itacoaí, sob a denominação de marubo.

Até 1965, aproximadamente, os matis moraram entre os rios Curuça e Ituí. A data em que atravessaram o Ituí para a margem direita não está indicada. Após

¹⁰ ‘Centro Ecumênico de Documentação Indígena’, atualmente ‘Instituto Socioambiental’ (ISA).

alguns contatos com os não indígenas, dos quais decorreram algumas mortes, tanto dos matis quanto de alguns madeireiros, os matis passaram de desconhecidos a grupo com características culturais próprias. A partir de 1974, se instala o Posto Indígena de Atração (PIA) Ituí, posto da FUNAI que acabaria por atraí-los. Em 21 de dezembro de 1976, os matis entram em contato com o posto, em sucessivas visitas. Assim, a partir de 1979 o contato foi consolidado.

De acordo com o CEDI (1981:88), o grupo era bastante numeroso, mas, sendo quase totalmente dizimado por uma epidemia de gripe, resolveu se separar em grupos menores. De acordo com Erikson (1994a), estimados em várias centenas na época dos primeiros contatos no fim dos anos 1970, os matis não passavam de 87 em 1983, quando pareciam ter desistido de ter filhos e de praticar seus rituais. Nesse meio tempo, ocorreram várias epidemias. Os últimos meses de 1981 foram especialmente trágicos, tendo custado a vida de uns cinquenta matis, levando os sobreviventes, traumatizados, a abandonarem seu habitat disperso na floresta para se agruparem em torno de um Posto Indígena de Atração da FUNAI, situado às margens do rio Ituí a fim de adquirir remédios.

De acordo com Erikson (1994a), mais recentemente, o grupo parece ter decidido reagir. As suas roças recomeçaram a produzir normalmente, alguns rituais ressurgiram e a população já chegava a 123 no final de 1987. Segundo o autor (op. cit), contudo, persiste o choque demográfico e psicológico decorrente de um contato absurdo e desnecessariamente mortífero. Segundo Erikson (1990), por sua brutalidade, a experiência do contato desestruturou a demografia e o padrão de ocupação territorial dos matis, acarretando sérias modificações em suas redes

políticas e vida cotidiana. A organização social foi também seriamente afetada, já que a diminuição da população obrigou vários viúvos a transgredir as regras tradicionais de casamento para encontrar um novo cônjuge. A abundância dos bens manufaturados (sal, cartuchos, sabão) e as novas necessidades dela decorrentes levaram à uma reestruturação das práticas econômicas.

Apesar de todos os problemas relatados acima, os matis não têm sofrido o endividamento crônico nem o alcoolismo que obrigam tantos outros povos amazônicos a optar por atividades extrativistas remuneradas, em detrimento de suas próprias atividades de subsistência. Sua pequena introdução na economia de mercado teve apenas uma triste consequência: a evidente queda de qualidade do artesanato matis, associada à uma redução na quantidade de objetos tradicionais disponíveis *in locu*. Eles vendem tanto seus artesanatos que às vezes faltam colares, zarabatanas, e até flechas para seu uso pessoal.

Obviamente a chegada dos não indígenas surtiu alguns efeitos sobre a vida material dos matis. Porém, o contato também teve repercussões de ordem conceitual e simbólica. Em especial, houve modificações nas representações etiológicas e nas representações associadas ao xamanismo. Alguns anos após o contato eles encontravam-se num impasse: não queriam de modo algum tornarem-se não indígenas, mas, por outro lado, achavam-se impossibilitados de manter as práticas que consideravam mais importantes como símbolos de identificação.

Com relação às técnicas agrícolas que podiam suprir a ausência de ferramentas metálicas, antes da FUNAI, os machados e terçados eram obtidos de outros fornecedores, provavelmente de ribeirinhos, povos da região. Talvez a melhor

prova da antigüidade desses objetos esteja nos seus vários nomes utilizados pelas gerações anteriores: *kashi* para os terçados e *bukuchichu* para as facas, em vez dos termos *dui* e *duin baku* utilizados hoje em dia.

Antes do contato “oficial”, os matis já tinham uma tipologia da humanidade na qual os *nawa*, estrangeiros, já ocupavam um lugar proeminente, pois eram claramente distintos dos *matis w'isi* “outra gente”, principalmente os outros indígenas da mesma família (Pano) que a sua, os vizinhos matses, korubo e marubo, geralmente denominados *mayoruna*. Historicamente, os antepassados dos matis poderiam ter obtido informações detalhadas sobre os não indígenas através das missões, nas quais a presença dos *mayoruna* é registrada desde 1654. No início deste século, duas mulheres matis foram raptadas com seus filhos por colonos do rio Branco. Escaparam depois de vários anos sem os seus filhos e, provavelmente, ao retornar forneceram informações detalhadas sobre seus raptadores (Erikson, 1994 :11).

Em comparação com outros grupos indígenas próximos, tais como os matses, os matis têm sofrido, em tempos recentes, pouca violência e, mais raramente, recorrido a ela. Em geral, embora procurassem manter-se isolados, eles conheciam os não indígenas, distinguindo bem, por exemplo, os do Ituí e os do rio Branco, com quem as relações eram mais difíceis e com quem procuravam manter relações pacíficas (Erikson, 1994:11).

Para Erikson (1994:15), o fato de os matis terem agora muito mais oportunidades de conviver com os não indígenas em nada diminui a alteridade radical que caracteriza estes últimos, pois continuam tão “afastados” quanto antes.

Os matis dizem, por exemplo, que os regionais (de Benjamin Constant, Atalaia do Norte ou Tabatinga) não são os “verdadeiros *nawa*” (op. cit.) e que estes vivem muito mais longe, na Europa ou no Japão. Segundo o autor, os matis encontraram-se com alguns japoneses durante a realização de um filme para a televisão Fuji, em 1985. Devido ao seu equipamento sofisticado, sua falta de segurança na floresta e o fato de terem sido apresentados como provenientes do outro lado do oceano fizeram com que os cineastas fossem classificados entre os *nawa kimo*, os “estrangeiros autênticos”. A pele e os olhos claros de outros *nawa* também estão entre os critérios de definição dos *nawa kimo*.

Assim, a questão que sempre está em pauta em suas conversas não é “quem são os brancos”, mas, antes, “quem somos nós depois da chegada deles”.

2.2. Os matis na atualidade

O último censo realizado pelo CEDI (1981:83) dava conta de um número reduzidíssimo de índios, apenas 138 pessoas, distribuídas pelas aldeias do Rio Coari, do Rio Branco, do Igarapé Boeiro, do Igarapé Jacurapá e entre os igarapés Jacurapá e Boeiro. Atualmente, os matis vivem na região do Amazonas, fronteira com o Peru. Segundo o CEDI (1981), a área usada pelos matis é uma faixa que se estende do médio Ituí, passando pelo alto Coari até o médio rio Branco. São, aproximadamente, 262 pessoas vivendo em uma mesma aldeia, morando em várias malocas feitas de folhas de palmeira.

Com respeito à economia, os matis dedicam-se à economia de subsistência. Ainda mantêm sua técnica agrícola, que consiste na derrubada da mata e limpeza do terreno a fogo. Produzem banana, mandioca, milho, abacaxi e outras colheitas tradicionais. Usam zarabatanas com quatro metros de comprimento para pequenas caças como macacos e pássaros, e usam o arco e flecha para capturarem outros animais de porte, como porcos do mato, por exemplo. A caça consiste de caitetu (porquinho), queixada, anta, preguiça, macacos e outros. A pesca também faz parte de seus costumes.

Como a maioria dos índios da Floresta Amazônica, os matis produzem uma bebida fermentada de pupunha, milho e mandioca: a chicha. Segundo Erikson (1991), geralmente esta bebida contribui com nutrientes significativos na dieta da população da Amazônia. Diversos especialistas afirmam que ela ajuda os índios a balancearem suas dietas, permanecendo saudáveis, apesar dos inúmeros parasitas intestinais que possuem. De acordo com o autor, os matis não tomam água natural. A chicha substituiria, em parte, a desidratação causada por essa ausência. Porém, atualmente isso não ocorre. Eles bebem a água dos rios sem restrições e continuam a tomar essa bebida.

Com relação à divisão do trabalho dentro da aldeia, os homens têm o dever de caçar, pescar e fazer a roça, e as mulheres de limpar a caça, cozinhar e cuidar dos filhos. Os homens e as mulheres fazem os artesanatos: as mulheres fazem colares, pulseiras e panelas; os homens as armas de caça e pesca.

Os matis vivem praticamente nus. Eles só se vestem quando alguém da cidade os visita.

Ainda sobre o aspecto econômico, produzem trabalhos de artesanato para eles e também para venderem nas cidades mais próximas. Pelo menos, em um intervalo de dois meses, alguns homens sempre viajam da aldeia para Atalaia do Norte, Benjamin Constant ou Tabatinga, cidades mais próximas, para venderem seus trabalhos e comprarem mantimentos e roupas para as suas famílias. Geralmente levam, em média, três dias de barco até a cidade.

Os trabalhos artesanais dos matis são o arco, a flecha, a zarabatana (medindo de três a quatro metros de comprimento), as panelas de barro, as bolsas e os colares.

Quanto à gastronomia, os matis geralmente comem carne e mandioca pela manhã. No decorrer do dia, quando sentem fome, fazem suas refeições. Os alimentos introduzidos pelos não indígenas, tais como sal, açúcar e feijão, fazem parte de seus costumes.

As mulheres e as crianças praticamente nunca vão à cidade, pois os maridos fazem todo o serviço de comercialização e compra dos mantimentos e vestimentas. Assim, somente alguns homens, alguns adolescentes e algumas crianças mais velhas que acompanham seus pais nas viagens entendem o português. Os adolescentes que estão estudando na cidade compreendem melhor a nossa língua, porém, poucos falam o português com fluência.

Com respeito às suas crenças, de acordo com Erikson (1994), os matis possuem uma forma singular de entender o mundo a partir de um sistema de "sabores" dividido em duas formas básicas: *bata sho* "doce" e *sho* (ou *chimu*) "amargo". O equilíbrio entre os dois sabores produz uma grande quantidade de *sho*,

que poderia ser explicado como “a fonte de poder dos Xamãs e homens importantes”. No entanto, o campo semântico do conceito transborda em muito do estrito quadro da etiologia. Por ser uma substância perigosa, já que lida com o poder, um excesso de *sho* pode ser letal. Ambivalente por excelência, essa substância apresenta aspectos ora positivos, ora negativos.

Quando foram acometidos por epidemias desconhecidas, os matis entenderam que deveriam suspender as tatuagens e a maioria dos adornos de pele. Estes, pelo fato de estarem associados à dor, são compreendidos como fonte natural de obtenção de *sho*. No passado, para melhorarem suas caçadas, os homens se abstinham de alimentos doces, como frutas, e mantinham um regime alimentar que priorizava os sabores amargos. Alimentos amargos eram ingeridos como forma de se conseguir uma maior quantidade de *chimu*. *Chimu* designa, além do amargor, a dor, o gume e o picante, daí sua ligação com as tatuagens. Porém, ao mesmo tempo em que essa substância os tornava melhores caçadores, expunha-os às doenças.

É importante compreender que o termo *chimu* é ambivalente e, por significar a dor, tem o seu lado patogênico. As doenças, que são impregnadas de *sho* negativo, podem ser enviadas em setas de zarabatana ou através da inalação. Esta última é a forma de contágio dos homens brancos.

Segundo Erikson (1994), neste sistema de crenças, qualquer ocorrência de infelicidade, como as epidemias, obriga uma redução de ingestão de alimentos amargos. O autor (op. cit.) argumenta que a geração anterior ao contato já havia abandonado o tabaco e os alucinógenos. Após as epidemias, o grupo restringiu o uso do *tachik*, uma bebida estimulante de efeito equivalente ao café. O autor conta

que, Makë, um jovem matis, que sentiu orgulho em ver seu sobrinho tatuado, no auge das epidemias desistiu de caçar, embora fosse excelente caçador antes do contato. Ele sentiu medo e, entre os matis, existe uma profunda ligação conceitual entre o medo e a recusa de caçar: ambos estão associados à noção de *dakur*, que significa “escutar o próprio corpo, temer”.

Os rituais estão intimamente ligados ao *sho*, isto é, à dor. Com relação aos rituais tradicionais, o mais importante é o *mariwin*. Neste ritual, que acontece pelo menos uma vez ao ano, um homem adulto se adorna com folhas de palmeira e penas, representando um “espírito” que castigará os adultos e crianças. Com pedaços de madeira, ele surra crianças e adultos que não se comportaram bem, ou que fizeram coisas erradas de acordo com a sua cultura. Os pais não podem interferir. Adultos preguiçosos, que não caçam e não fazem roça como deveriam, também são castigados. Os matis acreditam, assim, que a surra “lavará” os seus erros e os tornarão crianças e adultos melhores.

Outro tipo de ritual é o da “tatuagem”. Quando os meninos entram na puberdade, eles são tatuados como os homens da aldeia: fazem riscos finos no rosto com uma tinta de árvore como se fossem bigodes de onça e colocam espinhos nos lábios e no nariz. Porém, este ritual está se extinguindo, pois alguns adolescentes não querem mais carregar a “marca” dos matis no rosto, com vergonha da sociedade não indígena.

Segundo Erikson (1987), esses rituais caíram em desuso temporariamente, pois embora fossem centrais na vida cerimonial e ritual matis, eram práticas dolorosas (*chimu*) e tiveram de ser abandonadas porque se percebeu que podiam

tornar os jovens vulneráveis demais às doenças e à morte. O número de adornos enfiados na pele (espinhos labiais e nasais), também vetores de *sho*, foi reduzido como que para demonstrar que seus portadores já não podiam agüentar muitos deles. Para o autor (op. cit.), os matis consideram a tatuagem como uma morte simbólica, “perigosamente redundante no contexto mortífero do contato”, destinada a fazer renascer indivíduos mais ricos em *sho*.

Antes de retomar a prática do ritual da tatuagem, os matis diziam, sistematicamente, que não se tatuavam mais desde que (e porque) os *nawa* (brancos) “os viam”. E era evidente que as tatuagens faciais atraíam comentários desagradáveis e uma atenção desconfortável por parte de muitos “brancos”. Por isso, quando precisavam ir à cidade, os matis escondiam tanto quanto podiam seus ornamentos corporais e se vestiam como os “brancos”. Atualmente, ainda reconhecemos nos matis uma vergonha em andar pela cidade, por causa de seus ornamentos. Sempre tentam não ser reconhecidos pela cidade, vestindo-se de forma que não chame muita atenção. Ainda assim, as pessoas comentam sobre suas tatuagens e isso os deixa constrangidos. Apesar dessa situação, alguns adolescentes ainda passam pelo ritual, por imposição dos mais velhos.

O ritual do *mariwin* também está sendo colocado em prática novamente, depois de ter sido abandonado por um período. Atualmente os matis nos disseram que o têm praticado e, assim, estão recuperando as crenças de seus antepassados.

2.3. A língua matis e a família Pano

A língua matis é classificada como pertencente à família lingüística Pano (CEDI, 1981:83). Paula (apud CEDI, 1981) apresenta um vocabulário em que compara vocábulos matis com os correspondentes marúbo e mayorúna.¹¹

A família Pano, até o momento, ainda não possui classificação em tronco lingüístico. Diversos pesquisadores (Greenberg, 1956; Key, 1968; Suáres, 1969, 1973 e d" Ans et alii, 1973) têm levantado hipóteses de um provável tronco comum Pano-Takana. Greenberg (1987) sugeriu, ainda, um tronco chamado de Jê-Pano-Karibe. Essa família é constituída por vinte e nove línguas, cujos falantes habitam as regiões fronteiriças entre Brasil (doze línguas), Peru (quatorze línguas) e Bolívia (três línguas). No Brasil, os falantes de línguas Pano estão concentrados nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia. As línguas faladas no Amazonas são matis¹², matsés (mayoruna) e marubo (Costa 1992:12); no Acre, encontram-se o katukina do Acre, kaxináwa, poyanáwa, yaminawa, yawanáwa, e shanenawá, e em Rondônia encontra-se o kaxarará (Rodrigues, 1986).

Recentemente, por volta de 1987, foi contatado um novo grupo indígena no estado do Amazonas, o korubo. Ao que tudo indica, sua língua também faz parte da família Pano, segundo a FUNAI. A frente de atração da FUNAI montou um acampamento na região dos korubo para fortalecer o contato. Além dos seus

¹¹ Reproduzimos a grafia referente aos nomes das línguas tal como são citadas no artigo do CEDI (1981 : 83).

¹² A International Encyclopedia (1992) não classifica a língua Matis como sendo da família Pano. No entanto, enumera todas as outras citadas como pertencentes a esta família.

funcionários, alguns matis constantemente viajam até o acampamento a fim de fortalecerem os laços de amizade entre eles (FUNAI, matis e korubo), pois conseguem entender praticamente tudo o que os korubo dizem, e vice-versa. Sendo assim, a Funai acredita que a língua deles pertença à família Pano, já que é bastante semelhante a dos matis.

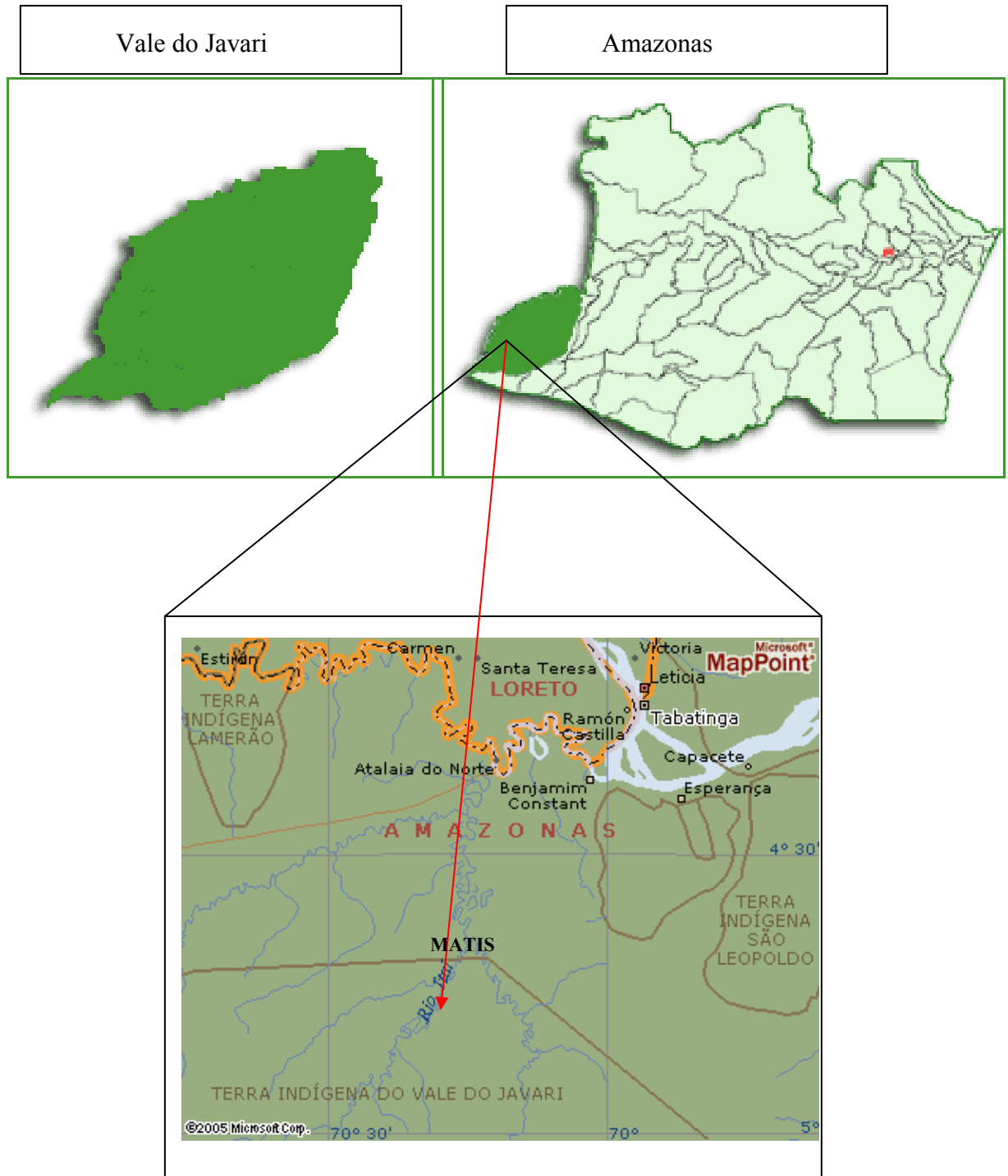
No Brasil, a preocupação com o estudo das línguas indígenas reuniu quatro grandes famílias de línguas no país: Tupi, Jê, Aruak, e Karib. No entanto, pequenos grupos, como o das línguas Pano, foram esquecidos (Câmara, 1979:147). Atualmente, mais pesquisadores estão se interessando pelas línguas Pano, e o estudo das mesmas vem aumentando gradualmente.

Fora do Brasil foram realizados alguns estudos das línguas Pano: no Peru, pela Universidade Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM), e também pelo Instituto Lingüístico de Verão (SIL); na Bolívia, das três línguas Pano existentes, yaminawa, chácobo e pakawara, os estudos têm focalizado o chácobo. Valenzuela (2003) descreveu a transitividade em shipibo-konibo, na Universidade de Oregon. Nos últimos anos têm-se produzido dissertações e teses sobre línguas Pano no Brasil, como os trabalhos sobre o matsés (Carvalho, 1992), o marubo (Costa, 1992, 2000), o katukina-pano (Aguilar, 1988, 1994), o shanenáwa (Cândido, 1998, 2004), o kashinawa (Camargo, 1992), o matis (Spanghero, 2000 e Ferreira, 2001), o poyanáwa (de Paula, 1992), o yawanawá (de Paula, 2004) e o kaxarari (Sousa, 2004). Ainda, uma tese sobre o matsés foi produzida fora do Brasil (Fleck, 2003).

O que se consegue sobre a bibliografia Pano é mais de natureza histórico-comparativa. Por exemplo, d'Ans (1973) confrontou listas lexicais de algumas

línguas Pano no Peru (cashibo, panavarro, shipibo, capanawa, amawaca, isconawa, cashinawa, yaminawa e sharanawa), mostrando estatisticamente as datas de separação entre essas línguas. O autor limitou-se à comparação de itens lexicais, baseado no questionário básico de 100 palavras, de Swadesh, não especificando nada sobre outros aspectos dessas línguas. Encontramos, ainda, um trabalho mais abrangente, de Shell (1975), que faz um estudo comparativo de várias línguas Pano, e Lanes (2000), que faz uma breve comparação léxico-estatística das línguas Pano faladas no Acre, Brasil. Finalmente, encontramos um levantamento dos materiais bibliográficos sobre as línguas Pano, entre eles, Erikson et alii (1994) e Aguiar (1994). O mapa a seguir mostra a localização da aldeia Matis.

2.4 Mapa da Localização da aldeia matis



Neste capítulo descrevemos a história dos matis, seu modo de vida e suas características culturais. Situamos, também, sua língua dentro da família lingüística Pano, bem como apresentamos as outras línguas da mesma família que são faladas no Brasil e no exterior. A seguir, abordaremos alguns princípios básicos de lexicologia e de lexicografia.

CAPÍTULO III**A TAREFA LEXICOGRÁFICA E A LEXICOLOGIA:****PERSPECTIVAS E DESAFIOS**

Abordamos, neste capítulo, alguns princípios básicos de lexicologia e de lexicografia e do fazer lexicográfico. Tratamos do sistema da língua, da criterialidade, da significação no contexto e das relações entre a lexicografia, a lexicologia e a semântica.

Utilizando as palavras de Zgusta (1971), estamos cientes que a lexicografia é uma esfera muito difícil da atividade lingüística. O autor (op. cit.) apresenta algumas razões para essas dificuldades. Primeiro, o lexicógrafo deve considerar não somente a estrutura da língua em questão, mas também a cultura da respectiva comunidade lingüística em todos os seus aspectos. Dessa forma, a lexicografia é conectada com todas as disciplinas que estudam o sistema lexical, como a semântica, a lexicologia, a gramática e a estilística.

Em segundo lugar, o lexicógrafo concentra sua atenção no significado das unidades lexicais, que apresenta muitas dificuldades. Para Zgusta (1971), a forma das palavras é, até certo ponto, irrelevante, pois elas são constituídas mais pelo significado lexical que carregam do que por qualquer outra coisa.

Em terceiro lugar está o fato de que o lexicógrafo está fazendo um trabalho científico, porém, sua publicação é para usuários que querem sempre mais praticidade na hora da consulta. Em outras palavras: apesar de um trabalho lexicográfico ter como base uma boa teoria, por outro lado ele é escrito para pessoas que querem encontrar respostas para as suas dúvidas, e não está interessado nas teorias e nos problemas encontrados pelos profissionais, e sim nas suas soluções. Para Zgusta (1971), um dicionário será eficiente, portanto, se a teoria inerente a ele for discreta o suficiente para não ser um obstáculo para o usuário. Dessa forma, esse aspecto dual do trabalho do lexicógrafo pode ser visto como uma dificuldade.

Ainda, segundo o autor (op. cit.), de uma certa forma, o lexicógrafo tende a dar um pouco mais de atenção em sua pesquisa para a semântica, pois há um consenso que afirma que quanto mais ele souber das propriedades semânticas das palavras, melhor ele fará seu trabalho. Zgusta (op. cit.) afirma que o problema da natureza do significado é certamente complexo, pois abrange muito mais que uma investigação puramente lingüística, requerendo uma combinação da lingüística, da psicologia, da filosofia e outros ramos. Olhando sob este ângulo, o trabalho do lexicógrafo pode ser considerado, até certo ponto, pragmático. Como Zgusta (op. cit), consideramos o trabalho do lexicógrafo multidisciplinar, pois a investigação passa pelas demais áreas do conhecimento.

3.1. Algumas aplicações: o sistema da língua

Uma outra dificuldade encontrada no estudo do significado lexical, que Zgusta (op. cit.) considera mais séria, diz respeito às circunstâncias através das quais tentamos obter o significado das palavras. Tentamos obter o conhecimento do significado lexical de uma palavra como uma parte do sistema da língua, porém, nossas principais fontes de informação direta são coletâneas de sentenças concretas. Zgusta (op. cit.) afirma que a situação do lexicógrafo é freqüentemente comparável a de um homem que tenta conhecer o significado dos sinais de trânsito enquanto dirige sem que o tenha estudado previamente. Da mesma forma, uma língua possui vários signos que devem ser reconhecidos e entendidos, para que o trabalho do lexicógrafo possa dar bons resultados.

Zgusta (1971) argumenta que a interpretação da ocorrência das unidades lexicais (palavras) e a conclusão do seu valor no sistema são um componente constante do trabalho desse profissional, quando está compilando um dicionário monolíngue, da sua própria língua nativa. No caso de dicionários bilíngües, a situação é mais complicada ainda, porém, a contradição apontada acima permanece: palavras (ou unidades lexicais) como parte do sistema e palavras como parte de sentenças reais, atuais. Assim, esta é a real dificuldade na lexicografia: o dado consiste exclusivamente do concreto, das diferentes aplicações das palavras, mas o objetivo do trabalho do lexicógrafo é seu valor abstrato no sistema.

3.1.1. Criterialidade

A mente humana é capaz de abstrair de ocorrências individuais e diferentes de uma “coisa” uma noção geral dos membros da classe. Utilizando o exemplo de Zgusta (op. cit.), para a palavra “table”, verifica-se que cada peça de mobília tem um vasto número de qualidades e propriedades. Quando um falante do inglês decide se pode chamar uma determinada mobília de “table”, verifica que é irrelevante se a peça é de madeira ou de metal, se é marrom ou branca, se é bonita ou feia, cara ou barata, antiga ou moderna, grande ou pequena, pois todas essas e outras qualidades e propriedades são irrelevantes. Porém, há poucas qualidades ou propriedades que realmente são relevantes: a respectiva mobília deve ter uma forma chata, uma superfície horizontal na qual possam ser colocados objetos e que possa ser suportada por algumas pernas. Assim, uma mobília que possa ser descrita dessa forma pode ser chamada de “table”, em inglês.

Podemos dizer que essas qualidades são critérios para a decisão de chamar tal mobília de “table”. “Table” pode ser visualizada de acordo com esses traços ou qualidades criteriais. Assim, uma boa parte do trabalho do lexicógrafo é estabelecer a criterialidade, ou seja, descobrir o que é critério e o que não é.

Nem todas as línguas utilizam os mesmos traços, embora vários deles sejam vistos dessa forma. Alguns autores, como Zgusta (1971), consideram essa uma questão inacabada e que necessita de muita discussão. O que se pode afirmar é que vários deles variam de uma língua para outra. O que é irrelevante, não criterial em uma língua, pode ser relevante, criterial em outra. Por exemplo, os traços criteriais do

inglês “table” são idênticos com os de tcheco “stul”, porém, para o tcheco, o propósito da mobília não é criterial: se ela é usada para comer, trabalhar, jogar ou escrever é irrelevante. Para o inglês, entretanto, o propósito da mobília é criterial: se uma peça é usada primeiramente não para comer, mas para escrever e geralmente para trabalhar, isto é criterial para a constituição do inglês “desk” (escrivaninha), em contraste com “table”, que não é geralmente usada nesse caso.

A maior especificidade temporal também pode ser fator criterial ou não em algumas línguas. Em inglês, “morning”, como no francês “matin”, e no português “manhã”, pode ser usado em referência a alguma parte do dia entre a manhã e o meio dia. Nenhuma outra circunstância é criterial. Já em tcheco, alemão e sueco, uma maior especificidade temporal é criterial: “rano” (tcheco) e “morgen” (alemão) podem ser usados somente em referência a uma parte do dia, entre 9 e 10 horas. Em sueco, “morgon” somente é usado para as 6 horas da manhã. Aquelas partes do dia que não são cobertas por estas palavras podem ser referidas por “dopoledne”, “vormittag” e “formiddag”, em tcheco, alemão e sueco, respectivamente.

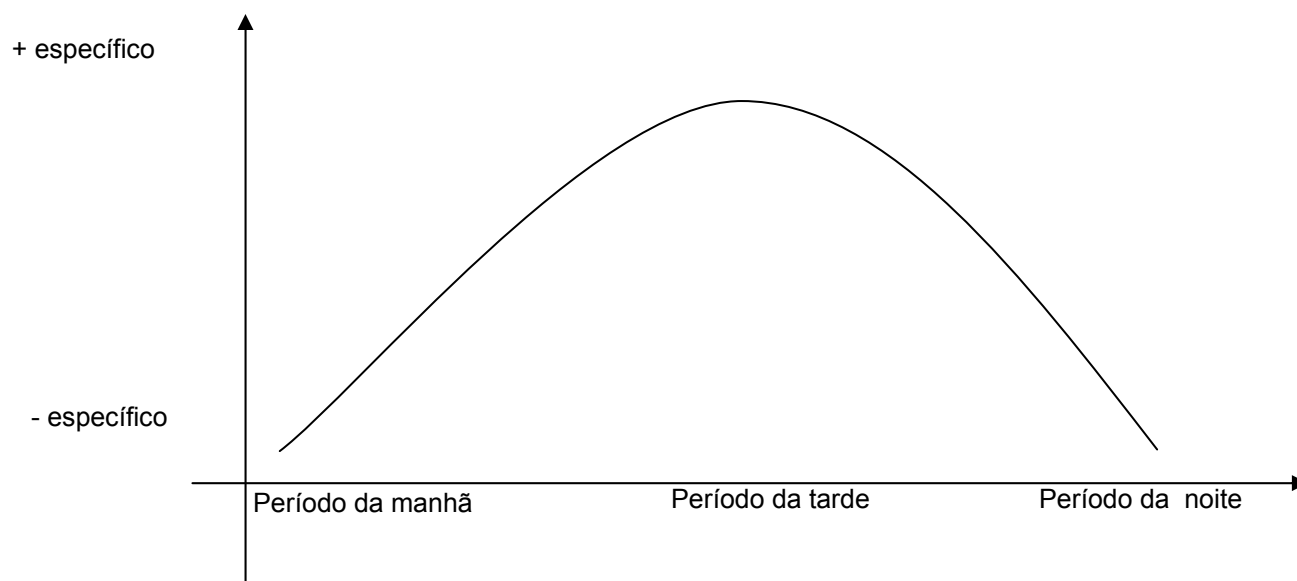
Algumas línguas indígenas distinguem as unidades temporais em várias partes. Em matis a criterialidade temporal no que diz respeito à divisão diária do tempo é feita partindo do nascer do sol até a madrugada. O dia é segmentado em onze partes:

(1)

- | | | |
|----|--------------|---------------------------------------|
| a) | intʃiʃmatsik | o nascer do sol (entre 5 e 6 horas) |
| b) | intʃiʃma | manhãzinha (entre 6 e 7 horas) |
| c) | badidawaek | no meio da manhã (entre 7 e 12 horas) |

- | | | |
|----|-----------------|---|
| d) | mapidada kimo | meio dia |
| e) | tanun sinkianek | depois do meio dia (entre 12 e 15 horas) |
| f) | tsadbud budek | pela tarde (entre 15 e 17 horas) |
| g) | tanun budek | quando o sol começa a descer (+/- 17 horas) |
| h) | tsadbudtsik | fim da tarde (18 horas) |
| i) | imid kuanek | anoitecendo (entre 18 e 19 horas) |
| j) | imidtap | de noite |
| k) | sedkete udama | de madrugada |

Partindo dos termos para cada parte do dia, fizemos um gráfico para visualizarmos a segmentação:



Analisando o gráfico acima verificamos que, tomando como referência o meio-dia, não há muita especificação pela manhã, havendo apenas três termos para a

divisão do tempo nesse período. Portanto, as circunstâncias entre o nascer do sol e o meio-dia não são tão criteriais: não há propriedades relevantes que sejam destacadas. Já após o meio-dia, o período da tarde é bem mais especificado que o da manhã, havendo mais termos para a divisão do período. Após o escurecer, os termos novamente não são tão precisos. Se pensarmos no tempo como um contínuo, verificamos que há uma curva onde o pico de maior especificidade é o período da tarde.

É difícil estabelecer uma tradução exata para as palavras referentes ao tempo. A tradução é aproximada, pois nem sempre há termos equivalentes em português. A questão sobre as horas do dia é, portanto, bastante complexa, pois a sua divisão é feita de acordo como cada cultura vislumbra as partes do dia.

Verificamos, assim, que as línguas diferem selecionando várias qualidades como critério. Isso demonstra que as realidades, físicas ou não, não são conhecidas da mesma forma pelos falantes de diferentes línguas. Assim, essa diferença na concepção das "coisas" encontra sua expressão nas respectivas palavras de cada língua.

O fato de que a mesma parte da realidade física é diferentemente organizada e segmentada de diversas maneiras em diferentes línguas pode ser observado sem dificuldades. Uma das muitas discussões de casos de diferenças semânticas como resultado de diferentes concepções da mesma realidade é o caso das cores. Assim, elas são outros bons exemplos de traços criteriais diferenciados.

Os matis selecionam as cores da seguinte maneira: “pid”: vermelho, “jin”: amarelo, “imu”: verde, “wisu”: preto, “wasa”: branco e “kudu”: pardo/marrom. A cor

vermelha abrange do vermelho ao amarelo escuro, o verde pode ser preto, se for um verde bem escuro. Essa divisão logicamente não leva em conta as nuances de cores.

Vimos, com isso, que a mesma parte da realidade física é diferentemente organizada e segmentada em diferentes línguas. As diferenças na constituição e organização das palavras são observadas em todos os tipos e categorias de unidades lexicais, e são um dos principais obstáculos na aprendizagem de uma língua estrangeira e um dos principais problemas de um dicionário bilíngüe.

3.2. A significação no contexto

A concretização significa a aplicação da unidade lexical na sentença. Se o significado lexical é geral, a significação é concreta. Esta concretização resulta do contexto (verbal ou situacional) no qual cada pessoa conecta a palavra usada com a "coisa" concreta referida, ou elimina alguma outra possibilidade de sentido do que aquele na qual ela é aplicada (mecanismo de desambigüização), ou realiza ambas operações.

O lexicógrafo está interessado nas unidades lexicais como partes do sistema, na norma do seu uso. Este sistema, entretanto, não pode ser percebido *per se*, mas somente quando manifestado em sentenças concretas. Dessa forma, para identificar o seu significado, a situação de uso dessas unidades deve ser considerada.

Ao se tratar o significado no plano puramente abstrato-conceitual, deixa-se de lado os fatores contextuais que interferem na produção e interpretação de formas lingüísticas, enunciados discursivos e textos no uso concreto da língua. Como bem

constata Marques (2001), a identificação dos mecanismos lingüísticos e não lingüísticos que o falante precisa dominar para produzir e interpretar enunciados discursivos e textos, em atos concretos de fala, tem sido um dos pontos da maior discordância entre os especialistas. Tal discordância não afeta apenas a determinação do objeto e dos limites da semântica, mas chega ao plano da discussão da natureza da própria linguagem.

Verifica-se, então, que é preciso somar ao conhecimento dos fatores que possibilitam a produção e interpretação de formas da língua em isolamento (em nível abstrato conceitual) o conhecimento dos fatores que interferem na utilização da língua em atos de comunicação verbal, contextual e circunstancialmente condicionados. Os fenômenos do significado transcendem, assim, o plano denotativo e conceitual (Marques, 2001).

3.3. Considerações sobre a lexicografia, a lexicologia e o dicionário

Segundo Dapena (2002), a distinção entre lexicografia e lexicologia é pouco clara, pois os especialistas ainda não chegaram a um acordo. Há muita discussão a respeito. Lexicografia e dicionário representam duas noções que se pressupõem, mas cujas definições apresentam-se bastante problemáticas. A primeira equivale à lexicologia, a qual, para alguns, não se diferencia da semântica. Outros preferem ver a lexicografia como uma espécie de "mercearia" da lexicologia, disciplina lingüística de tipo especulativo, frente àquela que apresentaria um caráter eminentemente prático e não estritamente lingüístico.

Com relação ao dicionário, emprega-se este termo com diversos significados, sendo confundido com enciclopédia, vocabulário, léxico e até com nomenclatura e concordância. Não existe, ainda, um acordo quanto ao conteúdo e forma dos dicionários, razão pela qual há muitas críticas contra o dicionário alfabético tradicional.

Para o autor, não é raro que o lexicógrafo tenha que "encarnar" uma mistura de filólogo, lexicólogo, gramático, dialetólogo, sociólogo, historiador e outros. Isso se deve ao fato de que o seu trabalho é a elaboração de dicionários, obras cujo objetivo é a compilação do léxico de uma ou várias línguas, o que faz da lexicografia algo necessariamente relacionado com outras disciplinas lingüísticas, em especial com aquelas que, como a lexicologia, a semântica e a gramática, se ocupam de alguma forma do estudo das palavras.

Para Dapena (2002), a maior parte dos lingüistas modernos atribui à lexicografia e lexicologia objetos relativamente diferentes. Segundo eles, a primeira se ocuparia dos métodos e técnicas que devem ser seguidos na elaboração de dicionários; assim, ela não seria uma ciência, e sim uma técnica ou arte no sentido amplo da palavra, enquanto que a segunda teria por objeto de estudo o léxico. Estão, entre os representantes desta opinião, Ullmann (1965), Greimas y Cortes (1982). Para eles, a lexicografia constitui um aspecto da lingüística aplicada. Casares (1969) vê na lexicografia a aplicação prática dos conhecimentos proporcionados pela lexicologia, que, segundo o autor é uma disciplina de ordem teórica. Haensch (1982) considera a lexicologia o estudo científico do léxico que combina elementos de etimologia, história das palavras, gramática histórica, semântica e formação de

palavras. Já a lexicografia, para Haensch (op. cit.) consiste, por um lado, na elaboração de dicionários e, por outro, em seu estudo, e na metodologia neles empregada. Vista desta maneira, a lexicografia seria uma arte, e a lexicologia, de caráter teórico e especulativo, representaria uma autêntica disciplina científica.

De acordo com as considerações sobre as distinções entre lexicografia e lexicologia, Dapena (2000) argumenta que a lexicografia pode ser entendida como arte ou técnica, isto é, como saber teórico-prático para a elaboração de dicionários, mas também pode ser interpretada como um verdadeiro saber científico, consistindo, da mesma forma que a lexicologia, em um estudo especial do léxico. Este tipo de lexicografia é realizada quando descreve-se um determinado dicionário ou quando realiza-se uma crítica sobre ele.

Dapena (op. cit.) considera mais coerente a postura de Dubois (1973), para quem o termo *lexicografia* junto com o de *lexicógrafo* são ambíguos, já que por um lado, fazem alusão à prática lexicográfica ou confecção de dicionários, e por outro, a análise lingüística (ou tratamento teórico) das técnicas utilizadas nesses. A primeira seria uma técnica, empregada pelo lexicógrafo, entendido como autor de um dicionário, e a segunda consistiria em uma ciência, realizada pelo lexicógrafo como lingüista.

A diferença é que a lexicografia se ocupa sempre de um léxico concreto e particular, materializando-se nos dicionários. Já a lexicologia se ocupa do léxico de um ponto de vista geral. Porém, se o faz particularmente, o resultado se materializa em uma obra que, por sua metodologia e objetivos, difere completamente do que tradicionalmente é chamado de dicionário.

Sintetizando o que foi visto, Dapena (2002) observa que a lexicografia é a disciplina que se ocupa de tudo que se refere aos dicionários, tanto o que diz respeito ao seu conteúdo científico (estudo do léxico) quanto à sua elaboração material e as técnicas adotadas em sua realização, ou, enfim, a análise dos mesmos. Qualquer outro estudo concernente ao léxico e não contido em um dicionário corresponderá exclusivamente ao âmbito da lexicologia.

3.4. Relações entre lexicografia, lexicologia e semântica

Existe uma estreita relação entre a semântica e a lexicografia, no que diz respeito ao significado. Como observa Dapena (2002), a lexicografia, representada pelo estudo concreto do léxico no dicionário, além de se parecer com a lexicologia, se relaciona muito com a semântica e com a gramática, em vista dos dicionários se ocuparem fundamentalmente do significado e do comportamento gramatical das palavras.

O objetivo principal da semântica, tanto para Bréal (1925) quanto para seus antecessores, era examinar as leis que determinavam as mudanças de sentido nas palavras. A semântica, ou semasiologia, dedicava sua atenção a um ponto de vista puramente histórico ou diacrônico, atitude que prevalece em todo o século XIX com a tendência de explicar os fatos lingüísticos como resultado de um processo evolutivo. A semântica, porém, chega a ultrapassar a esfera do estritamente lingüístico para penetrar nos domínios da filosofia.

Com o surgimento do Estruturalismo, expresso em seus primórdios por Saussure, preconiza-se o estudo da língua diacrônica e sincronicamente. A idéia é

que uma língua é uma estrutura ou sistema em que cada elemento se apóia em todos os demais. Esta abordagem produz uma mudança na concepção da semântica, que era vista como um estudo exclusivamente diacrônico, considerando os significados isoladamente. A partir do Estruturalismo, surge a semântica sincrônica ou estrutural, cuja representatividade se vê ainda hoje na Europa. Podem ser associados a essa semântica alguns nomes como Ullmann, Baldinger, Mounin, Pottier e Greimas (cf. Dapena, 2002).

A semântica invade hoje o campo da lexicologia, sendo conhecida a denominada "lexemática", que é o estudo estrutural do léxico, desenvolvido por Coseriu (1977). Com o aparecimento da gramática gerativa, surgiu a semântica gerativa. Dentre alguns nomes seguidores desta vertente estão Katz, Postal, Fodor, Lakoff e o próprio Chomsky (cf. Dapena, 2002).

Os estudos de semântica, seja em seu enfoque histórico ou sincrônico, estão centrados quase que exclusivamente na palavra, como é definida classicamente esta disciplina: "ciência que se ocupa do significado das palavras". Assim, a semântica, entendida dessa forma, se confunde com a lexicologia, sob o escopo de ambas estudarem o significado das palavras, sem a preocupação com o significante.

A mesma confluência se produz com a lexicografia, que também se ocupa, ao menos em parte, do conteúdo ou significado das palavras. Porém, a tarefa do lexicógrafo não se identifica totalmente com a do semanticista. O primeiro se preocupa, entre outras coisas, com o significado das unidades léxicas em geral, mas, ao mesmo tempo, dependendo do dicionário que se propõe a elaborar, terá que incluir neste outros dados de caráter não semântico, como as formas fônicas e

gráficas, a etimologia, a categorização gramatical, os contextos e situações em que se emprega a palavra, o seu desenvolvimento histórico, entre outros. Assim, olhando desta maneira, um dicionário, efetivamente, não é um estudo semântico, ainda que este estudo constitua, geralmente, um aspecto muito importante dentro da obra lexicográfica.

Concluimos que a tarefa lexicográfica e o estudo lexicológico dependem, entre outros fatores, do saber semântico. Compilar um dicionário inclui, entre outras coisas, estudar o significado das palavras. Assim, as informações semânticas são muito importantes na elaboração de um dicionário. O dicionário matis apresentado nesta tese não é uma obra fechada, logo, muitas características semânticas devem ter ficado fora dele, pois, como bem constata Trujillo (1976), o significado é inefável, portanto, impossível de ser reduzido a uma definição lexicográfica.

Neste capítulo abordamos alguns princípios de lexicologia e de lexicografia. A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre cinco dicionários bilíngües.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES SOBRE DICIONÁRIOS BILÍNGUES

Apresentamos, neste capítulo, algumas considerações sobre dicionários bilíngües e comparamos cinco dicionários bilíngües indígena-português¹³ com relação à sua estrutura e apresentação: Dicionário da Língua Kayabí (Weiss, 1998), Dicionário Palikur (Green, 2000), Dicionário Tariana (Aikhenvald, 2001), Dicionário Parakanã (Silva, 2003) e Dicionário Tupari (Alves, 2004). Abordamos algumas questões relativas às características de algumas entradas nesses dicionários.

¹³ Optamos por analisar estes dicionários pois apresentam objetivos e características semelhantes ao nosso, elaborados com fins acadêmicos, com exceção do dicionário tariana.

A língua kayabi, pertencente à família Tupi-Guarani (tronco Tupi), é falada em três regiões : no Parque Indígena do Xingu (PIX), por aproximadamente 800 indivíduos ; no Posto Tatuí, no rio dos Peixes, por 200 indivíduos e no sul do Pará; no rio Teles Pires, por, aproximadamente, 80 pessoas. Alguns Kayabi vivem dispersos fora das reservas indígenas (Weiss, 1998 :10). O palikur, língua da família Aruak, é falada por cerca de 862 pessoas na fronteira Brasil/Guiana Francesa (Povos Indígenas do Amapá. Informativo do Governo do Amapá, s/d).

A língua tariana, pertencente à família lingüística Aruak, é falada por aproximadamente 100 pessoas, na maioria adultos, que habitam a região do Alto Uapés (Amazonas). A população tariana, falantes apenas da língua tukano, de 1500 pessoas, ocupa as comunidades do médio Uapés e do rio Papurí (Aikhenvald, 2001:9). A língua parakanã, da família Tupi-Guarani (tronco Tupi), é falada no estado do Pará por mais de 830 indivíduos (Silva, 2003:23, 24). O tupari, da família Tupari (tronco Tupi), é falada por cerca de 230 pessoas no estado de Rondônia, ao longo do rio Branco, afluente do rio Guaporé (Alves, 2004 : 16, 24).

4.1. Classificação de dicionários bilíngües

4.1.1 Variedade, perspectiva e apresentação

Segundo Landau (1989), os dicionários podem ser classificados por muitos critérios, vários deles óbvios para qualquer pessoa, como o tamanho, por exemplo. Porém, não há um padrão sobre a taxonomia de dicionários. De acordo com o autor (op. cit), eles podem ser diferenciados por três categorias: variedade, perspectiva e apresentação. A 'variedade' refere-se ao tamanho e ao escopo do dicionário: trata-se de cobrir ou não todo o léxico. Tal variedade é chamada de "qualidade da densidade". Quando se trata de um dicionário que abrange todo o léxico de uma língua, é muito difícil estabelecer a variedade, pois não há como saber a extensão total desse léxico. Porém, quando o léxico é limitado a um trabalho específico, de parte do léxico da língua, como da flora, por exemplo, a variedade pode ser estabelecida.

Outro aspecto da variedade é o número de línguas compreendidas: ele pode ser monolíngüe, bilíngüe, trlíngüe ou multlíngüe (mais que duas línguas, às vezes chamado plurilíngüe). Um terceiro aspecto da variedade é a extensão da concentração nos dados lexicais, ou seja, se ele é caracteristicamente enciclopédico.

Alguns autores discutem a diferença entre uma enciclopédia e um dicionário, entre outros, Haiman (1980) e Landau (1989). Porém, não é muito clara essa distinção. Segundo Haiman (1980), uma das discussões para tal distinção é que todos os lexicógrafos afirmam que a enciclopédia inclui nas entradas os nomes próprios, enquanto que os dicionários não o fazem. Para Haiman, tais características

não são tão claras. Ainda, segundo Landau (1989), um dicionário é um livro que lista palavras em ordem alfabética e descreve seus significados. Uma enciclopédia é uma coleção de artigos sobre cada ramo do conhecimento. Embora seus artigos sejam usualmente organizados alfabeticamente, suas descrições vão além das informações dadas em um dicionário. As definições de um dicionário estão usualmente direcionadas para a informação que o leitor deve ter para entender uma palavra que não lhe é familiar. A ênfase na palavra, e toda a informação dada é diretamente sobre o significado, pronúncia, uso ou história da palavra. Artigos enciclopédicos são essencialmente tópicos: um artigo sobre "religião" não diz meramente o que essa palavra significa ou significou no passado ou como ela é pronunciada ou usada, ele sistematicamente descreve as religiões: sua história, doutrinas e práticas. Para ele, dicionários são sobre palavras; enciclopédias são sobre coisas.

A 'perspectiva' é baseada em como o compilador vê o trabalho e o que aproximadamente ele faz. Primeiro, se o trabalho é diacrônico ou sincrônico. Segundo, como ele é organizado: alfabeticamente, por sons, como em um dicionário de ritmos ou por conceitos, como em vários *thesaurus* (vocabulários de descritores relacionados semântica e genericamente, que cobre de forma extensiva um ramo específico de conhecimento, Ferreira, 1986: 1669). Em terceiro lugar, se o nível é de tom destacado, didático ou informal.

A 'apresentação' significa o modo como o material de uma dada perspectiva é apresentado, em especial, como são as definições. Os dicionários monolíngues tendem a ter definições mais amplas do que os bilingües. Em segundo lugar, verifica-

se qual a forma dos verbos que é empregada: se são incluídas ilustrações e quais traços são incluídos, como pronúncia, acentuação e divisão silábica.

Para Landau (1989), a diferença entre um dicionário monolíngue e um bilíngüe não está apenas no número de línguas que ele contém, mas na sua proposta. O dicionário bilíngüe consiste em uma lista de palavras ou expressões em uma língua (a língua "fonte") para a qual, idealmente, equivalências exatas são dadas em outra língua (a língua "alvo"). A proposta é auxiliar o consulente que entende uma língua mas não a outra. Ainda, o pressuposto é que uma das línguas seja a do usuário.

Com relação à "equivalência", alguns autores, como Nida (1958) e Catford (1965), a definem como "tradução". O primeiro argumenta que não há correspondências exatas entre palavras em diferentes línguas. Afirma, ainda, que as equivalências em dicionários não podem ser absolutas. (Nida, 1958 : 281). O segundo autor (op. cit.) afirma que "equivalente" é considerada uma palavra chave, pois o problema central em prática de tradução consiste em encontrar equivalentes de tradução da língua meta (LM) (Catford,1965).

4.1.2. Tipos de dicionários bilíngües

Os dicionários bilíngües podem ser unidirecionais (monodirecionais) ou bidirecionais. Há, também, dicionários em que as entradas são traduzidas em duas outras línguas (dicionários trilíngües) ou em mais que duas outras línguas (multilíngües). De acordo com Landau (1989), muitos lexicógrafos têm observado que, em muitos casos, é impossível construir um dicionário bilíngüe unidirecional, pois não será satisfatório para o consulente de nenhuma das línguas.

Isso se dá porque, de acordo com o autor (op. cit.), frequentemente, não há equivalências na língua alvo para as entradas na língua fonte, não somente nas palavras óbvias de fauna e flora, como as das línguas indígenas, mas também em muitas outras. Muitas delas são específicas (ou culturais), como os termos sociais, (de relacionamentos familiares), ou palavras da culinária, da política ou da religião. Assim, tais palavras requerem traduções aproximadas. A perda de equivalência é particularmente forte quando as duas línguas são usadas em culturas que diferem muito em sua bagagem cultural, mas também ocorre em culturas semelhantes. Tal perda afetará, como veremos a seguir, o dicionário bilíngüe.

4.1.2.1. Diferentes propostas de dicionários

Para Landau (1989) o problema crucial para um lexicógrafo é decidir o objetivo do dicionário bilíngüe. De acordo com Zgusta (1971), o objetivo do dicionário bilíngüe é traduzir uma língua para outra. Sua proposta básica é coordenar com as unidades lexicais de uma língua, as unidades lexicais de outra língua que são equivalentes em seu significado lexical. A dificuldade fundamental de tal coordenação é causada pelo *anisomorfismo* das línguas, isto é, pelas diferenças na organização do *designato*¹⁴ nas línguas e por outras diferenças entre elas. Apesar desse tipo de dicionário ser bastante conhecido, existem algumas dificuldades na lexicografia bilíngüe, as quais veremos a seguir.

¹⁴ *Designato* : aquilo a que o signo remete (Zgusta, 1971).

Uma vez que o papel de um dicionário bilíngüe é o de sistematizar o contraste existente entre as duas línguas em questão, fornecendo ao usuário as informações necessárias sobre a língua que lhe é desconhecida, ele não pode deixar de trazer algumas informações relevantes.

Logicamente não é possível fornecer, em um dicionário, muitas informações detalhadas acerca de uma palavra. Por exemplo, um dicionário apresenta um número menor de definições para a palavra "calor", por exemplo, do que uma enciclopédia. Não há, também, lugar para inserir informações enciclopédicas com discussões sobre outra cultura. Porém, as informações necessárias para auxiliar o leitor a compreender a língua fonte devem ser mostradas.

O autor afirma que, na maioria dos casos, o *designato* é diferentemente organizado nas duas línguas. Unidades lexicais equivalentes, com o mesmo significado lexical são muito raras. Quando essas unidades são comparadas em duas ou mais línguas deve-se considerar as muitas diferenças entre elas.

A coordenação das unidades lexicais equivalentes de duas línguas não é uma tarefa simples. Uma das conseqüências desta complexidade é que há uma omissão, por parte do lexicógrafo, dos possíveis significados de uma determinada palavra. Ao apresentar o dicionário, ele negligencia outras possibilidades de tradução em favor de um significado dominante. Dessa forma, ficam faltando informações a respeito daquela palavra.

De acordo com Zgusta (1971), se duas línguas são faladas por povos que apresentam culturas bastante distantes, haverá uma grande necessidade em se fornecer várias explanações enciclopédicas. Nesta situação, se inserem os tipos de

dicionários bilíngües que têm como língua fonte uma língua indígena e como língua alvo uma língua não indígena. Compreende-se que não há dicionários ideais, ou completos, porém, existem aqueles que são mais explicativos e carregam um número maior de informações que possibilitam ao leitor um melhor entendimento da língua. Tal fato se deve, entre outros fatores, ao tipo de tratamento que é dispensado à língua descrita.

Um fator bastante importante na constituição do tipo de dicionário bilíngüe, segundo Zgusta (1971), é a diferença entre o caminho que a língua nativa pode ser tratada e a necessidade para tratar efetivamente com uma língua estrangeira. Há inúmeros fatos “encobertos” que o falante nativo sabe sobre sua língua e sobre sua cultura. Se o dicionário é escrito primariamente ou exclusivamente por ele, as informações sobre tais fatos podem ser omitidas, porém, desde que um estrangeiro não tenha conhecimento desses fatos, ele (o estrangeiro) precisará de muito mais informações.

Segundo Zgusta (op. cit.), provavelmente a dimensão mais importante da tipologia de dicionários bilíngües consiste: i) na intenção do lexicógrafo em compilar o dicionário como uma ajuda na compreensão da língua fonte; ii) em descrever a língua fonte; iii) como uma ajuda para gerar textos na língua alvo ("Production Dictionary"). Discutiremos a segunda possibilidade dentro de considerações somente da parte semântica da entrada.

Considerando essas três intenções, verificamos que, na maioria dos casos, os dicionários bilíngües indígenas são elaborados com o intuito de descrever a língua fonte. Sendo essa a intenção dessas obras, não há como suprimir informações sobre

os mais variados usos de uma determinada palavra. Dessa forma, alguns contextos típicos deverão ser dados, os quais mostrarão a aplicação da palavra em todos os seus sentidos¹⁵ (*senses*).

Uma questão que permanece na elaboração de dicionários bilíngües é como fornecer os contextos relevantes que mostrem todas as acepções da palavra e, ao mesmo tempo, evitar que as entradas sejam muito densas. Na medida em que o objetivo de um dicionário for o de descrever uma língua, acreditamos que uma possível solução seria a de fornecer todas as informações que mostrem os diversos usos de uma palavra, pois um tratamento semântico mínimo torna o dicionário pouco descritivo. Porém, deve-se reduzir o número de frases explicativas para cada uso da palavra.

Ainda com relação às entradas, Landau (1989) afirma que os dicionários bilíngües contêm sempre a informação monolíngue sobre uma palavra e a sua tradução, e que os consulentes lêem as duas partes, quando olham para uma palavra não familiar: a monolíngue e a bilíngüe. De acordo com o autor (op. cit.), há diferenças entre os mais variados tipos de olhares, e várias diferenças entre eles, dependendo da necessidade do usuário.

Schmitz (1983) diz que muitos pesquisadores têm tecido críticas aos dicionários bilíngües. Segundo o autor (op. cit.), em muitos casos, essa crítica se justifica pois a qualidade destas obras tende a ser irregular. Para Bantas (1982), o

¹⁵ Zgusta diferencia 'meaning' de 'sense': "The lexical meaning of Oss. *Cyzg* comprises two senses (1) girl, (2) daughter." Grosso modo, 'meaning' seria o significado, e 'sense', o sentido. O autor não dá referências sobre a língua que usa como exemplo.

dicionário bilíngüe é uma pesquisa importante para os tradutores, para os especialistas em lingüística contrastiva e para quem quer aprender uma língua estrangeira.

Alguns pontos podem ser seguidos para a elaboração de um dicionário bilíngüe: tradução para cada palavra na língua fonte; cobertura completa do léxico da língua fonte; colocar informações gramaticais, sintáticas e semânticas; orientação para o usuário; inclusão de nomes; inclusão de itens especiais, como termos científicos; ortografia e alternativas de ortografias; inclusão de pronúncia; pode ser compacto no tamanho (o que limita a sua cobertura) (Landau, 1989).

Dentro da perspectiva teórica que colocamos neste capítulo, nas próximas seções analisamos cinco dicionários bilíngües indígenas e apresentamos suas características. Para fins de exemplificação do que foi dito sobre dicionários bilíngües, comparamos as informações contidas nas entradas destes dicionários, utilizando os critérios e modelos propostos por Zgusta (1971) e por Landau (1989) a fim de discutirmos a apresentação destas obras lexicográficas.

4.2. Comparação de dicionários bilíngües indígenas

A seguir, apresentamos as características dos dicionários indígenas.¹⁶

¹⁶ As abreviaturas que aparecem nas entradas são: s B: subjectivo da classe B; Cf.: conferir; N: nome; s.2.: substantivo da classe 2; s.n.: ? ; s.m.: substantivo masculino; D: ?

LÍNGUA	EXEMPLOS
Kayabi	-afã s.B. 1) ponta. U"ywa rafã . Ponta da flecha. 2) lábio superior, focinho. Cf.: -si, -juru . [34]
Parakanã	amakyg N Classe II a. <i>Ílio</i> (osso da bacia). Hahyete Tereza ramakyga . O Ílio da Tereza dói muito. Veja: kyg, ywykyg, poiky
Tupari	ane"to s.2. ombro. o"kio ane"to-t ta"ra . O ombro do homem é largo.→ (o"kio, ta"ra)
Palikur	gadni [s.n.] baço [s.m.] Wadni in barewbeta umig. O baço limpa o sangue. Ig kadaha karayt amun gadni . Ele tem uma doença no baço .
Tariana	dic. semântico: "Natureza" dé:píte kéri "lua" de:píte ke:ri diyamika "eclipse da lua". dic. alfabético: dé:píte ke:ri "lua" D

Tabela 01: exemplos de entradas

Podemos verificar, de acordo com as amostras da tabela acima, que os cinco dicionários seguem praticamente o mesmo padrão para as entradas. Todos, com exceção do dicionário tariana, fornecem a palavra na língua fonte, a classe gramatical, a tradução em português e uma ou mais frases exemplificando o uso da palavra. Os dicionários kayabi, parakanã e tupari fazem remissivas à outras palavras da língua. O dicionário palikur dá a classe de palavras também da tradução em português. Já o dicionário tariana não dá a classe gramatical. Este, dividido em semântico e alfabético, apresenta características diferentes dos outros. Na primeira parte, cada entrada acompanha, na maioria das vezes, um número grande de exemplos, se comparado aos outros dicionários. Exemplo: *kholó* "balançar" apresenta cinco frases explicativas (Aikhenvald, 2001: 149):

(2)

<i>itawhya kholo-ma-ka</i>	"A canoa está balançando demais"
<i>kholo di-eku dia</i>	"(A canoa) ficou balançando"
<i>tiyane uni paru pa:pe uni taraka-ka itawhya koloma-ka</i>	"Se tira água da canoa com cuia, se a correnteza está forte e a canoa está balançando"
<i>ita-whyha kholoma-naka</i>	" A canoa está balançando"
<i>ne nhua karakawhya kholo-kade-na</i>	"O meu avião não balança"

Algumas palavras não são exemplificadas, como é o caso, por exemplo, das palavras *é:di* "banco" e *di-dúpe* "lixo" . No dicionário alfabético não há informações gramaticais, somente a palavra na língua fonte e a tradução na língua alvo.

Outra característica comum a esses dicionários é que em nenhum deles foi feita a glosa¹⁷ das palavras, o que torna a consulta um pouco mais trabalhosa. Apresentando os exemplos sem a glosa fica mais difícil de se entender a língua, pois não é apresentado o significado de todas as palavras da frase explicativa. Fazendo a glosa, o compilador permite ao consulente "juntar as partes" para compreender o todo. Isso se aplica também aos afixos, que poderiam vir glosados.

Por outro lado, se pensarmos em um dicionário exaustivo, glosando todas as palavras a entrada se tornaria bastante "carregada" de informações, o que tornaria a leitura cansativa. Para solucionar, pelo menos em parte este problema, as

¹⁷ A glosa é a tradução de uma palavra (Dubois, 1973 :308). O exemplo abaixo, da língua Matis, mostra as palavras glosadas:

tʃanpi	-n	epa	-Ø	tʃik	-bo	-ʃ
menina	-erg.	palha	-abs.	tirar	-pass.n.rec.	-3.conc.

"A menina tirou palha."

informações gramaticais adicionais podem ser encontradas nos capítulos sobre a gramática da língua de cada dicionário.

Uma outra alternativa que facilita a consulta é dividir as palavras em morfemas, através do hífen (-). Nas frases explicativas, os dicionários tupari e tariana apresentam essa característica. Dessa forma, o consulente visualiza as partes que compõem as palavras. Exemplo em tariana: a palavra *nu-keci-pe* "meus parentes" é constituída de três morfemas: o prefixo *nu-* "meu", a raiz *-keci* "parente" e o sufixo *-pe* "plural" (Aikhenvald, 2001:25-26).

No dicionário tupari o sistema de remissiva ajuda o consulente a entender as palavras nas frases explicativas, porém, se torna trabalhoso consultar o significado para cada palavra isoladamente nas entradas correspondentes. Ou seja, para o leitor saber o que significa *o"kio* e *ta"ra*, exemplificados na tabela acima, terá de consultar outras entradas. A seguir, apresentamos a tabela 2.

	Kayabi	Parakanã	Tupari	Palikur	Tariana
Autores	autora/falantes nativos	autor/falantes nativos	autora/falantes nativos	autora/falantes nativos	autora/falantes nativos
Objetivo	descrever a língua fonte	descrever a língua fonte	descrever a língua fonte	descrever a língua fonte	instrumento para os índios re- aprenderem a sua língua
Direção	unidirecional	unidirecional	unidirecional	unidirecional	bidirecional

Tabela 02: autores, objetivo e direção

Por meio da tabela 2, verifica-se que os cinco dicionários apresentam características semelhantes. Tiveram a participação, em sua confecção, dos autores e dos falantes nativos e o objetivo da maioria deles foi o de descrever a língua

indígena. A finalidade principal do dicionário tariana é outra, embora ele também descreva a língua. Lê-se na apresentação: “A finalidade principal deste dicionário é cumprir com uma solicitação dos próprios índios de poderem estudar e re-aprender a sua língua” (Aikhenvald, 2001:3). Logo após, no resumo, encontra-se:

“O Dicionário Tariana-Português e Português-Tariana apresenta uma série de objetivos, entre os quais salientam-se dar condições aos Tariana a aperfeiçoar seu domínio desta língua; registrar em forma escrita algo da riqueza lexical e lingüística Tariana, garantindo a sobrevivência desta língua e fornecer aos interessados em línguas e culturas indígenas mais uma fonte de informação sobre a língua e cultura Tariana” (Aikhenvald, 2001: 9).

A direção, na maioria dos casos, foi da língua fonte para a língua alvo, com exceção do dicionário tariana: provavelmente essa escolha se deu pela própria proposta da autora, que foi a de possibilitar tanto aos tariana quanto à comunidade em geral o conhecimento da língua. Sendo bi-direcional, a consulta desse dicionário se torna mais fácil. Embora seja discutido por alguns lexicógrafos que um dicionário bidirecional seja mais satisfatório, no caso dos dicionários indígenas, em que o objetivo principal é o de descrever a língua, verificamos que são caracteristicamente unidirecionais¹⁸. Observamos, a seguir, na tabela 3, a variedade, perspectiva e apresentação dos dicionários:

¹⁸ Outros dicionários bilíngues indígenas apresentam as duas direções, como, por exemplo, o "Dicionário Parecis-Português, Português-Parecis", (Rowan & Rowan, 1978).

Categorias	Características	Kayabi	Parakanã	Tupari	Palikur	Tariana
Variedade	Tamanho/ Escopo	totalidade da língua	totalidade da língua	totalidade da língua	totalidade da língua	totalidade da língua
	N° de línguas	bilíngüe	bilíngüe	bilíngüe	bilíngüe	bilíngüe
	Extensão da concentração	não enciclopédico	não enciclopédico	não enciclopédico	não enciclopédico	não enciclopédico
Perspectiva	Diacrônico	-	-	-	-	-
	Sincrônico	+	+	+	+	+
	Organização	alfabético	alfabético	alfabético	alfabético	campos semânticos e alfabético
Apresentação	Definições	não amplas	não amplas	não amplas	não amplas	não amplas
	Forma dos Verbos nas entradas	infinitivo	infinitivo	forma com a vogal temática -a, forma na negativa e a raiz do verbo propriamente dita	infinitivo	infinitivo
	Ilustrações	-	-	+	-	+

Tabela 03: variedade, perspectiva e apresentação

Por meio da tabela 3, podemos verificar que as características dos dicionários apontados são as mesmas nos seguintes critérios: todos cobrem o léxico da língua fonte, são bilíngües, não têm características enciclopédicas, descrevem a língua sincronicamente e não têm definições amplas. A sua organização é por ordem alfabética, com exceção do dicionário tariana: na primeira parte ele é organizado por campos semânticos e na segunda por ordem alfabética. Os verbos estão no infinitivo, com exceção do dicionário tupari. Nas entradas, são apresentadas três formas: com

vogal temática **-a**, forma na negativa e a raiz do verbo propriamente dita. Somente os dicionários tupari e tariana apresentam ilustrações.

Ainda com relação às ilustrações, o dicionário tupari apresenta, em vários casos, ilustrações para palavras como tesoura (a"kirikap, pg. 140), nariz (am"si, pg.144), olho ("epa, pg.166), bola ("mo?a, pg. 207), rabo (o"ajt, pg. 223), louça (wain"kyt, pg.265) e isqueiro ("ytka "epa, pg.273), que não precisariam estar ilustradas, pois não são especificamente da cultura tupari, mas palavras bastante conhecidas por pessoas de qualquer outra cultura, principalmente aquelas que se referem às partes do corpo humano. Sendo assim, seria bem mais produtivo que somente as palavras específicas da cultura tupari e, portanto, não conhecidas pelo consulente, fossem ilustradas no dicionário. A seguir, apresentamos alguns traços dos dicionários:

Traços	Kayabi	Parakanã	Tupari	Palikur	Tariana
Abreviatura	+	+	+	+	+
Prefixo	+	+	+	+	+
Sufixo	+	+	+	+	+
Pronúncia	-	-	-	-	+/-
Silábico	-	-	-	-	-
Ortográfico	+	+	-	+	+
Remissivas	+	+	+	-	-

Tabela 04 : traços

Quanto aos traços, todos os dicionários também seguem praticamente o mesmo padrão: possuem abreviaturas, prefixos, sufixos e possuem notação ortográfica, com exceção do dicionário tupari, cuja notação é fonológica. Não são silábicos (não apontam a divisão de sílabas nas palavras) e não trazem a pronúncia da palavra. Porém, o dicionário tariana traz algumas variações de pronúncia.

Segundo Aikhenvald (2001), como essa língua é falada por representantes de várias gerações, existe uma variação de pronúncia. Assim, as variações que foram anotadas acompanham cada verbete. Exemplo: a palavra "pau, árvore" pronuncia-se como *haiku* pelos mais velhos e como *keku* pelos mais jovens (Aikhenvald, 2001:26).

As remissivas são apresentadas somente nos dicionários kayabi, parakanã e tupari, com a particularidade que, neste último, são indicadas todas as palavras que aparecem nas frases explicativas. A seguir, apresentamos a tabela 5:

Língua	Informações gramaticais	Informações semânticas
Kayabi	+	+
Parakanã	+	+
Tupari	+	+
Palikur	+	+
Tariana	+ ¹⁹ (dic. semântico)	+ (dic. semântico e alfabético)

Tabela 05: informações gramaticais e semânticas

Na tabela 5, verificamos que todos os dicionários trazem as informações gramaticais e semânticas das palavras. O dicionário tariana traz informações gramaticais somente na primeira parte. Como é dividido por campos semânticos, no início de cada campo há um título para cada grupo de entrada que é apresentado (substantivos, adjetivos, verbos), seguido, em alguns casos, de algumas explicações gramaticais, como nos termos de parentesco. Na segunda parte do dicionário alfabético tariana-português e português-tariana não há qualquer tipo de informação gramatical, somente a palavra na língua fonte e a sua respectiva tradução em português, e vice-versa. Para obter mais informações das palavras, como a

¹⁹ As informações gramaticais estão presentes no dicionário semântico, mas não no alfabético.

transitividade de um verbo, por exemplo, o consulente deverá consultar a seção das “características gramaticais da língua tariana”, apresentada antes do dicionário semântico, o que dificulta um pouco a consulta, pois não se oferece as informações nas próprias entradas, o que vai requer do consulente buscá-las em outras partes sempre que necessitar.

Verificamos que, geralmente, estes dicionários indígenas apresentam características bastante semelhantes e seguem alguns princípios teóricos apontados no decorrer deste capítulo. Como o objetivo deste tipo de dicionário é apresentar o léxico da língua indígena ao leitor, traduzindo uma língua para a outra, ele apresenta uma maior parte do léxico e não apenas alguns campos semânticos, como fauna, por exemplo. Assim, este tipo de dicionário ajuda o falante de uma outra língua (ou o próprio indígena) a entender a língua indígena. Dessa forma, apresenta o léxico da língua fonte e a tradução na língua alvo. Muitas vezes ele serve para o indígena aprender o português e para o falante do português conhecer uma língua indígena. Na maioria das vezes é unilateral, porém, em alguns casos, como o dicionário tariana, apresenta as duas direções.

Questões como a perda de equivalência ou as dificuldades de equivalência de tradução não são abordadas nestes dicionários. Porém, se o dicionário servir ao que se propôs, ele já cumpriu com o seu objetivo. Compete, assim, ao compilador tratar desses e outros aspectos para que os resultados sejam os mais satisfatórios possíveis.

Esses dicionários, tal como se apresentam, fornecem ao leitor informações importantes sobre as línguas neles descritas. Apesar de alguns aspectos que foram

comentados no decorrer deste capítulo, eles são importantes registros de línguas indígenas que, em alguns casos, infelizmente, correm o risco de desaparecer, devido ao seu baixo número de falantes. Há muitos outros que poderiam ter sido citados, porém, nosso objetivo foi fazer uma pequena amostra para verificarmos como está sendo apresentado o léxico das línguas indígenas para o leitor, de acordo com alguns princípios lexicográficos apontados por alguns autores, como Zgusta (1971) e Landau (1989).

Concluimos que várias obras sobre as línguas indígenas brasileiras têm sido publicadas. No entanto, não há trabalhos publicados que reúnam um estudo sobre suas características e apresentação. O trabalho de análise de dicionários, monolíngues ou bilíngües, carece de tradição no Brasil. Encontramos somente um artigo, de Netto (1993). O autor faz um rápido levantamento dos dicionários de línguas indígenas publicados no Brasil, a partir do aparecimento da Enciclopédia Bororo, em 1962, a qual considera um verdadeiro marco na lexicografia dessas línguas. Portanto, estudar o léxico das línguas brasileiras, com a confecção de dicionários, bem como realizar um estudo dessas obras lexicográficas, contribui para o conhecimento dessas línguas.

Apresentamos, neste capítulo, algumas considerações sobre dicionários bilíngües e comparamos cinco dicionários bilíngües indígena-português. A seguir, apresentaremos a metodologia teórica usada na preparação do dicionário matis.

CAPÍTULO V

METODOLOGIA TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos a metodologia teórica utilizada na compilação do dicionário matis: a tipologia, as relações de significado, a macro e microestruturas.

Uma questão importante no estabelecimento do *corpus* para o dicionário é determinar qual é a melhor maneira de apresentar o léxico matis para o leitor. Neste sentido, determinamos como público-alvo primeiramente a academia, a própria comunidade indígena²⁰ e o usuário que pretende conhecer mais sobre as línguas da família Pano.

A escolha do público alvo é fundamental para esta decisão:

"Há quatro critérios que determinam de maneira decisiva a seleção de entradas de um dicionário... sua finalidade (descritiva, normativa), o grupo de usuários a que está destinado, sua extensão e o método de seleção de unidades léxicas, segundo princípios lingüísticos" (Haensch, 1982:396), traduzido.

Ainda, quanto à finalidade dos dicionários, o autor (op. cit.) aponta:

"Ao recolher material para um dicionário tem que se ter presente constantemente sua finalidade, para recolher o máximo de unidades léxicas de

²⁰ Ainda não há uma ortografia da língua matis. Por essa razão, no momento, o dicionário não pode ser lido pelos falantes nativos.

acordo com ela, e evitar a incorporação (não fundada em algum critério) de vocábulos alheios" (Haensch, 1982: 396), traduzido.

O dicionário matis tem uma finalidade descritiva. Como dissemos anteriormente, ele se propõe a apresentar a língua matis para o leitor através de seu léxico. Está destinado, principalmente, à academia e a qualquer pessoa que queira conhecer uma língua indígena.

Com relação à sua extensão, entendemos que o léxico de uma língua viva não é um inventário fechado. Como observou Zgusta (1971), somente as línguas mortas podem ser descritas exhaustivamente em um dicionário, pois nenhuma sentença nova é produzida nessas línguas. Sempre que existe a possibilidade de novas sentenças serem suscitadas, haverá a probabilidade de novos sentidos e novas palavras também serem suscitados. Dessa forma, o dicionário matis não é exaustivo; apresenta, portanto, uma parte do léxico da língua, selecionada pelos critérios demonstrados a seguir.

De acordo com Biderman (1998:130), nenhum dicionário, por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua. Obviamente, em se tratando do dicionário matis, nem todas as unidades lexicais da língua foram listadas. Existem algumas razões que merecem ser destacadas aqui. Primeiramente, não conhecemos todas as palavras em matis, assim, não foi nossa intenção fazer uma descrição exaustiva do léxico. Em segundo lugar, devido às condições de pesquisa, pelo fato de não trabalharmos com os matis em sua aldeia, provavelmente não reunimos em nosso material lexical algumas unidades que só poderiam ser adquiridas se tivéssemos tido acesso ao seu local de moradia, como aquelas relacionadas à flora e

fauna. Em terceiro e último, não foram colocadas as unidades lexicais que geraram muita dúvida quanto ao seu significado, por não conseguirmos obter respostas claras de nossos colaboradores. Assim, foram selecionadas, para compor o dicionário, todas as unidades lexicais que coletamos durante as pesquisas de campo, tanto em questionários pré-elaborados e em textos, quanto nas falas espontâneas.

5.1. Tipologia

A organização de um dicionário depende de seu conteúdo e do propósito da obra. A ordenação pode ser alfabética, inversa, por campos semânticos ou conceitos; o procedimento pode ser semasiológico ou onomasiológico; o tratamento da polissemia e da homonímia influi na organização dos dados e no número das entradas; o tipo de informações sobre a entrada varia segundo o tipo de dicionário.

A função, por sua vez, determina a organização do dicionário que pode se prestar a várias atividades: ajudar na compreensão e na comunicação, facilitar a aprendizagem de uma segunda língua e apresentar campos semânticos classificados segundo a cultura. A macroestrutura pode ser intensa ou limitada. (Weiss, 1998: 33). A seguir, detalharemos cada um desses aspectos na elaboração do dicionário matis.

5.1.1. Campo semântico

A ordenação das palavras no dicionário matis é por ordem alfabética, por acreditarmos facilitar a consulta. Fazer uma ordenação por campos semânticos não

seria muito simples, como no caso de elaborarmos um dicionário da língua portuguesa, pois implicaria em fazer uma pré-seleção das unidades lexicais e separá-las por grupos, de acordo com o seu significado. Como não somos falantes da língua matis e, portanto, não conhecemos suficientemente o seu universo (a visão de mundo, a cosmologia desse grupo), o resultado de tal organização talvez não fosse muito satisfatório (embora em certos casos, como flora, fauna e outros campos, talvez não encontrássemos muita dificuldade). Porém, agrupar as unidades lexicais sem ter bastante conhecimento da cultura matis se tornaria perigoso, pois poderíamos correr o risco de impor nossa visão de mundo, nossos valores, nossa cultura sobre a deles. A partir do momento em que classificamos determinadas palavras em determinados grupos semânticos, podemos cometer o engano de impor nosso próprio padrão de nomeação das coisas²¹.

A elicitación dos dados se deu por campos semânticos, pelo fato de facilitar o entendimento dos questionários para o nosso colaborador e também nos ajudar organizar melhor os dados. De acordo com Wolf (1982), esta concepção de traço semântico se elaborou nos trabalhos de Pottier, Greimas e, sobretudo, nos de Coseriu, e responde ao desejo de se fazer patente a estrutura imanente do léxico de uma língua individual por meio desses campos léxicos. Um campo léxico é uma estrutura paradigmática composta de unidades léxicas que se repartem em uma

²¹ Quine (1960, 1975) aponta uma discussão detalhada a respeito da imposição de padrões na classificação de uma outra língua.

zona de significação comum e que estão em oposição imediata umas com as outras.

O autor propõe:

"... partir de oposições imediatas, por exemplo, entre dois ou três lexemas, identificar os traços distintivos que fazem com que estes conceitos se oponham, e "construir " progressivamente o campo léxico, estabelecendo novas oposições entre os conceitos já considerados e outros..." (Wolf, 1982: 337), traduzido.

Tendo em vista que o léxico matis representa e reflete a cosmovisão e as tradições de um povo que vive fora das cidades, trabalhando num sistema de subsistência de caça e plantação, e dispondo de uma organização sócio-cultural diferente (como, por exemplo, o sistema de parentesco), acreditamos que norteando nossa coleta de dados a partir de campos semânticos, a cosmovisão matis torna-se mais evidente.

5.2. Relações de significado

5.2.1. Semasiologia e onomasiologia

Baldinger (apud Wolf, 1982: 343), com respeito à praticidade em relação a um dicionário, afirma que essa obra resulta prática quando encontra comodamente a resposta a consulta que lhe é feita.

Com relação aos pressupostos metodológicos, distinguem-se dois tipos de procedimento na semântica lexical de investigação da palavra: o procedimento semasiológico e o onomasiológico. O primeiro procedimento procura o sentido de uma palavra (o significado do significante, nas palavras de Saussure, 1972), partindo

do lexema²² para a descrição do seu significado. Trata-se de um processo de definição e decodificação. Já o segundo procedimento parte da significação em busca da designação lingüística dos conceitos ou objetos (o significante do significado); é um processo de nomeação e codificação. A semasiologia é descritiva, tratando dos sentidos, enquanto a onomasiologia é normativa, tratando das designações.

Um dicionário semasiológico é quase sempre alfabético, e não leva em conta as relações semânticas dentro do vocabulário: "pai" e "mãe" estão separados, do mesmo modo que as palavras compostas, como por exemplo "ficha" e "microficha". Um dicionário onomasiológico, por sua vez, não toma por base o conceito individual, e sim as relações entre os diferentes conceitos. (Wolf, 1982: 346, 341). Nesses termos, privilegiamos, no dicionário matis, os procedimentos semasiológicos.

5.2.2 Homonímia e polissemia

Segundo Haensch (1982), uma das definições mais correntes para os termos homonímia e polissemia, quanto ao seu conteúdo, seria que a "homonímia" é a igualdade entre os significantes de duas ou mais palavras que possuem diferentes significados, enquanto "polissemia" é a reunião de vários significados em uma só palavra (entendendo-se por "palavra" uma unidade de signo lingüístico). Ou seja,

²² Termo usado por Dubois (1973) : 'a unidade básica do léxico'.

duas ou mais palavras que possuem grafia e pronúncia idênticas são polissêmicas ou homônimas.

Para o Haensch (op. cit.), o manejo de dicionários semasiológicos monolíngües e de dicionários bilíngües é dificultado pela pouca atenção que se dá às unidades léxicas com problema de distinção entre homonímia e polissemia. (Haensch, 1982: 297, 299). Tendo isso em mente, os lexemas que apresentarem uma forma igual (fônica e graficamente) e significados diferentes, e os lexemas que reunirem entre si vários significados, merecerão atenção especial na elaboração do dicionário matis.

De acordo com Haensch (1982), uma possibilidade para explicar algumas formas homônimas é que talvez estas sejam conseqüências de mudanças fonológicas da língua através do tempo. Quanto aos lexemas polissêmicos, podem existir várias razões para a sua existência como, por exemplo, a introdução da escola, ou a adoção de diferentes utensílios. Estes fatos resultam, portanto, em novos conceitos de lexemas existentes, mantendo ou não os antigos.

5.2.3. Sinonímia e antonímia

Outras noções básicas relativas à estruturação semântica consideradas no dicionário matis são a sinonímia e a antonímia. Para Wolf (1982), são "sinônimos" as palavras que, pertencendo à mesma categoria gramatical, com significados parecidos e com forma diferente, podem ser substituídas uma pela outra em determinados contextos, com ou sem "nuances" de significado. Para o autor (op. cit.),

a sinonímia absoluta não existe. Lyons (1979: 480) observa: "Em princípio, todas as relações de sentido são dependentes do contexto, mas a sinonímia determinada pelo contexto é de particular importância".

Segundo Wolf (1982: 348, 351), antônimos" são o "termo de sentido contrário a outro termo". Todos os pares de antônimos são pares em oposição, no entanto, não existe entre todas as oposições uma relação de antonímia. Logo, os antônimos, dentro dos diferentes tipos de oposição, se caracterizam pelo traço distintivo "de sentido contrário".

Além dessas, outras relações lingüísticas de significado são consideradas no dicionário matis:

- a) monossema: o lexema com um só sentido;
- b) hiperônimo²³: relação de super ordenação, exemplo do português: "animal", o termo genérico, é o hiperônimo de "onça", "anta";
- c) hipônimo: relação de inclusão das unidades lexicais em questão: "onça" é o hipônimo (termo específico) de animal, isto é, "onça" está incluído no significado de "animal";
- d) co-hipônimo: interrelação de inclusão: "onça", "anta", "porco" são co-hipônimos de "animal" (têm um hiperônimo em comum);

²³ Os termos 'hiperonímia' e 'hiponímia' se referem à inclusão semântica entre um termo mais geral, como 'pássaro' e um mais específico, como 'pardal' (The Encyclopedia of Language and Linguistics, 1994).

e) parônimos: lexemas com sentidos diferentes, mas com formas parecidas, como, por exemplo, em português: "emigrante"/"imigrante". Estes conceitos são usados na metodologia de nossa obra lexicográfica.

Na hierarquia semântica, os hiperônimos, que são os termos genéricos ou superordenados, incluem os hipônimos, que são os termos específicos ou subordinados. Em português, por exemplo, "filho" é hipônimo do hiperônimo "mãe". Porém, essa relação hierárquica nem sempre coincide em duas línguas e culturas, como é o caso do matis e do português.

O sistema de parentesco matis diz respeito à vida e ao trabalho da sociedade. O papel de "mãe" cabe à "mãe" natural *tita* "mãe" e se estende à irmã da mãe *piak* "irmã da mãe, tia mais nova". A tia ajuda na criação de seus sobrinhos quando a mãe, por algum motivo, está ausente da aldeia, ou mesmo quando está presente, mas realizando outras atividades. Ela também tem a obrigação de substituir a mãe na criação dos filhos, em caso de morte. Porém, a criança usa vocativos diferentes: chama a "mãe" de *tita* e a "tia" de *piak*.

O caso do pai é semelhante. O papel de "pai" cabe ao pai natural, *mama*, e ao irmão do pai, *ṭsuka* "irmão do pai, tio". Porém, este só é incumbido da responsabilidade de ajudar a criar os filhos do irmão se eles perderem o pai natural. Mesmo nesse caso, as crianças o chamam de *ṭsuka* "tio", e não de *mama* "pai".

Ainda em relação ao parentesco matris, não há termos gerais para "irmão" e "irmã", pois é preciso especificá-los segundo o sexo e a idade: irmão mais novo ou mais velho do sexo masculino e irmã mais nova ou mais velha do sexo feminino.

5.3. Macro e microestrutura

Com relação à estruturação do dicionário, são considerados os seguintes aspectos: macro e microestrutura, como se vêem abaixo.

5.3.1. Macroestrutura

Segundo Haensch (1982:452), o elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto, que pode ser por ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras ou segundo um sistema conceitual. A macroestrutura compreende, portanto, a organização das entradas no dicionário, e sua construção abrange:

- a) a escolha de entradas para incluir no dicionário;
- b) a escolha do conteúdo: língua padrão, especializada;
- c) a ordenação das entradas: alfabética, inversa;
- d) o tratamento dos lexemas polissêmicos e dos lexemas homônimos.

5.3.2. Microestrutura

De acordo com Haensch (1982), ao realizar uma seleção do léxico total de um conjunto, o lexicógrafo transforma um inventário aberto em outro inventário fechado. Este inventário, que constitui o corpo de todo o dicionário, se divide em "entradas", que são a menor unidade autônoma de um dicionário, podendo estas entradas serem muito variadas, com poucas palavras sem subdivisões ou com várias divisões e subdivisões (Haensch, 1982:461).

A microestrutura é constituída pelos conjuntos de informações que seguem as entradas, como fatores fonológicos, morfológicos, semânticos e pragmáticos. Esses fatores consistem de definição do significado da entrada (explicações, perífrases ou equivalentes); tratamento da polissemia, dando os vários significados da entrada; categoria gramatical de cada significado; frase ilustrativa mostrando o significado através do uso do lexema num contexto apropriado; tratamento dos hiperônimos, hipônimos, neologias, empréstimos; variações dialetais da língua; campos semânticos; remissivas de sinonímia, parassinomímia, antonímia e co-hiponímia. As remissivas visam a construir ou reconstruir o perfil semântico da unidade lexical e situá-la na rede de significação. Os sinônimos e os parassinônimos remetem o usuário a outras entradas com significado igual ou quase igual; os antônimos apontam os opostos; os hiperônimos, hipônimos e co-hipônimos mostram a super e supraordenação (Weiss, 1998: 38, 70).

Neste capítulo apresentamos a metodologia teórica usada na elaboração do dicionário matis. A seguir, descreveremos os métodos e procedimentos utilizados na compilação dos lexemas do dicionário.

CAPÍTULO VI

PROCEDIMENTOS NA COMPILAÇÃO DO DICIONÁRIO MATIS-PORTUGUÊS

Neste capítulo apresentamos os procedimentos adotados na compilação e digitação do dicionário matis-português, pondo em prática a metodologia lexicográfica. Descrevemos a elaboração da macro e microestrutura e das remissivas do dicionário, que têm como língua fonte o matis e como língua alvo o português.

6.1 Elaboração da macro e microestrutura e do sistema de remissivas

O dicionário matis-português apresenta uma sequência de palavras em ordem alfabética linear, que consiste em seguir estritamente a ordem alfabética, seguida por informações sobre elas.

6.1.1. A macroestrutura

A macroestrutura compreende a organização das entradas no dicionário. Como já vimos no capítulo anterior, vários fatores influem em sua elaboração. Com relação à forma das entradas, o dicionário matis utiliza a notação fonológica²⁴.

²⁴ A ortografia da língua está em processo de elaboração pelo CTI, ONG que atua na área de educação junto ao povo matis. No momento, não há resultados conclusivos. Abstemo-nos de propor

6.1.1.1 Critérios de seleção das entradas

De acordo com Haensch (1982:401), o critério principal para se escolher as entradas do dicionário deve ser a freqüência. No que diz respeito à seleção das palavras para serem registradas no dicionário matis, escolhemos não somente as mais freqüentes, mas selecionamos praticamente todas as palavras que constam em nosso banco de dados, com exceção daquelas cujo significado não foi deduzível. Essa escolha se deu pelo fato de que este dicionário tem como proposta descrever o léxico da língua.

Acreditamos, com isso, que as palavras arroladas no dicionário matis garantem a representatividade do acervo lexical da língua. Tal fato se dá não pela quantidade, mas pelo fato de que listamos todas as que foram reunidas durante o nosso tempo de pesquisa com a língua.

A homonímia e a polissemia ocorrem na língua. De acordo com Dapena (2002:186), esses são casos em que a uma mesma forma correspondem diversos significados. Assim, cabe ao compilador a alternativa de tratar todos esses significados em uma mesma entrada, o que constituirá um caso de polissemia, ou considerar que cada significado corresponde a uma palavra diferente e, portanto, registrar tais palavras em entradas diferentes, o que constituirá um caso de homonímia. Para o autor (op. cit.), a distinção entre homonímia e polissemia se reduz

qualquer tipo de ortografia para os matis, pois o CTI tem trabalhado nessa questão há algum tempo. No momento em que a ortografia estiver proposta, poderemos adaptar o dicionário para que os matis possam fazer uso dele.

a uma questão estritamente lexicográfica e não propriamente semântica, pois afeta exclusivamente a forma de registrar os significados dentro do dicionário: um só enunciado, no primeiro caso ou enunciados diferentes, no segundo.

Diante dessas considerações, optamos por tratar, no dicionário matis, os lexemas com a mesma forma e significados diferentes da seguinte maneira: os que possuem traços semânticos em comum constituem um único verbete e estão organizados em uma mesma entrada (polissemia), com os vários significados numerados em seqüência horizontal. As palavras distantes com relação ao significado e que não compartilham de traços semânticos são tratadas em entradas separadas (homonímia), para especificar as suas diferenças, com os significados numerados verticalmente.

Tal critério semântico não é tão simples de ser aplicado, uma vez que não conseguimos identificar exatamente as fronteiras semânticas entre duas palavras, por não sermos falantes nativos da língua fonte.

6.1.1.2 A forma das entradas

De acordo com Welker (2004:91), geralmente escolhe-se como entrada a forma "básica" do lexema. No caso dos verbos, o infinitivo. Para os substantivos e adjetivos, utiliza-se o singular masculino. Trata-se de uma convenção, porém, para auxiliar os consulentes cuja língua materna não é a do dicionário, seria importante que o dicionário desse como entrada também formas flexionadas.

Optamos por arrolar no dicionário matis os verbos na sua forma flexionada. Assim, sua representação se dá com o morfema *-kin*, que indica uma forma infinitiva. Acreditamos que listando os verbos dessa maneira, torna-se mais fácil a leitura e a pronúncia da palavra pelo usuário. O verbo *ak-*, por exemplo, fica representado no dicionário como "akkin" "beber". Os substantivos e os adjetivos são listados na sua forma básica.

Os morfemas também são listados no dicionário. Ainda que esses elementos não ocorram no *corpus* como palavras, foram registrados como entrada pois todos eles são recorrentes na língua. Em se tratando de um dicionário de uma língua desconhecida, acreditamos que deva trazer também todos os morfemas que ocorrem nesta língua para que o consulente possa compreender o seu funcionamento. Assim, consideramos tais morfemas parte do componente lexical.

Com relação à concepção de léxico, há opiniões divergentes entre alguns autores. Dentre essas concepções, o léxico pode ser entendido de três maneiras: o conjunto dos morfemas; das palavras (apesar da dificuldade em se definir "palavra"); o conjunto indeterminado, mas finito de elementos, de unidades ou de "entradas" em oposição aos elementos que realizam diretamente funções gramaticais, como os determinativos e os auxiliares. Neste caso, diferencia-se entre morfemas lexicais e gramaticais, estes últimos devendo constar nas gramáticas (Welker, 2004).

O autor afirma que, na prática, o léxico é frequentemente considerado como conjunto de palavras com função não "gramatical", isto é, dos nomes, verbos, adjetivos e da maioria dos advérbios. Estão excluídos os morfemas presos e as

chamadas palavras "gramaticais", sendo que a fronteira é muito vaga. Porém, Schindler (apud Welker, 2004:16) considera que as concepções atuais de léxico incluem unidades abaixo do nível de palavra, os morfemas presos, como também acima desse nível, os fraseologismos. Assim, fazem parte do dicionário matís os verbos, os substantivos, os adjetivos, os advérbios e os morfemas, como se vê em:

(3)

a) morfemas

-bid "morfema comitativo"

-e "morfema de tempo presente"

b) palavras simples

abu "céu"

ana "língua"

askadkin- "engasgar"

c) palavras compostas

nunte podo "remo" = nunte "canoa" + podo "braço"

d) palavra derivada

kodokate (n.) "cozinha" = kodoka- (vb. tr.) "cozinhar" + -te (nom.).

No dicionário, as formas livres ocorrem sem hífen e as presas sempre acompanhadas por um hífen antes ou depois da palavra, como exemplificado em:

(4)

a) bedkin "pegar"

b) -bo "morfema coletivizador"

c) buku "corda do arco"

d) butʃi "avô"

As neologias e os empréstimos são denominados "neologismo" e "empréstimo". Segundo Biderman (2001:206), neologismo constitui uma palavra nova introduzida no idioma. Pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro. Para Dubois (1973), há "empréstimo" quando um falante de uma determinada língua (A) usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia em outra língua (B) e não naquela (A). A unidade ou o traço emprestado são chamados de "empréstimos".

A integração da palavra na língua (A) se faz de diversas maneiras, de acordo com os termos e as circunstâncias : 1) a palavra pode ser reproduzida quase como se pronuncia e se escreve na língua (B). Em geral, há assimilação dos fonemas da língua (B) aos fonemas mais próximos da língua (A). Exemplo : *paparazzo*, do italiano, que designa certos fotógrafos da imprensa, será usada em francês com a pronúncia [papaRatso] e o plural [papaRatsi]; 2) só alguns traços muito freqüentes da língua (B) são conservados, como alguns afixos, por exemplo; 3) todos os traços da língua (B), estranhos a (A), desaparecem e são substituídos por traços mais ou menos vizinhos ou não de (B), como *football*, do inglês, integrado ao português sob a forma *futebol* (integração total) (Dubois, 1973 :209-210). Para este trabalho denominamos "neologismo" toda palavra nova introduzida em matis que seja um termo vernáculo, como *tasikite* "esmalte para unha do pé". Denominamos

"empréstimo" as palavras emprestadas do português que sofreram adaptação ao sistema fonológico matis, como *ʃeʃ bi* "chefe".

A notação das palavras matis foi feita com base na análise fonológica da língua (Spanghero, 2000). Os fonemas seguem a seguinte ordem alfabética: a, b, d, e, i, i, k, m, n, o, p, s, ʃ, ʂ²⁵, t, ts, tʃ, tʂ, u, w.

6.1.2 A microestrutura

A microestrutura compreende a construção interna dos verbetes. Neles, são explicitados o uso da entrada, do ponto de vista gramatical, semântico e pragmático. Os verbetes são constituídos da entrada seguida de várias informações. As informações principais no dicionário matis são os componentes semântico, pragmático, gramatical e de neologismos ou empréstimos.

6.1.2.1 Características dos verbetes

Os verbetes no dicionário matis têm as seguintes características: o primeiro item do verbete é a entrada. À entrada segue-se: (a) a indicação gramatical, mostrando sua classe (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio); (b) a equivalência da palavra matis em português e as variantes de significados no caso da polissemia ou a explicação do uso da palavra; (c) o nome científico, quando se tratar de nomes de

²⁵ Posteriormente a essa análise, o fonema ʂ foi proposto por Ferreira (2004).

animais; (d) uma frase ilustrativa, mostrando o comportamento gramatical e semântico da palavra no contexto da língua matis; (e) a tradução em português da frase explicativa; (d) anotação de composição, neologismo, empréstimo, reduplicação e onomatopéia.

Os nomes científicos foram retirados de obras específicas sobre animais e de dicionários, indicados na bibliografia. A informação científica é importante no caso do consulente não conhecer o animal e desejar obter maiores detalhes a seu respeito, podendo assim obter meios para outras pesquisas. Algumas vezes não foi possível obter o nome científico correspondente. Esses nomes foram obtidos, também, com o auxílio do zoólogo e lingüista David Fleck.

6.1.3 O sistema de remissivas

As remissivas visam a reconstruir o perfil semântico da palavra e situá-la na rede de significação, pois a ordem alfabética separa essa rede, tornando obscura a relação semântica (Weiss: 1998).

No caso das palavras compostas, as remissivas indicam cada unidade que as compõem. Com relação aos sinônimos e aos antônimos, os primeiros remetem o usuário a outras entradas com significado parecido, enquanto os antônimos apontam os opostos. Os hiperônimos, hipônimos e co-hipônimos mostram a supraordenação.

6.1.4. Programa e fonte

O programa utilizado para a digitação dos dados, bem como para dar o modelo de dicionário proposto, foi o editor de textos Word, com o recurso de algumas *macros*, ou modelos, repetidas para todas as entradas. Utilizamos os caracteres do Alfabeto Internacional da Fonte IPA para as entradas lexicais do dicionário matis.

6.1.5. Ilustrações

As ilustrações utilizadas para alguns verbetes têm como objetivo exemplificar alguns elementos da cultura matis. Tais ilustrações são compostas por fotos tiradas pela pesquisadora nos trabalhos de campo e por fotos tiradas pelo antropólogo Phillippe Erikson.

Neste capítulo descrevemos os procedimentos adotados na compilação do dicionário matis. A seguir apresentaremos algumas características morfosintáticas da língua matis, informações estas indispensáveis para que o consulente entenda a apresentação dos verbetes no dicionário.

CAPÍTULO VII

ASPECTOS DA MORFOLOGIA

Neste capítulo apresentamos alguns aspectos da morfologia da língua matis a fim de fornecer ao leitor condições para compreender o dicionário.

Os processos morfológicos²⁶ que ocorrem na língua são prefixação, sufixação e reduplicação. Os processos menos recorrentes são o de prefixação e reduplicação; a sufixação é um processo comum em matis.

7.1. Prefixos

O significado dos prefixos diz respeito a dois tipos de locativos: "interior, dentro, ao avesso" e "partes do corpo", como demonstramos em:

an- "interior"

(5)

a) **an-**kušto- "entornar dentro de"

vitoria	-n	sucu	an-	kušto	-e	-k
Vitória	-erg.	sucu	dentro-	entornar	-n.pass.	-decl.

"A Vitória coloca o suco (em uma vasilha)".

²⁶ A apresentação da morfologia exposta neste capítulo baseia-se, em grande parte, na análise de Ferreira (2001, 2004).

ta- e **ka-** , como outros prefixos, quando afixados aos verbos indicam a parte do corpo a que se referem, como vemos em:

(6)

ta- → tai “pé”

ka- → kaʂuku “costas”

a)	i-	ben-	-bi	ibi	ta-	did	-ad	-a	-k
	1p.-	rest.-	-enf.	1sg.abs.	pé-	cortar	-refl.	-pass.rec.	-decl.
	“Eu me cortei no pé.”								

b)	Gabrieu	-Ø	ʂubu	ka-	nid		-e	-k	
	Gabriel	-abs.	casa	costas-	estar em pé		-n.pass.	-decl.	
	“O Gabriel está fora da casa (em pé, de costas).”								

7.2. Sufixos

Os sufixos seguem a raiz, ocorrendo um maior número de sufixos nos verbos do que nos nomes. Um grupo restrito de morfemas se sufixa aos adjetivos e aos advérbios. Os nomes só podem receber dois sufixos simultaneamente; já os verbos podem receber até quatro sufixos. Os adjetivos e advérbios recebem apenas um sufixo por vez. A seguir, apontamos exemplos de sufixos no nome, no verbo, no adjetivo e no advérbio, respectivamente.

(7) Sufixos no nome

a)	tʃanpi	“menina”	→	tʃanpi	-bo	“as meninas”	→	tʃanpi	-bo	-n	“as meninas”
				menina	-col.			menina	-col.	-erg.	

(8) Sufixos no verbo

a) ak- -e -k → ak- -tan -e -k →
 beber -n.pass. -decl. beber -desl. -n.pass. -decl.
 “bebe” “deslocar para beber”

ak- -doko -tan -e -k
 beber -pl. -desl. -n.pass. -decl.
 “mais de uma pessoa se desloca para beber”

(9) Sufixo no adjetivo

a) wisu → wisu -tapa
 preto wisu -enf.
 “muito preto/é preto”

(10) Sufixo no advérbio

a) uṣto- -ek b) udi -dapa
 amanhã -conc.intr. para cá -enf.
 “amanhã”

7.3. Flexão e derivação

7.3.1. Flexão

Em matis a flexão é mais produtiva do que a derivação, devido à sua obrigatoriedade. É mais produtiva nos verbos. Nos nomes ela é feita pela marcação de caso no nível da sentença. Os adjetivos são flexionados pelos sufixos, **-pa** “tornar-se” **-dapa** “intensificador” e **-tsik** “restritivo/intensificador”. Os advérbios podem ser flexionados por sufixos de concordância transitiva, os quais são condicionados sintaticamente.

7.3.2. Derivação

A derivação muda a categoria gramatical, como se vê em: *koroka-* "cozinhar" e *-kid* "nominalizador agentivo" = *kodoka-kid* "cozinheiro". Também opera sobre a mudança de valência (transitividade) de uma raiz verbal. O sufixo *-ad* "reflexivador" faz a reflexivização verbal e muda a valência, como demonstramos em:

(11)

a) *tadid* "cortar o pé" (+ transitivo)

b) *tadid-ad-ek* "corta-se o pé" (- transitivo)

7.4. Classes de palavras

As classes de palavras em *matís* são nomes, verbos, adjetivos, advérbios (classes abertas), pronomes, quantificadores e numerais (classes fechadas) (cf. Ferreira, 2001).

As classes abertas são constituídas por raízes e possui um processo morfológico produtivo, a flexão. Há um crescimento dos seus itens lexicais devido aos empréstimos, lexicalização e onomatopéias, diferentemente das classes fechadas, que são mais inflexíveis a um processo de acréscimo. Os nomes e os verbos são os que mais sofrem mudanças. Adjetivos e advérbios possuem um pequeno número de itens lexicais e raramente aumentam sua classe em novos itens, podendo ser categorizados como uma classe aberta não-prototípica. Cada classe possui um conjunto de morfemas que se afixa a elas.

7.4.1. Nome

O nome em matis pode ser modificado por elementos que ocorrem pospostos (numerais e quantificadores) ou preposto (pronomes possessivos) a ele. Apresentamos, a seguir, os afixos que ocorrem com os nomes, por meio do quadro abaixo:

-----	-----	R	-n (V_) ~ -in (C_)	Caso Ergativo ²⁷
	-----	A	-∅	Caso Absolutivo
	-----	D	-bita	(Comitativo O)
	-----	I	-bitan ~ -ita (ocorre com os pronomes plurais).	(Comitativo A)
	-----	C	-bid ~ -id (ocorre com os pronomes plurais).	(Comitativo S)
-----	-----	A	-n ~ -in	Marca Instrumental
-----	-----	L	-n , -no	Marca de Locativo
-----	-----		-şun ²⁸	Marca de concordância com os verbos transitivos. Ocorre com locativos e advérbios. Possível marca de caso ergativo/absolutivo.

²⁷ A marcação do caso ergativo/absolutivo se caracteriza por sua escolha em relação às orações transitivas e intransitivas. Em uma construção sintática podem ser consideradas três relações sintático-semânticas: sujeito da intransitiva S, sujeito da transitiva A, objeto da transitiva, O. São estas relações que irão diferenciar uma língua nominativa/acusativa de uma língua ergativa/absolutiva. Essas relações podem ser esquematizadas como se segue: nominativo: A e S vs acusativo: O; ergativo: A vs absoluto: S e O. Geralmente, a função S não é marcada morfologicamente nas línguas do mundo para o caso absoluto, pelo fato das orações intransitivas apresentarem somente um argumento externo. Dessa forma, não é preciso diferenciá-lo dos outros constituintes. Já em orações que pedem mais que um argumento, aquele que se encontra em função de A é marcado com o caso ergativo, enquanto os argumentos que estão em função de O não são marcados. Este tipo de marcação é comum em línguas morfologicamente marcadas para caso ergativo/absolutivo. Em línguas do tipo nominativo/acusativo, o termo marcado é o acusativo. A língua matis é do tipo morfologicamente ergativo/absolutivo.

-----	-----	N O M I N A L	-wiş	Marca de concordância com os verbos intransitivos. Ocorre junto aos locativos.
-----	-----		-n ~ -in	Marca de Possessivo
-----	-----		-a	3a pessoa Possessivo
-----	-----		-bo	Coletivo
-----	-----		-adbo	Coletivo utilizado para termos de parentesco.
-----	-----		-tsik	Diminutivo/Restritivo
-----	-----		-ami	Aumentativo
-----	-----		-dapa ~ -tapa	Enfático
-----	-----			
-----	-----		dadenpa	Quantificador
-----	-----		-wid	Restritivo em sentenças intransitivas.
-----	-----		epapa	Restritivo em sentenças transitivas.

Tabela 06: afixos nominais

7.4.1.1. Sistema pronominal

Os pronomes estão divididos em pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e interrogativos. Não há pronomes reflexivos, mas pronomes reflexivizados pelo morfema reflexivo **-en**.

(12)

mibi **-en** -bi mibi ta- did- -ad -a
 2sg.abs. -reflzdr -enf. 2sg.abs pé- cortar- -refl. -pass.rec.
 "Foi você mesmo que se cortou?"

²⁸ O morfema {-şun} parece exercer duas funções na locução nominal: (1) marca de ergatividade em modificadores (numeral e quantificador); (2) marca de concordância transitiva. Porém, segundo Ferreira (2001), a primeira função parece ser a mais provável, embora o autor marque as duas funções na língua.

7.4.1.1.1. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais não fazem distinção de gênero. Na tabela abaixo, mostramos a divisão desses pronomes em ergativo, absolutivo e dativo:

	Ergativo	Absolutivo	Dativo
1 sg	inbi	ibi	ibi
2 sg	minbi	mibi	mibi
3 sg	∅	∅	∅
1 pl	nuki	nuki	nuki
2 pl	mikui	mikui	mitso
3 pl	∅	∅	∅
co-referentes 3 sg	anbi	abi	
co-referentes 3 pl	ankuibi	akuibi	

Tabela 07: pronomes (Ferreira, 2001)

7.4.1.1.2. Pronomes possessivos

Os possessivos formam uma subclasse dos pronomes e são marcados pelo afixo de posse **-n**. Na estrutura sintática esses pronomes antecedem o item possuído, como se vê em: *min* "pronome de 2 sg" ; *şubu* "casa" = *min şubu* "tua casa". Abaixo, na tabela 8, apresentamos os pronomes possessivos:

1sg	nukun	1pl	nukin
2.sg	min	2pl	mitson
3.sg	awin	3pl	aton

Tabela 08: pronomes possessivos (Ferreira, 2001)

7.4.1.1.3. Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos em matis correspondem aos tradicionais "pronomes e adjetivos demonstrativos". A maioria das línguas parece indicar objetos através da referência à localização destes com relação à posição do enunciador no espaço. Já, outras línguas podem ser orientadas para as pessoas do discurso que podem incluir uma referência à posição do receptor. Neste caso, a referência pode codificar se um objeto está próximo do enunciador, próximo do receptor ou distante de ambos, como é o caso do matis. Existem três formas de contrastar dimensão dêitica básica nesta língua, como se vê na tabela abaixo:

Raiz	Nominalizador	Significado	Função espacial
ni	-kid	"este/esta/isto"	perto do falante e do ouvinte
u	-kid	"aquele/aquela/aquilo"	longe de ambos
a	-kid	"esse, essa, isso"	perto do ouvinte

Tabela 09: pronomes demonstrativos

A seguir, apresentamos exemplos de pronomes demonstrativos.

(13)

a) akid Gabriel "Esse é o Gabriel"
esse Gabriel

b) ukid asai "Aquilo é açai"
aquilo açai

c) ukid tupan papi "Aquele menino é filho da Tupan"
aquele tupan menino

d) nikid buda "Isso é bom"
isso bom

7.4.1.1.4. Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos *awí* "o que, que" e *tsu* "quem" ocorrem normalmente em início de sentenças interrogativas, como em português "quem", "qual" e "o que". É imprescindível que os pronomes interrogativos venham sempre sufixados com os marcadores de concordância de tempo **-da** "tempo não-passado" ou **-tsi** "passado", como em *awí-da inbi kodoka-e* "O que eu cozinharei?"; *tsu-tsi uf-e* "Quem dormiu?"

7.4.1.1.5. Caracterização semântica dos nomes

Os nomes em matis podem ser divididos em várias categorias:

1) "Nome entidade", que comumente se refere às coisas abstratas, como apontamos abaixo:

(14)

a) *tʃikeʃkid* "preguiçoso"

b) *bida* "bonito(a)"

2) Nome "temporal", normalmente referido a algo "semi-abstrato" (em português, por exemplo, refere-se a "julho", "segunda", "dia"):

(15)

a) *wanin diʃanin* "no final do tempo da pupunha"

- b) wanin miduk “no tempo da pupunha”
- c) badi miduk “no verão (tempo de mais sol que chuva)”
- d) wen miduk “no inverno (tempo de mais chuva que sol)”

3) Nomes “concretos”, que podem ser divididos em inanimados, como *şubu* “casa”, e animados, como *awat* “anta”. Os animados podem ser divididos em humanos e não-humanos. Em (16) vemos exemplos de animados humanos e em (17) exemplos de animados não-humanos:

(16)

- a) dadawakid “professor”
- b) şita tşiskid “dentista”
- c) tşutşu “irmã mais velha”
- d) mama “papai”

(17)

- a) inawad “capivara”
- b) tşapa “peixe”
- c) atsaban “garça”

7.4.1.1.6. Gênero

Em matis, os nomes *awin* e *binî* significam, respectivamente, “esposa” e “esposo”. Quando associados a um nome [-humano, +animado], passam ter a função

de fêmea e macho. Para a referência à “filhote” utiliza-se o nome *bakui*, que significa “pequeno”. Com relação aos nomes [+humano], somente para os bebês existe a necessidade de se diferenciar masculino e feminino. Em (18) exemplificamos os gênero feminino e masculino:

(18)

- a) unkin binî “porco”
- b) unkin awin “porco fêmea”
- c) unkin bakui “porquinho (filhote)”
- d) tʃanpi bakui “bebê menina”
- e) papi bakui “bebê menino”

Para os outros casos recorre-se à heteronímia lexical para representar cada ser humano:

(19)

- | | | | |
|----|--------------------------------------|---|------------------------------|
| a) | dadasibo “velho” | x | matʃo “velha” |
| b) | papi e/ou dada ²⁹ “homem” | x | tʃanpi e/ou tʃidabo “mulher” |
| c) | tʃutʃu “irmã mais velha” | x | butʃi “irmão mais velho” |
| d) | tʃibi “irmã mais nova” | x | maʃku “irmão mais novo” |
| e) | “ʃanu “cunhada mais velha” | x | dawis “cunhado mais velho” |

²⁹ As mulheres se referem aos homens como *dada* e os homens se referem uns aos outros como *papi*. A mesma distinção é feita para “mulher”. As mulheres referem-se umas às outras como *tʃanpi* e os homens se referem às mulheres como *tʃidabo*.

7.4.1.1.7. Termos de parentesco

Alguns termos de parentesco em matis diferem dependendo da família paterna ou materna. Os termos que designam “avô”, “avó”, “tia mais velha” e “tia mais nova” não são os mesmos para as famílias do pai e da mãe. Para os outros termos de parentesco, a denominação é igual, como demonstramos na tabela e nos dados em (20):

Lado paterno	Lado materno
tʃaido “avô” ʃanu “avó”	butʃi “avô” tʃitʃti “avó”
natʃi “tia mais velha” natʃi ani “tia mais nova”	tita “tia mais velha” piak “tia mais nova”
piak “tio mais novo” kuku “tio mais velho”	piak “tio mais novo” kuku “tio mais velho”
ami “pai dele” ani “mãe dele”	ami “pai dele” ani “mãe dele”
mama “pai” tita “mãe” baba “neto/neta”	mama “pai” tita “mãe” baba “neto/neta”
butʃi “irmão mais velho” maʃku “irmão mais novo” tʃutʃu “irmã mais velha” tʃibi “irmã mais nova”	butʃi “irmão mais velho” maʃku “irmão mais novo” tʃutʃu “irmã mais velha” tʃibi “irmã mais nova”

Tabela 10: termos de parentesco (Ferreira, 2001)

Outros termos de parentesco na língua podem ser vistos em:

(20)

bini “esposo”

awin “esposa”

papi “filho”

tʃanpi “filha”

bakui “bebê”

tʃia “vocativo para menina pequena (antes dos três anos)”

kuku “sogro - pai do esposo ou da esposa”

tʃaia “sogra - mãe do esposo”

natʃi “sogra - mãe da esposa”

baba ani “genro/nora”

dawis “cunhado mais velho”

ʃanu “cunhada mais velha”

kaniwa “cunhada mais nova”

kaniwa “cunhado mais novo”

tsabi “como a irmã mais velha do esposo chama sua cunhada mais
nova”

nini “sobrinha - a esposa chama a filha do(a) cunhado(a)”

uwɪn bakui “sobrinho - a esposa chama o filho do(a) cunhado(a)”

piak “sobrinho(a) filho(a) do(a) cunhado(a)”

tita witsi “sobrinho(a) mais velho -filho(a) do(a) cunhado(a)”

awɪn bakui “padrasto - forma do homem chamar”

bɪntado “padrasto - forma da mulher chamar”

tita witsi “madrasta - forma usada pelo homem e pela mulher”

mena “órfão”

midin “finado”

tʃuka “chará mais novo”

awɪn ʃini “chará mais velho”

7.4.1.1.8. Composição

Em matis, o processo de composição forma-se por duas raízes nominais. Geralmente, o composto prototípico consiste de dois componentes que ocorrem como elementos livres nas sentenças. Assim, em matis, os itens lexicais *nunte* "canoa" e *podo* "braço" ocorrem em sentenças do tipo *nukun nunte bida* "minha canoa é boa" e *nukun podo t̄jimoek* "meu braço está doendo". No entanto, na junção destes dois itens lexicais surge um novo significado que o caracteriza semanticamente como um composto. As construções N+N (nome + nome), N+V (nome + verbo) e N+A (nome + adjetivo) sempre resultarão numa forma nominal, como apontamos na tabela abaixo:

N	+	N	=	N
nunte "canoa"		podo "braço"		remo
tonkate "espingarda"		īʒi "semente"		cartucho
takpan "chão de madeira"		ʒubu "casa"		palafita
nawan "não -índio"		atsa "macaxeira"		mandioca (não comestível)

Tabela 11: composto

N	+	V	=	N
bakui "criança"		usunek "colocar n.pass."		grávida
t̄janpi "mulher"		tsadek "sentar n.passs".		menstruada

Tabela 12: composto

N	+ Adj.	= N
kamun "onça"	pid "vermelha"	onça parda
moto "motor"	bikinkid "tipo de barulho"	deslizador (lança)

Tabela 13: composto

A formação mais produtiva de composição em matis é N + V + sufixo nominalizador = N, como em:

(21)

- a) tʃidabo apad -kid "jovem na idade de menstruar"
mulher igual -nzdor
- b) tsadi tʃamo- -kid "pipoca"
milho assar- -nzdor
- c) nawa tʃik- -kid "libélula"
não-índio pingar da chuva- -nzdor

7.4.2. Verbos

Os tipos de verbos existentes na língua são transitivos, bitransitivos, intransitivos e auxiliares.

7.4.2.1. Transitivos e bitransitivos

Verbos transitivos e bitransitivos pedem dois ou mais argumentos, como: *pe-* "comer", *tonka-* "matar com espingarda" (A O Vtransitivo); *mene-* "comprar", *bed-* "dar" (A S O Vbitransitivo). Observe os dados em:

(22)

a) dani -n sinkuin -∅ **ak-** -e -k
 Dani -erg. mingau -abs. beber -n.pass. -decl.
 “A Dani bebe mingau”

b) Iba -n datonkete -∅ inawad -∅ **bed-** -a -§
 Iba -erg. camisa -abs. inawad -abs. dar -pass.rec. -3.conc.exp.
 “O Iva deu a camisa para o Inawat.”

7.4.2.2. Intransitivos

Os verbos intransitivos pedem um argumento: sujeito (S), como em *u§-* “dormir”, *t§sonoad-* “trabalhar” (S Loc./ Instrumento/outro Vintransitivo). Dentro do padrão ergativo/absolutivo o argumento é marcado pelo absolutivo -∅:

(23)

a) Maki -∅ **u§-** -a -§
 Maki -abs. dormir- -pass.rec. -3conc.
 “O Maki dormiu”

7.4.2.3. Auxiliar

O verbo auxiliar *ik-* “ser e/ou estar, ter” funciona como “verbo genérico” nas construções sintáticas, e ocorre em predicções no passado; no presente o verbo existencial é marcado pelo morfema ∅.

A ligação do possuidor com o possuído é feita pela partícula *abi*, no caso de sentenças afirmativas, e por *bama*, quando se tratar de sentenças negativas. Essas partículas não recebem marcas de tempo, modo e aspecto. No caso do tempo

referido ser o tempo passado, elas serão seguidas pelo verbo auxiliar *ik-*, como é demonstrado abaixo:

(24)

- a) Bina - \emptyset awin dabidpa **abi** \emptyset
 Binan -abs. esposa 2 part.afirm. existencial
 “O Binan tem duas esposas”
- b) inden Bina - \emptyset awin dabidpa **abi** **ik-** -bonda - $\text{\textcircled{S}}$
 antes Bina -abs. esposa 2 part.afirm. aux. pass.dist. 3.conc.
 “Antigamente, o Bina teve duas esposas.”
- c) mai bama sinkuin **bama** \emptyset
 roça part.neg. banana part.neg. existencial
 “Não tem roça, não tem banana...”
- d) Tumi - \emptyset tonkate **bama** **ik-** -bonda - $\text{\textcircled{S}}$ inden
 Tumi -abs. espingarda part.neg. aux. pass.dist. 3.conc. antigamente
 “Antigamente, o Tumi não tinha espingarda.”

Os verbos que recebem os sufixos de negação *-emen* e *-ama* não permitem a sufixação de outros morfemas, somente da marca efática *-pa*. Para que outros morfemas ocorram na sentença em que houver a negação, é necessário a presença do auxiliar *-ik*, como vemos abaixo:

(25)

- a) nibi Gabrieu -n pão - \emptyset pe- **-ama**
 hoje Gabriel -erg. pão -abs. comer -neg.pass.
 “Hoje o Gabriel não comeu pão.”

b) ušto- -kin Gabrieu -n pe- **-ama**
 ontem- -conc.trans. Gabriel -erg. comer -neg.pass.

ik- -bo -ş
 aux.- -pass.n.rec. -3.conc.exp.
 “Ontem o Gabriel não comeu.”

7.4.2.4 Supletivos

Alguns verbos possuem uma forma para o singular e outra para o plural, chamadas formas supletivas. Na tabela abaixo apontamos os verbos supletivos que ocorrem em matis:

Singular	Plural
abad- “correr”	kuduke- “correr + que um”
nid- “estar em pé”	şake- “estar em pé + que um”
seke- “pingar pouco”	tjike- “pingar muito.”
sukad- “colocar”	samid- “colocar + que um”
sukuan- “deixar”	sana- “deixar + que um”
tsad- “sentar”	bidike- “sentar + que um”

Tabela 14: verbos supletivos (Ferreira, 2001)

Há, também, as formas que Ferreira (2004) tem denominado “supletivos antipassivos”, como demonstramos na tabela abaixo:

Transitivo		Intransitivo	
tşuşka	“ficar bravo com alguém”	tşuşke	“ficar bravo”
tuska	“furar alguém”	tuske	“furar”
tonka	“matar com arma atirando em algo”	tonke	“somente o ato de atirar com arma”
todka	“pisar em algo”	todke	“somente o ato de pisar”
tsudka	“o ato de chamar alguém com os lábios”	tsudke	“estalar os lábios”

taşka	“apontar algo”	taşka	“apontar”
winkinka	“balançar para bater em algo”	winkinke	“balançar”
takaşka	“fazer algo tremer”	takaşke	“tremer”
tidinka	“derrubar algo”	tidinke	“cair do alto”
tunka	“fazer cair (não é do alto)”	tunke	“cair (não é do alto)”
weswaka	“arranhar alguém”	wedeske	“arranhar-se”
şuidka	“assobiar para alguém”	şuidke	“assobiar”
onka	“falar para alguém”	onke	“falar”

Tabela 15: verbos supletivos antipassivos (Ferreira, 2001)

Na tabela 16 apresentamos os morfemas que ocorrem junto aos verbos.

			-kid	Nominalizador que ocorre em função argumentativa de A
			-akid	Nominalizador que ocorre em função argumentativa de S ou O
			-esma	Nominalizador Negativo
			-te	Nominalizador que ocorre como instrumentalizador
		R	-tan	“-Ir e vir para”
		A	-wan	“-Vir e ir de”
an-	Interioridade	D	-bene	“-Indo, passando por (transitivo)”
paş-	Adverbializador	I	-kene	“-Indo, passando por (intransitivo)”
	Prefixos de parte do corpo	C	-bidan	“- Ir, parar, verbo (tr.) e continuar”
			-kuidan	“- Ir, parar, verbo (intr.) e continuar”
		A	-bitsen	“-Vir de, verbo (tr.) e continuar”
			-kuitsen	“-Vir de, verbo (intr.) e continuar”
			-toko	Pluralidade
		L	-şun	Benefactivo
			-kuan	Malefactivo
		V	-ad	Reflexivo
		E	-nda (V_) ~ -nida (C_)	Reflexivo interrogativo
		R	-nane	Recíproco
		B	-me	Causativo
		A	-ş	Concordância de 3ª pessoa sujeito e experiencial
		L	-an	Antipassivador
			-k	Declarativo e inferencial

-e	Não-passado
-a	Passado recente
-bo	Passado não-recente
-bonda	Passado distante
-anpi	Passado remoto ¹
-nda	Marca de passado
-kid ¹	Habitual
-tene	Habitual passado
-tenenda	Habitual passado distante
-wa	Reiterativo
-wa	Transitivizador
-tşakan	Inconclusivo
-tsen	Inconclusivo frustrativo
-wid	Frustrativo
-ta	Imperativo afirmativo
-bo	“Antes de”
-bud	“Permanecer no lugar”
-enda	Imperativo negativo
-nu ¹	Desiderativo
-nuke	Desiderativo conc. trans.
-kas; -ka	Desiderativo sincrônico; diacrônico
-emen	Morfema de negação verbal não-passado
-ama	Morfema de negação verbal passado
-kid ²	Marcador de relativização
-şun	Morfema de SR ³⁰ . Indica que o evento é seqüencial e a sua concordância referencial é com o argumento A.
-aş	Morfema de SR. Indica que o evento é seqüencial e a sua concordância referencial é com o argumento S.
-kin	Morfema de SR. Indica que o evento é simultâneo e a sua concordância referencial é com o argumento A.
-ek	Morfema de SR. Indica que o evento é simultâneo e a sua concordância referencial é com o argumento S.
-ek	Morfema de SR. Indica que o evento é simultâneo e a sua concordância referencial é com o argumento A.
-ak	Morfema de SR. Indica que em uma sentença complexa o objeto da matriz será o sujeito da subordinada, podendo ser tanto sujeito de verbos transitivos quanto sujeito de verbos intransitivos.
-nun	Indica sujeito idêntico, expressando um propósito. Sua referência é com o sujeito do verbo transitivo

³⁰ *Switch-reference* (sistema de referência) é um sistema bastante comum nas línguas da família Pano. Em Matis, há 11 marcadores referenciais que indicam a referência com o tipo de argumento verbal (A, S ou O), como também se o evento é simultâneo ou seqüencial. Cada morfema possui significados do tipo: “enquanto que”, depois que”, “antes de”, dentre outros.

		da sentença matriz.
	-nuş	Indica sujeito idêntico, expressando um propósito. Sua referência é com o sujeito do verbo intransitivo da sentença matriz.
	-nu ²	Indica que há sujeitos distintos em eventos simultâneos. Marca que os argumentos da próxima oração são diferentes.
	-bo	Indica referência a sujeitos diferentes em sentenças complexas. Indica também experiencialidade.
	-en	Ocorre em sentenças em que haja causalidade: X é uma causa e Y é uma consequência.

Tabela 16: afixos verbais

7.4.3. Advérbio

As características que definem a classe adverbial na língua matis são morfológicas e sintáticas. Morfologicamente, os advérbios não são flexionados por tempo, modo e aspecto. Sintática e semanticamente funcionam como modificadores do verbo, ocorrendo preferencialmente antes dele. A adverbialização pode ser feita através dos sufixos *-e* e *-en* nos adjetivos e numerais. Exemplo:

(26)

a) ibi epapa **-e** nes- -e -k
 1sg.abs. 1 -advzdor banhar- -n.pass. -decl.
 "Eu tomo banho uma vez."

b) minbi nami **-Ø** dabidpa **-en** pe- **-bo** -k
 2sg.erg. carne -abs. 2 -advzdor comer- -pass.rec. -decl.
 "Você comeu carne duas vezes (ontem)."

O advérbio em matis pode ser modificado por dois tipos de intensificadores: *kimo*, que vem depois de palavras adverbializadas e *-tsik*, que ocorre após os advérbios. A tabela abaixo mostra os advérbios na língua:

Advérbios de modo	bişkad widen tudemen buid şoşke	“lentamente”, “rapidamente, para verbos de movimento”, “rapidamente, para os outros verbos” “altura da voz (alto)” “altura da voz (baixo)”
Advérbios de lugar	miduk uki ni udi uditsik ikibi	“longe” “muito longe” “aqui” “para lá de” “pouco depois de” “pouco para cá de”
Advérbios de tempo	ušto- sedke- nibi nibi kimo inden intşışmantsik tşadbud	“ontem / mais tarde” “amanhã” “hoje” “agora” “antigamente” “de manhãzinha” “a tarde”
Adverbializadores	-e -en paş-	“advzdor.intr.” “advzdor.tr.” provável adverbializador
Morfemas que ocorrem com alguns advérbios (geralmente de tempo) e se relacionam com a transitividade verbal.	-şun -wiş	conc. verbos tr. conc. verbos intr.

Tabela 17: advérbios (Ferreira, 2001)

A seguir, exemplificamos dados com advérbios na língua matis:
(27)

a) pusan -∅ **bişkad** -tsik dawan- -e -k
preguiça -abs. lentamente -intens. tipo de caminhar -n.pass. -decl.
“A preguiça anda muito lentamente.”

b) Gabriel **nibi** kimo tsad -e -k
Gabriel agora sentar -n.pass. -decl.
“O Gabriel está sentado agora”

- c) **sedke-** -şun inbi atsa -∅ kodoka- -e -k
 amanhã- -conc.trans. 1sg.erg. mandioca -abs. cozinhar- -n.pass. -decl.
 “Amanhã eu cozinharei mandioca.”

7.4.4. Adjetivo

De acordo com Ferreira (2001), pelos critérios semânticos propostos por Dixon (1977) e pelos critérios sintáticos, identifica-se uma classe "adjetivo" na língua matis.

Dixon (1977), tendo como base o inglês, propõe sete tipos semânticos: dimensão, propriedade física, propriedade humana, idade, cor, valor e velocidade. Destes sete tipos há, em matis, cinco, que são apresentados abaixo.

a) Dimensão:

kasi “magro”, şunu “alto”, tuku “baixo”, nowa “grande/largo”.

b) Propriedade física:

iwidap “pesado”, şakad “leve”, tşod “mole”, itis: “quente”, waduş “frio/gelado”.

c) Propriedade humana:

bida “generoso/bondoso”, widan “nervoso”.

d) Idade:

şini “velho(a) (para inanimados)”, paşa “novo(a)(para inanimados)”, dadasibo “velho (-/+ humano)”, tsutsibo “velho [-humano] (macho)”, matşo “velha (-/+ humano)”, buntak “jovem masculino”, tşanpi “jovem feminino”.

e) Valor:

bida “bom”, bida pemen “não é bom, mal”, iksamadap “ruim/não presta”.

Para o tipo semântico “velocidade” há somente palavras caracteristicamente adverbiais. Alguns adjetivos possuem um antônimo, realizado através da negação: *bata* “doce”, antônimo: *bata pimen* “não é doce”, “amargo” ou “salgado”.

Os adjetivos encontram-se pospostos ao nome. Eles podem ser modificados pelo intensificador *kimo* “muito”. A ordem do adjetivo, no sintagma nominal, é demonstrada abaixo:

(28)

N	ADJ		N	ADJ	INTENS	
a) matses	bida	-Ø	b) tʃanpi	papitsik	kimo	-Ø
matis	bonito	exist.	menina	pequeno	muito	exist.
“O matis é bonito/bom”			“A menina é muito pequena”			

A seguir, apresentamos exemplos de alguns adjetivos na língua:

(29)

a) minbi	[sucu	waduʃ] _{SN}	-Ø	ak-	-a	-k
2p.sg.erg.	suco	gelado/frio	-abs.	beber	-pass.rec.	-decl.
“Você bebeu suco gelado.”						
b) Gabrieu	-Ø	kasi	-dap	kimo	ik-	-bonda
Gabriel	abs.	magro	-enf.	muito	aux.	-pass.dist.
“O Gabriel estava muito magro.”						
c) papi	papitsik	kimo	-Ø	tunke-	-a	-ʃ
menino	pequeno	muito	-abs.	cair-	-pass.rec.	-3.conc.
“O menino muito pequeno caiu”						

7.4.5. Quantificador

Os quantificadores podem funcionar modificando o nome, o adjetivo, o verbo e o advérbio. Têm a função de quantificar e intensificar. São classificados como contável e não contável: a) *dadenpa* "muito, em grande quantidade" (pode ser usado para contável ou não); b) *kimo* "muito" (não contável); c) *dabitsik* "pouco (contável)"; d) *papitsik* "pouco (não contável)"

Observe os dados em (30) e (31):

(30)

a) *inbi* *nami* ***papitsik*** -Ø *p-* *-e* *-nu*
 1sg. erg. carne pouco -abs. comer- -n.pass. -des.
 "Eu quero comer pouca carne"

b) *waka* -n *i* ***dadenpa***
 rio -loc. arraia muito
 "Muitas arraias no rio"

Em (31) verificamos que a função de intensificador ocorre após o adjetivo, o advérbio e o verbo, respectivamente.

(31)

a) Rogero *şubu* -no sorvete *işa* ***kimo*** -Ø *ik* *-bonda* -ş
 Rogério casa -loc. sorvete gostoso muito-abs. aux. -pass. rem. -3.conc.exp.
 "Na casa do Rogério o sorvete era muito gostoso."

b) *ibi* *buid* ***kimo*** *abad* *-e* *-k*
 1sg.abs. rápido muito correr -n.pass. -decl.
 "Eu corro muito rápido"

c) *dadasibo* -Ø *tşonoad* -ek ***dadenpa*** *şakak* *-e* *-men*
 velho -abs. trabalhar -A/S>S muito cansar -n.pass. -neg.n.pass.
 "O velho trabalha (todos os dias) sem se cansar muito."

7.4.6. Numeral

A língua matis possui palavras para números de um até cinco, sendo o sistema de contagem de base 5 realizado por meio das mãos. Após contarem até cinco, a somatória será de cinco em cinco, ou seja, uma mão = 5, duas mãos = 10, e assim por diante. Dessa forma, o grupo pode contar até vinte, utilizando os dedos das mãos e dos pés. Em geral, quando a quantidade não for específica, e estiver acima da contagem de cinco, é usado o quantificador *dadenpa* “muitos”, como em *datonkete dadenpa* “muitas camisas”. Atualmente, alguns falantes bilíngües da comunidade se valem do sistema numérico nacional (brasileiro). A tabela abaixo apresenta os números em matis:

1	epapa
2	dabidpa
3	miki nantan ted
4	mikin ted
5	mikin atşuwiş ted
acima de 5 em geral	mikin dadenpa

Tabela 18: numerais (Ferreira, 2001)

O número 6 é formado pela combinação da palavra “mão” mais o polegar, e o número 7 é expresso por meio da combinação da mesma palavra mais o item que se refere ao número dois. No entanto, os números 6 e 7 não são usuais dentro da cultura, sendo o seu surgimento decorrente da necessidade de se expressar alguns números exatos acima de cinco. Os rapazes que falam português utilizam o sistema numeral brasileiro quando estão se comunicando na língua matis. As formações apresentadas nos dados abaixo são feitas por aqueles que não sabem falar o português.

(32)

a) número 6 → mikan maşopa iki ik- -kid bid
 mão polegar do outro lado exist. -rel . -com.
 (Lit.: “A mão mais o polegar da outra mão.”)

b) número 7 → mikan iki ik- -kit dabidpa
 mão do outro lado exist.- -rel. dois
 (Lit.: “A mão mais dois da outra mão.”)

Neste capítulo descrevemos alguns aspectos da morfologia nominal e verbal da língua matis. A seguir, apresentamos o dicionário matis-português.

CAPÍTULO VIII**O DICIONÁRIO MATIS-PORTUGUÊS**

Este capítulo apresenta o dicionário matis-português, precedido de algumas explicações concernentes à sua organização.

8.1. A macroestrutura

A ordem das entradas segue o que foi colocado no capítulo VI. No caso de haver homonímia, as palavras homônimas são numeradas com um símbolo sobre-escrito.

8.2. A microestrutura

São utilizadas as seguintes convenções:

1. Os números em seqüência vertical indicam as homonímias e os que estão em seqüência horizontal, as polissemias;
2. Composição: indica que há uma composição;
3. Cf.: remete aos lexemas com significado semelhante, aos antônimos e aos lexemas que formam o composto;
4. Neologismo: indica uma neologia;

5. Empréstimo: indica um empréstimo do português;
6. Hífen (-): indica a divisão das palavras em morfemas;
7. Lat: indica o nome científico;
8. Nota: indica uma explicação sobre alguma característica particular da palavra;
9. Reduplicação: indica uma palavra reduplicada.

8.3. Organização tipográfica das entradas

Os seguintes tipos de grafia foram utilizados para destacar as partes dentro das entradas:

1. negrito: a palavra matis que está em ordem alfabética e na frase explicativa;
2. itálico: a classe gramatical e o nome científico;
3. letra maiúscula: no início da definição da palavra, de "Composto", "Cf." , "Neologismo" , "Reduplicação", "Nota" e "Onomatopéia".

8.4. Dicionário matis-português

A

a⁻¹ *pron.* Marca de 3ª pessoa. Tupa **a-ben-tsik** uş-bo-ş "A Tupa dormiu sozinho"

-a² *suf.* Morfema de tempo passado recente. boşkekid -in biuş tşe-a-ş "O sapo engoliu o mosquito."

abadkin¹ *v.intr.* Correr. wapa **abad-a-ş** "O cachorro correu."

abadkin² *v.intr.* Fugir. unkin **abad-bonda-ş** "O caitetu fugiu."

abensokin *v.tr.* Espalhar. tsu-n-da nukun tşu **abenso-a** "Quem espalhou minhas coisas?"

abentsik *adv.* Sozinho. Binin **abentsik-Ø** uş-a-ş "O Binin dormiu sozinho."; Tupa-n **abentsik-şun** kodoka-a-ş "a Tupa cozinhou sozinho."

abikimo *s.* Verdade. **abikimo** inbi ka-e-k "Eu falo a verdade (para você)."

abi¹ *part.* Partícula afirmativa. min şubu-no tşod matsu abi "Na tua aldeia tem panela de barro; ibi wapa dabitpa abi "Eu tenho dois cachorros"

abi² *pron.* 3ª pessoa do singular reportativo absoluto. **abi-bi** pe-ta "Come esse mesmo!"

abibi *part.* Esse mesmo. **abibi** mananukid dabitpa iknu ibi tsukake-şo tuskatekid "Ele quis furar a orelha dele mesmo."

abidada *part.* Todos os dias. we **abidada-tapa** tşik-e-k "Todos os dias chove."

abiu *s.* Lado direito. mikin **abiu** "Mão direita"; **abiu** uk-şun se-e-k "Atira com a mão direita."

abu *s.* Céu. **abu** bida kimo "O céu está bonito."

abuk *adv.* Em cima, no alto. **abuk-wiş** şuia kuıd-e-k "O rato faz barulho lá no alto." Cf. tak.

abuk dada *s.* Lua cheia. Rogeru ista **abuk dada** "Rogério, veja a lua cheia!" Composto. Cf. **abuk**, **dada**, uşi.

abu kudek *s.* Trovão. kuak-ta **abu kudek** "Escute o trovão!" Composto. Cf. **abu**, **kudkin**.

abuk dunu *s.* Cobra papagaio. Lat. *Boa constrictor constrictor*. **abuk dunu** iwin mikin-in taniad-e-k "A cobra papagaio está enrolada no galho." composto. Cf. **abuk**, **dunu**.

abu pidikek *s.* Raio. Composto. Cf. **abu**, **pidikekin**.

-ad *suf.* Reflexivo. iben-bi ibi ta-did-**ad-a-k** "Eu mesmo cortei meu pé"; Gabrielu an-pe-**ad-bo-ş** "O Gabriel mordeu dentro da boca."

-adbo *suf.* Marcador de plural para termos de parentesco. *tita-adbo* "Tias" ou "minhas outras mães"; *tʃibi-adbo* "Irmãs mais novas".

ai *part.* Certo, assertiva. Perg.: *mibi kuan-e* "Você viaja?" Resp.: **ai** "Sim".

aias *s.* Cipó. *inbi aias tis-e-k* "Eu vou tirar cipó."

aias dunu *s.* Tipo de serpente. Lat. *Dipsas catebyi*. Composto. Cf. *aias*; *dunu*.

aiunkin¹ *v.intr.* Ventar. *inbi aiun-ʃo is-e-k* "Eu vejo ventar."

aiun² *s.* Vento. *aiun kunke-e-k* "O vento faz barulho."

-ak *suf.* Morfema de marcação *switch-reference*. Indica que em uma sentença complexa o objeto da matriz será o sujeito da subordinada, podendo ser tanto sujeito de verbos transitivos quanto sujeito de verbos intransitivos. *bina-n tsadi seka-ak tʃotke-a-ʃ* "(Ele) espalhou o milho do Binan e o estragou."

aka *s.* Socó. Tipo de pássaro. Lat. *Tigrisoma fasciatum*. *dadasibo-n aka tik-bo-ʃ* "O velho matou um socó."

akašana *s.* Tipo de Garça. Lat. *Anhinga Anhinga*. Composto. Cf. *aka*, *šana*.

akekin *v.intr.* Roçar com faca. *nawi ake-ek lba kuan-a-ʃ* "Iba corta o mato com faca."

-akid *suf.* Nominalizador. Ocorre em função argumentativa de S ou O. *kiku-n dadawa-akid tanawa-e-k* "Kiko sabe que é professor."; *sinkuin tʃodka-akid abi* "Tem mingau de banana?"

akin *s.* Tipo de garça

akkin¹ *v.tr.* Beber. *awin mama-n pinga ak-me-e-k* "O pai dele faz beber pinga."

akkin² *v.tr.* Matar. *kamun-an wapa ak-bo-ʃ* "A onça matou o cachorro."

iktiʃunkin *v.intr.* Espirrar. *ibi iktiʃun-e-k* "Eu sempre espirro."

akui *pron.* 3ª pessoa do plural reportativo. Eles. *inbi takada pe-ak akui-bi-n unkin pe-a-ʃ* "Eu comi galinha, mas eles comeram caitetu."

akuikid *s.deriv.* Som (música). *akid akuikid fita iksamadap nikid bida* "Aquele música da fita é ruim, essa é boa."

ami¹ *s.* Pai (dele). **ami**-n pão *bed-a-ʃ* "O pai dele comprou o pão"; *ami tʃimo-e-k* "o pai dele está doente."

ami² *adj.* Grande. matsu **ami** pos-e-k “A panela de barro grande quebrou.”

-ama *suf.* Marca de negação-passado. Rogeru-n tonka-**ama** inbi awat tonka-a-k “Rogério não matou a anta, eu matei”.

amakin¹ *v. tr.* Perder. awin tita-n awin papi **ama**-bonda-ş “A mãe perdeu seu filho.”

amakin² *v.intr.* Estar morto. nukun butji **ama**-bonda-ş “O meu irmão mais velho faleceu.”

amakkin *v.intr.* 1. Pisar. 2. Amassar. 1. Bini-in ibi mi- **amak**-a-ş “O Bini pisou na minha mão.” 2. Rogeru sacco **amak**-enda “Rogério, não amasse o saco!”

amen *part.* Não é esse/isso, é o outro.

amenu *posp.* Lado esquerdo. tai **amenu** “Pé esquerdo”; Tupa-n maşku **amenu**-şun se-e-k “O irmão da Tupa atira com o (braço) esquerdo.”

amiuka *s.* 1.Genro. 2. Primo. 1. nukun **amiuka** kuan-a-ş “Meu primo viajou”

an⁻¹ *pref.* Dentro, na parte interior. Gabrieu **an**-pe-ad-a-ş “O Gabriel mordeu dentro da boca.”

-an² *suf.* Antipassivador. mibi kues-**an** pe-e-k “Você está batendo (em mim).”

ana *s.* Língua. dunu-n **ana** iksamadap “A língua da cobra é ruim.”

andadawid *adj.* Vazio. matsu **andadawid** “A panela está vazia”. Cf. kubudap.

anenikid *s.* Tipo de inseto. Lat. *Pseudomyrmex gracillis*

ani *pron.* Mãe (dele). **ani** tşuşke-pee-k “A mãe dele está brava.” Cf. tita.

ani *s.* Nome. nukun **ani** inawad “Meu nome é inawad.”

ankadkin *v.intr.* Abrir a boca. Buşu **ankad**-ta “Buşu, abra a boca!”

ankapakakin *v.intr.* O ato de fechar (dobrando). inbi canivete **ankapaka**-a-k “Eu fechei o canivete.”

anmakudkin *v.intr.* Escovar os dentes, bochechar. Bini **anmakud**-e-k “Bini escova os dentes.”

anmakuşuşkkin *v.intr.* Bochechar, limpar dentro. Tumi **anmakuşke**-ta “Tumi, bocheche.” Cf. anmakudkin.

anmakute *s.deriv.* Escova de dente. nukun **anmakute** iksamadap “Minha escova de dente está ruim.”

ano *adv.* Até. **ano** ibi kuan-e-k setke-aş “Até amanhã estarei aí.”

-anpi *suf.* Passado remoto. portugueses Brasil-no tʃo-
anpi “Faz muito tempo que os portugueses vieram para o Brasil.”

anpisabadkin *v.intr.* Ter bafo ao bocejar. dadasibo **anpisabad-e-k** “O velho tinha bafo.”

anpikid, anʃenak *adj.* Fanhoso.

anpokekin *v.intr.* Chupar a bochecha para dentro da boca (sem fazer barulho). papi **anpoke-e-k** “A mulher está afundando a boca para dentro”

anpuşudkin *v.tr.* Fumar. nawa-n anpuşute dadenpa **anpuşud-e-k** “O não-índio fuma muito cigarro.”

anpuşute *s.deriv.* Tabaco, cigarro. inden nuki **anpuşute** anpuşud-ampi “Há muito tempo nós fumávamos tabaco.”

ansekakin *v.intr.* Jogar de dentro. matsi **anseka-ta** “Jogue a farinha!”; pete tişî **anseka-ta** “Jogue o resto de comida.”

antokakin *v.tr.* O ato de colocar o cabo em algo. minbi şotko **antoka-bo** “Você colocou o cabo no machado?”

antʃekakin *v.intr.* Cortar ao meio. inbi wata **antʃeka-e-k** “Eu corto o mamão ao meio.”

antʃište *s.deriv.* Cana-de-açúcar. kuni-n **antʃište** menan-a-ş “O Kuni plantou cana-de-açúcar.”

antukkin *v.tr.* Entornar. minbi waka **antuk-a-k** “Você derramou a água.”

anwidankin *v.intr.* Pescar. papi-bo-n tʃapa **anwid-ek** kuan-a-ş “Os rapazes foram pescar peixe.”

anwidante *s.* Anzol. **anwidante** bita “Traga anzol!”

anwidante punu *s.* Linha de pesca. Composto. Cf. an-, widankin, punu.

anwidante wişpo *s.* Vara de pescar. Composto. Cf. an-, widankin, wişpo.

apad *posp.* É igual a (utilizado no discurso como resposta). Perg.: datonkete-da nukuna-pat “As camisas são iguais?” Resp.: **apad** pimen. “Não são iguais”.

apita *s.* Tipo de lagarta. Lat. *Enyaliades laticeps*. Composto. Cf. atsa, tonpi.

askadkin *v.intr.* Engasgar, afogar. matşo **askad** p-e-k “A velha está engasgando.”

-aş *suf.sr.* Sufixo de referência com o argumento S da oração matriz. Mena-n pe-kin rogeru-n şubu-no-şun pe-tane-**aş** kuan-a-ş “O Mená comeu em minha casa, tendo comido foi embora.”

aşkin *v.tr.* O ato de passar veneno na ponta da seta da zarabatana. Maki-n katsu **aş-e-k** “O Maki passa veneno (na seta).”

aton *pron.* Pronome possessivo de 3ª pessoa do plural. Deles. **aton** şubu “É a casa deles”; **aton** tşu “São as coisas deles.”

atsa *s.* Macaxeira. **atsa** unkin-an pe-a-ş “O caitetu come mandioca.”

atsaban *s.* Garça. Lat. *Jabiru Mycteria* **atsaban-an** tşapa tşe-e-k “A garça come buriti.”

atşu *s.* Guariba. Lat. *Alouatt seniculus*. Nome doméstico, utilizado somente como vocativo. Cf. du.

atşuwış¹ *pron.* Pronome indefinido. Todos. **atşuwış-şun** uma ak-e-k “Todos bebemos mingau.”

atşuwış² *quant.* Toda. papi-bo-n nami **atşuwış** pe-a-ş “Os três meninos comeram toda a carne.”

awad *s.* Anta. Lat. *Tapirus terrestris*. **wad-an** miwi ak-bo-ş “A anta come miwi.” Cf. wisu.

awad tşankış *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Damphastor ambiguus*.

awadbo *s.* Tipo de banana.

awin bama *s.* Solteiro. Iba **awin bama** “O Iba solteiro.” Composto. Cf. awin, bama, dada epapa.

awin *s.* 1. Esposa. **awin awin** sinan-ek win-a-ş “Ele pensou na sua esposa e chorou.” 2. Fêmea. wapa **awin-dapa** “A fêmea do cão (cadela).” Cf. bini 2

awinwakin *v.intr.* Casar. Cf. biniwakin.

awi- *pron.* O quê?. **awi-da** inbi kodoka-e “O que eu cozinharei?” **awi-n-da** ibi uş-e “Eu vou dormir no que?”

awide *part.inter.* Qual o motivo para algo? **awide** mibi kuane “Qual o motivo de você ir embora?”; **awide** mibi tşoe “Por qual motivo você vem?”

awin *pron.* Pronome possessivo de 3ª pessoa do singular. Seu. **awin** bini nami bi-a-ş “Seu esposo trará carne.”

awin paden *adv.* Não é certo. **awin paden** inbi tşui-e-k “Não está certo o que estou contando.”

awinda *part.inter.* Como? **awinda** ibi kuan-e. “Como eu vou embora?”

awitsi *part.inter.* O quê ? (refere-se ao tempo passado) **awitsi** minbi is p-e “O que você está vendo?”; **awitsi** minbi ak-a “O que você bebeu?”

baba s.1. Neto ou neta. 2. Neto ou neta do irmão ou primo paralelo. 3. Neto ou neta da irmã ou prima paralela de uma mulher. 4. Neto ou neta do irmão do esposo ou da irmã da esposa.

baba ani s. 1. Bisneta de mulher; 2. Sobrinha cruzada da esposa. 3. Sobrinha cruzada do esposo. 4. Nora da esposa.

badi s. Ano. mibi **badi** epapa-n tʃo-e “Depois de um ano você volta?” Cf. niʃon tu.

badidoek *adv.* O momento em que o sol sobe. Composto. Cf. badi, dokin.

badisadek *adv.* Tempo do rio baixo (verão). niʃi **badi sadek** papi-bo-n mai diʃ-e-k “Agora, no verão, os homens derrubam roça.” Composto. Cf. badi.

badiudu s. Jacama. Lat. *Galbula cyanicollis*. Composto. Cf. badi, udu.

bai s. Caminho. **bai** kuibimed-a-k “A água subiu na rua”; inbi bai tʃo-ʃo Tumɨ biked-a-k “Eu encontrei a Tumɨ no caminho.”

bai napote *adv.* Outro lado do caminho. wapa **bai napote** kuen-e-k “O cachorro passa para o outro lado do caminho.”

bain s. Tipo de peixe.

baktsi s. Taturana. **baktsi**-n ibi tʃuʃ-a-ʃ “A taturana queimou minha mão.”

bakuʃ s. Bolha, espuma.

bakuɨ¹ s. Neném, feto ou cria de animal. papi **bakuɨ** “neném menino.” tʃanpi **bakuɨ** tʃiʃe-e-k “A neném está mamando.”

bakuɨ² s. Sobrinho. min **bakuɨ** tʃo-bo-ʃ “Teu sobrinho chegou.”

bakuɨ³ *adj.* Pequeno. matsu **bakuɨ** “A panela pequena.”

bakun s. Mel. Damɨ **bakun** pik-ek kuan-a-ʃ “O Damɨ foi tirar mel.”

bakun sadkid *adv.* Lugar de mel. Composto. Cf. bakun, sadkin.

bama *part.* Partícula negativa. Funciona semelhante a um verbo existencial (não é um verbo pois não recebe nenhum dos morfemas característicos dos verbos). Em sintagmas nominais (nome + nome) é necessário o uso dessa partícula quando há uma negação. tonkate **bama** Ø (o verbo auxiliar no presente não é realizado foneticamente.) “Não tem espingarda”. inden di **bama** ik-bonda-k “Antes não tinha rede.”

bamaʃtapa *part.* Indica a ausência de alguém ou de alguma coisa. Antonio **bamaʃtapa** “Não sei onde está o Antônio” ou “Não vi o Antônio.”

bamawak s. Nome do rio Itaquaí.

bata *adj.* Sabor (doce ou salgado).
café **bata** pi-men “O café não é doce”;
pete **bata**-dap “A comida está salgada.” Cf. t̃jimu.

bawa s. Papagaio. Lat. *Amazona*.
nukun t̃ʂut̃ʂu **bawa** wiwa-e-k
“Minha avó cria papagaio.”

bawa b̃idu s. Tipo de peixe amazônico.
Lat. *Triportheus*. Composto. Cf. bawa, b̃idu.

bawa b̃idu maʂbad s. Tipo de peixe amazônico.
Lat. *Triportheus*. Composto. Cf. bawa, b̃idu, maʂbat.
Nota: ‘maʂbad’ é utilizado por outros grupos da família Pano como “ter sede”.

bawa b̃idu maʂo s. Tipo de sardinha
Lat. *Clenobrycon*.

bawa b̃idu tuku s. Tipo de sardinha
Lat. *Clenobrycon*

bawadokon s. Tipo de cacau do mato.

bedkin *v.tr.* 1. Pegar. Binin-n wapa
bed-tan-ta “Binin, pegue o cachorro!”;
ibi datonkete epapa bed-ʂun-ta Rogeru
“Rogério, compre uma camisa para mim.”

bedeskakin *v.tr.* Beliscar. minbi ibi
bedeska-e-k “Você me belisca.”

-ben *suf.* Morfema restritivo. i-**ben**-
tsik-ʂun nami pe-bonda-ʂ “Eu comi a carne sozinho.”

-bene *suf.* Indo e passando por algum lugar.
Sufixa-se a verbos transitivos. tonka-ʂun pe-**bene**-ek
ibi kuan-e-k “Eu vou comendo enquanto caço”;
t̃ʂu bed-bene-ek nuku kapo-a-k “Nós compramos as coisas enquanto íamos andando.”

beskakin *v.tr.* Varrer. uʂto-kin Tupa-n
ʂubu **beska**-bo-ʂ “A Pusa varreu ontem.”

beskate s. Vassoura. **beskate**
paked-a-ʂ “A vassoura caiu.”
Neologismo.

beʂkate *s.deriv.* Tipo de vassoura feita de cipó usada pelos Matis.
beʂkate pos-ad-a-ʂ “A vassoura se quebrou.”
Composto. Cf. beʂkate, aiaʂ.

-bi *suf.* Morfema de ênfase que ocorre com nomes.

-bidan *suf.* Ir, parar (v. trans.) e continuar. Rogeru ʂubu-no-wiʂ
kuan-kin ibi Osca-n ʂubu-no-ʂun pe-**bidan**-ek
Letica-no kuan-a-k “Eu estava indo da casa do Rogério para Letícia, parei para comer na casa do Oscar e depois continuei.”

bidikakin *v.intr.* Enrolar. t̃ʂod
bidika-e-k “Enrolando o barro.”

bidikeakidkin *v.intr.* Virar-se. ibi
bidikeakid-e-k “Eu me viro na rede.”

bidiskekin *v.intr.* Inflamar. Tumi bi-
bidiske-bo-ş “A testa do Tumi inflamou.”

bidinek *s.* Pedaco de barro que se coloca na parte anterior da seta da zarabatana para fazer o contrabalanço. Cf. şuinek.

bidkidikakin *v.tr.* Enrolar. tʃod Rogeru-n Gabriel mi-**bidkidika-e-k** “O Rogério torce a mão do Gabriel.”

binkekid *s.* Motor. Bina-n **moto binkekid** bida ik-bonda-ş “O motor do Bina era bom.” Neologismo. Cf. binkekin.

binkekin *v.intr.* Fazer barulho de motor.

binsin pid *s.* Vespa vermelha.
binsin pid dadenpa abi. “Tem muita vespa.” Composto. Cf. binsin, pid.

bisakin *v.intr.* Coçar o corpo, semelhante a estar com alergia. da-
bisa-wa-an-p-e-k “Está coçando.”

bisin *s.* Tipo de marimondo ou vespa. Lat. *polestinae*. Bini-n bisin ak-a-ş “O Bini matou a vespa.”

bişukkin *v.intr.* Tirar a pele. Iba-n kapid **bişuk-bo-ş** “O Iba tirou o couro do jacaré.”

bitsi *s.* Pele. mapoa **bitsi** “Pele de cutia.” **bitsi** kapid “Pele de jacaré.”

bitʃi *s.* Pelinha. minbi **bitʃi** mi-tʃik-a-k “Você tirou a pelinha da mão.”

biuş *s.* Mosquito (pernilongo, carapanã -regionalismo). Lat. *Culicidae*. ni biuş dadenpa abi “Aqui tem muito pernilongo.”

bi *s.* Tipo de peixe.

bikanpuk¹ *s.* Tipo de ranzinha. Lat. *Dendrobates galactonotus*.

bikanpuk² *s.* Tipo de sapo de árvore. Lat. *Hemiphractus*.

bikin *v.tr.* Trazer. inbi dui bi-a-k “Eu trouxe a faca.”

biamakin *v.intr.* Esquecer. ibi dui **biama-a-k** “Eu esqueci a faca.”

bida *adj.* Bonito, bom. Ageno **bida** ik-bo-ş “Agenor era bom.”

bidakid *s.* Matrinxã. (regionalismo amazônico). Lat. *Brycon hilarii*.

bidawakid *s.* Amigo. nuki **bidawakid** “Nosso amigo.” Cf. bidawakin.

bidawakin *v.tr.* Gostar. inbi Vitoria **bidawa-e-k** “Eu gosto da Vitória.”

bidikimo s. Piau, também conhecido como piaba ou piapara. Lat. *Anostomidae (leporinus friderici)*. mikui **bidikimo** isin-n bed-e-k “Vocês pegam piau com rede de pegar peixe.” Cf. **bidj**; kimo.

bidj, **bidibidj** *adj.* Estampado. tsitonkete **bidibidj** “A saia é estampada.” ; di **bidj-bidj**-pa “A rede é muito estampada”.

bidikkin *v.intr.* Sentar (na forma plural). atşuwış iwi-n kaşkun **bidike**-a-ş “Todos estão sentados no tronco.”

bidu s. Olho. **bidu** tşimowa-an-pe-e-k “Meu olho está doendo.”

bidu kaşuku s. Pálpebras. Composto. Cf. **bidu**; **kaşuku**.

bidu kuişakete *s.deriv.* Cílios. Composto. Cf. **bidu**; **kuişakete**.

bidu kuişamawi s. Pele sobre os olhos. Composto.

bidu kuişbo s. Cílios. akid nawa **bidu kuişbo** bama “Aquele não-índio não tem cílios.”

bidumis *adj.* Fino. Cf. **bidupa**.

bidupa *adj.* Grosso. Cf. **bidumis**.

biisakin *v.intr.* Olhar no espelho.

biisate *s.deriv.* Espelho. Rogeru-n **biisate** ibi mene-bo-ş “O Rogério

comprou um espelho para mim.”

bikanpuk s. 1. Tipo de rãzinha. Lat. *Dendrobates galactonotus*. 2. Tipo de rã. Lat. *Hemiphractus helioi*.

bikin *v.tr.* Trazer. misteta piskaden min awin **bi**-e “Quantos colares tua esposa traz?”

biktşibiktşikkin *v.intr.* Piscar. ibi **biktşibiktşike**-e-k “Eu pisco.” Reduplicação.

biku s. Secreção nos olhos.

bimaşj s. Tipo de raiz. Matses-an **bimaşj** kodoka-e-k “Os Matis cozinham bimaşj (tipo de raiz).”

bimadin s. Sobrancelha.

bimanan s. Testa.

bini s. 1. Esposo. awin **bini** bida kimo “O esposo dela é bom.” 2. Macho. kamun **bini** “O macho da onça.” Cf. awin2 .

biniwakin *v.intr.* Casar (forma usada pelas mulheres). Tupa **biniwa**-a “A Tupa se casou?” Cf. awinwakin.

bintado s. Cunhado (forma usada pelas meninas para se referirem a um homem mais velho).

binudkin *v.tr.* Perder. Kana-n papi **binud**-e-k “O filho da Kana se perdeu.” Cf. amakin

biktjite *s.deriv* 1. Líquido que se coloca nos olhos para ajudar a encontrar caça. 2. Colírio. 1. **Tumi ibi biktjite** bipeſto-a-ſ. "Tumi colocou colírio em mim".

bipeſtokin *v.intr.* Ato de pingar líquido nos olhos. Rogeru binin **bipeſto-ta** "Rogério, coloque remédio nos olhos do Binin."

biponkin *v.intr.* Espetar os olhos. papi bakui-n ibi **bipon-a-ſ** "O menininho espetou meu olho."

bisadkin *v.tr.* 1. Destampar (não estar coberto). 2. Estar aberta. 1. nawa-n matsu **bisad-a-k** "O não-índio destampou a panela." 2. Biso-n ſubu **bisad-e-k** "A casa da Biso está aberta."

biſikedkin *v.intr.* Nascer cabelinho. Cf. ſakete kuanek, kuiſakete kuanek ibi **biſiked-e-k** "Está nascendo pelinho em mim."

bisin *s.* Jibóia. Lat. *Boa Constrictor Constrictor*.

bisin wasa *s.* Tipo de serpente. Lat. *Boa Constrictor Constrictor*. Composto. Cf. bisin, wasa.

bisin tſinu *s.* Tipo de cobra. Lat. *Boa Constrictor Constrictor*.

biſkadtsik *adv.* Devagar. ſawi **biſkadtsik** kapo-e-k "O jabuti anda devagar." Cf. tudemen.

biſono *s.* Sucuri, jibóia. Lat. *Eunectes murinus*. **biſono-n** kodubo-n tſanpi bed-bonda-ſ "Há muito tempo a sucuriyu pegou a filha do korubo."

biſti *s.* Macaco da noite. Lat. *Aotus nancymae*. **biſti** imit kapo-e-k "O macaco da noite anda à noite."

biſu *adj.* Cego. piwin **biſu** patad "O morcego é como um cego."

biſudu *s.* Parauaçu, também conhecido como cabeludo, cuxiú, macaco-cabeludo, paraguaçu, pirocolu. Lat. *Pithecia monachus*.

-bid *posp.* Comitativo em posição de S. mi-**bid** kuan-ſun is-nu min tſutſu "Eu quero ir com você ver a tua irmã."

bidu kuitawa *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Rhegmatorhina melanosticta brunneiceps*.

bindu *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Tyto alba*.

bitin¹ *s.* Sopa. Tupa-n **bitin** bitin-e-k "Tupa faz sopa." Cf. tſaman.

-bitin² *suf.* Comitativo em posição de sujeito de verbos transitivos. i-**bitin** Rogeru-n pe-e-k "Eu como com o Rogério."

-bita *suf.* Comitativo em posição de O. Vitoria-n dadawate-**bita** wişpo tidin-ta “Vitória, segure o caderno e a caneta!”

bitaşkin *v.tr.* Tampar, fechar. Rogeru-n matsu **bitaş**-ad-e-k “A panela de alumínio do Rogério está tampada”; Maki-n şubu **bitaş**-ad-e-k “A casa do Maki está fechada (sem ninguém dentro).”

bitaşte *s.deriv.* Porta feita de madeira. **bitaşte** tunke-a-ş “A porta caiu.” Cf. bitaşkin.

-bitsen *suf.* “Vir e continuar”. Sufixa-se a verbos transitivos. Leticia-no-wiş tşo-kin Osca-n şubu-no-şun pe-**bitsen**-ek ibi tşo-a-k “Vindo de Leticia parei na casa do Oscar para comer e continuei vindo.” Cf. bidan, kuidan, kuitsen.

bitşikkin *v.tr.* Destampar, abrir. Dami-n şikui **bitşik**-a-ş “O Dami abre a porta.”; şikui aben bitşike-ad-a-ş “A porta se abriu.” Cf. bisadkin.

bitşifş *adj.* Sujo. Gabrieu **bitşifş** tşo-pe-ek nes-me-ta “O Gabriel está sujo, faz ele tomar banho.”

biun *s.* Lágrima.

biwi *s.* Mambira (regionalismo). Lat. *Tamandua tetradactyla*.

-bo¹ *suf.* Morfema coletivizador. misteta mitson bakui-**bo** “Quais são os teus filhos?”

-bo² *suf.* Morfema de tempo passado não-recente. wapa abad-**bo**-ş “O cachorro fugiu”; Carlos Terena-n nuki marubo-bitu kuin-**bo**-ş “O Carlos Terena convidou a gente e os Marubos.”

-bonda *suf.* Morfema de tempo passado distante. ibi inden şita tşikid ik-**bonda**-k “Antes eu fui dentista.”

bonsen *s.* Lontra. Lat. *Lontra longicaudis*. bonsen nun-kid “A lontra sempre nada.”

boşkekid *s.deriv.* Tipo de sapo (rã). **boşkekid** imid boşke-e-k “O sapo coaxa à noite.” Onomatopéia. Cf. boşkekin.

boşkekin *v.intr.* Coaxar. boşkekid imid **boşke**-e-k “O sapo coaxa à noite.”

bowankin *v.tr.* Levar. inbi Tumi-bitu Tumi **bowan**-tan-a-k “Eu levei o Tumi e a Tumi para ver o avião.”

bu *s.* Pêlo (forma genérica).

-bud *suf.* Ir e permanecer no lugar. nid-**bud**-ta “Fique aí, não saia!”; pe-**bud**-ta “Coma! Fique aí e não saia!”; banco-no kuan-a-ş Vitoria şini-**bud** pe-a-ş “A Vitória

demorou quando foi ao banco .”

budkin *v.intr.* Descer. Avião bud-a-ş
“O avião pousou. Lit. “Avião
desceu.”

bui *s.* Tipo de formiga.

bui *s.* Tipo de peixe amazônico. Lat.
cetopsis.

bui bitjipa *s.* Tipo de curimatã. Lat.
Curimatidae. Composto. Cf.
buid; bitji; -pa.

buid *adv.* Alto, bravo. ibi **buid** onk-
a-k “Eu falei alto (bravo).”

bui nowa *s.* Tipo de peixe. Lat.
Prochilodintidae.

buitsonu *s.* Tipo de curimatã. Lat.
Curimatidae. Composto. Cf.
buit; tjokin; -nu

buituku *s.* Tipo de curimatã. Lat.
Curimatidae. Composto. Cf. buid;
tuku.

bukşan *s.* Pulmão. waka **bukşan**-
an ed-e-k “Entrou água no
pulmão.”

buku *s.* Embaúba. Lat. *Cecropia*
peltata. **buku** tjik-a-k “A corda
soltou.”

buntak *s.* Jovem, rapaz. Abidada
buntak-bo uş-kid “Os jovens
dormem todos os dias.”

busanmis *s.* Tipo de peixe

amazônico. Lat. Characidae.

busanmis wasa *s.* Tipo de peixe
amazônico de cor mais clara. Lat.
Characidae. Composto. Cf.
busanmis, wasa.

bufekkin *v.intr.* Enrolar o pote. pişo
bufek-e-k “O pote está enrolado.”

bufekte *s.deriv.* Cordinha que
envolve o pote de veneno. pişo
bufekte bufek-e-k “O pote está
enrolado (com a cordinha).”

buşkakin *v.tr.* Soprarr. Dami bu□d
buşka-e-k “O Dami sopra forte.”

buşkuku *s.* Tipo de pássaro Lat.
Cumumba plumbea.

butji¹ *s.* Irmão mais velho. min
butji bida kimo “Teu irmão mais
velho é legal.”

butji² *s.* Avô (pai do pai). nukun
butji tanawa-kimo-e-k “Meu avô
sabe muito.”

da- *suf.* Marcador de concordância com o tempo não-passado que ocorre junto às partículas interrogativas. Varia com o sufixo -ta. *awi-n-da ibi uʃ-e* “Onde você vai dormir?”; *mis-te-ta min papi* “Quantos filhos você tem?”

dabinenkin *v.intr.* Ter vergonha. *ibi dabinen-e-k* “Eu estou com vergonha.”

dabinkin *v.intr.* Sentir vergonha. Tumi **dabin-bonda-ʃ** “A Tumi tinha vergonha.”

dabisakin *v.intr.* Coçar em várias partes.

dabisekin *v.intr.* Arrepiar. *ibi dabise-e-k* “Eu me arrepio.”

dabidpa *num.* Número 2. *papi-bo-n dabidpa-en pe-a-ʃ* “Os rapazes comeram duas vezes.”

dabitsik *quant.* Pequena quantidade. *atsa dabitsik* “Pouca mandioca.” Cf. *papitsik*.

dabidwakin *v.tr.* Ajudar. *iba-n Rogeru dabitawa-a-ʃ* “O Iba ajudou o Rogério.”

dabidwakid *s.deriv.* Ajudante. *ibi dabidwakid* “Eu sou ajudante.” Cf. *dabidwakin*.

dada¹ *s.* Homem. Utilizado no discurso quando uma mulher está se referindo a um homem.

Quando um homem se referir a outro homem utilizará *papi*. **dada kapo-kid** “O homem sempre caça.” Cf. *papi*.

dada² *s.* Corpo. Tumi **dada-wid tʃo-e-k** “O Tumi veio sem caça. (Lit. “O Tumi veio só com o corpo.”)”

dada buntak akid *s.* Gato-maracajá. Lat. *Leopardus pardalis*. Composto. Cf. *dada*, *buntak*, *akid*.

dada epapa *adj.* Solteiro. *Iba ʃunu dada epapa* “O Iba ʃunu é solteiro.” Composto. Cf. *awin bama*.

dadamikaʃ *s.* Arco-íris. **dadamikaʃ mikin-in tʃui-emen** “Não pode apontar para o arco-íris com a mão.”

dada puku *s.* Tipo de cobra. Lat. *Oxybelis argentus*.

dada puku imu *s.* Tipo de cobra. Lat. *Oxybelis fulgidus*.

dadasibo *s.* Velho. *anobi-bi ʃubu ʃe-aʃ tsad-esma dadasibo-bo (...)* “Antigamente os velhos não ficavam em um só lugar.”

dadatsintuk *s.* Tipo de palmeira.

dada tʃitʃo *s.* Fruta de palmeira. Composto. Cf. *dada*, *tʃitʃo*.

dada tʃitʃon wasa ikid *s.* A semente branca da palmeira já trabalhada para a confecção do colar. Composto. Cf. *dada*, *tʃitʃo*, *wasa*, *ikid*.

dada tʃitʃon wisu ikid *s.* A semente preta da palmeira já trabalhada para a confecção do colar. Composto. Cf. *dada*, *tʃitʃo*, *wisu*, *ikid*.

dadawakin *v.intr.* Escrever. Bini papitsik **dadawa-e-k** “O Bini escreve pouco”; inbi nawa-n onkete tanawa-nu **dadawa-e-k** “Eu quero aprender a língua do branco para escrevê-la.”

dadawakid *s.deriv.* Aquele que sabe escrever. Rogeru-n **dadawakid** tanawa-e-k “Rogério é aquele que sabe escrever.” Cf. *dadawakin*.

dadawamekid *s.deriv.* Professor. kiku nuki **dadawamekid** “Kiko é nosso professor.” Cf. *dadawakin*, *-me*.

dadawate *s.deriv.* 1. Caderno. 2. Papel. 1. inbi **dadawate** tʃamo-bo-k “Eu queimei o caderno.” Neologismo.

dadawate diʃin *s.deriv.* A ponta do lápis. Composto. Cf. *dadawate*, *diʃin*.

dadawate wiʃpo *s.deriv.* Lápis. Composto. Cf. *dadawate*, *wiʃpo*.

dadawid *s.* Sem caça. Mena **dadawid** tʃo-a-ʃ “Mená veio sem caça.”

dadenpa *adv.* Muito. unkin **dadenpa** abi “Tem porcos” ou “Tem muito porco”.

daiunkin *v.tr.* Abraçar. Rogeru-n Vitoria **daiun-e-k** “Rogério abraça a Vitória.”

daka *part.* Interjeição.

dakudkin *v.intr.* Ter medo. nukun awin **dakud-ek** dunu bed-emen “Minha esposa não pega a cobra, ela tem medo.”

danbidu *s.* Joelho.

danokoʃkakin *v.tr.* O ato de colocar breu na zarabatana. minbi tidinte **danokoʃka-e-k** “Você passa breu na zarabatana.”

-dapa *suf.* Morfema de ênfase que ocorre depois de vogais orais.

dapeʃtote *s.deriv.* Pomada. Tumi-n Tumi **dapeʃtote-n** bi-peʃto-e-k “Tumi passa pomada no Tumi.”

dapudekin *v.tr.* O ato de colocar casca de caramujo na zarabatana. tidinte inbi **dapude-e-k** “Eu coloquei casca de caramujo na zarabatana.”

dasedadkin *v.intr.* Esquentar-se. ibi miʃte **dasedad-e-k** “Eu me esquento no fogo.”

dasekakin *v.tr.* O ato de jogar algo em alguém. *inbi papibo masi daseka-e-ek* “Eu jogo areia nos rapazes.”

dajeŋkin *v.tr.* Passar um pelo outro. *aviaon dajeŋ-nane-e-k* “Os aviões se cruzaram.” *inbi lba dajeŋ-a-k* “Eu passei pelo Ivan”.

dajikkin *v.intr.* O ato de passar algo no corpo.

daŋikikekin *v.intr.* Coçar o corpo. *mibi daŋikike-e-k*. “Você coça o corpo”.

daŋkidkin *v.intr.* Limpar. *daŋkid-ta* “Limpe!”

datajekin *v.intr.* Lamber (utilizado somente para animais). *wapa dataje p-e-k* “O cachorro está se lambendo.”

datekin *v. tr.* Desmanchar somente as partes amarradas. *Bina-n Rogeru-n ŋubu date-e-k* “O Binan desmancha as partes amarradas da casa do Rogério”.

datikidinwakin *v.tr.* Circular. *inbi datikidinwa-e-k* “Eu circulo.”

datonkekin *v.intr.* O ato de vestir-se. *Tumi-n datonkete datonke-ta* “Tumi, vista a camisa!”

datonkete *s.deriv.* 1. Camisa. 2. Roupa. *datonkete-dapa Bini-n bed-a-ŋ* “Foi camisa que o Bini comprou.”

daukudkin *v.intr.* Enxugar. *awin tita awin papi bakui daukud-e-k* “A mãe enxuga o seu filho.”

daukudte *s.deriv.* Toalha. *min daukute iksamadap* “Sua toalha não é boa.”

dawankin *v.intr.* Subir. *Maki manad-no daw-an-bo-ŋ* “O Maki subiu no açazeiro.”

dawi toask *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Celeus torquatus*.

dawis *s.* 1. Cunhado mais velho. 2. Primo cruzado maior do homem. 3. Tio avô mais velho do homem (irmão ou primo paralelo do avô paterno). 4. Neto do primo paralelo do homem. Nota: em todos casos, o ego é mais novo que o seu parente.

dekin *v.tr.* 1. Carregar. 2. Pendurar. 1. *awin tita-n awin papi bakui de-e-k* “A mãe carrega seu filho.” 2. *tidinte de p-e-k* “A zarabatana está pendurada.” Cf. *didiwakin*.

deko *s.* Caracol. Moluscos gastrópodes, especialmente as formas terrestres, da subclasse dos pulmonados, com dois pares de tentáculos. O par superior tem olhos na extremidade e concha leve.

denankin *v.intr.* Rir uns dos outros. papi-bo **denan-e-k** “Os rapazes riem.” Cf. denkin, denenkuinkekin.

denenkuinkekin *v.intr.* Rir (utilizado para mais de uma pessoa). atşuwış **denenkuinke-e-k** “Todos dão risada” Cf. denkin, denankin.

denkin *v.intr.* Rir. Dani **den-e-k** dadenpa “A Dani ri muito.” Cf. denankin, denenkuinkekin.

detşipin *s.* Caju.

di *s.* Rede. nukun tşibi-n ibi **di** kikun-şun-bonda-ş “Minha irmã mais nova teceu uma rede para mim.”

didankin *v.intr.* Pendurar mais de uma coisa. matsu-n nawa **didan-e-k** “As panelas estão penduradas.”

didiwakin *v.tr.* O ato de pendurar uma coisa do lado da outra. Rogeru-n awin datonkete **didiwa-e-k** “O Rogério pendura suas roupas.” Cf. dekin.

dikidiwakin *v.tr.* Fazer círculo. inbi **dikidiwa-e-k** “Eu faço círculo (desenho).”

dimabankin *v.intr.* Colocar a corda em volta de duas colunas para a confecção da rede.

dimekkin *v.intr.* O ato de fazer a corda da rede na perna.

ditidbedmekin *v.intr.* Torcer a corda utilizada para confecção da rede. Tuma **ditidbedme-e-k** “A Tuma faz a cordinha de rede.”

ditidbete *s.deriv.* Corda utilizada para pendurar a rede.

dibuşkekin *v.intr.* Inspirar pelo nariz. madubo dıbuşkete-n **dibuşke-e-k** “O marubo inspira pelo nariz.”

dibuşkete *s. deriv.* Tipo de tabaco utilizado como alucinógeno.

dibumi *adv.* Em direção à cabeceira do rio. mida mibi kuan-e “Para onde você vai?” Resposta: **dibumi.**

didisia *s.* Tipo de ave Lat. *Aratinga Leucophthalmus.*

didkin *v.tr.* Cortar (com machado, com dente de queixada). inden matses-an tşawa şita-n iwi **did-a-k** “Antes os matis cortavam árvore com dente de queixada.”

didkimidkin *v.intr.* Quebrar-se na ponta. min tawa **dikimid-a-k** “Quebrou a ponta da sua flecha”.

didkinkin *v.tr.* Quebrar. inbi tawa **didkin-a-ş** “Eu quebrei a ponta da flecha.”

dikatşadkin *v.intr.* Colocar alguma coisa em fila.

dĩmuş s. Enfeite utilizado no nariz.

dĩndu s. Poraquê. Lat. *Electrophorus electricus*. dadasibo-bo-n dĩndu pe-bonda-ş “Os velhos comiam poraquê.”

dĩndunowa s. Tipo de poraquê. Lat. *Electrophorus electricus*.

dĩşin¹ s. Nariz. awad **dĩşin** nowa-dap “O nariz da anta é grande”.

dĩşin 2 s. Ponta. ibi şubu **dĩşin**-no nid-e-k “Eu estou na ponta da casa, em pé.”

dĩşin kini s. Narina. Composto. Cf. dĩşin, kini.

dĩşta s. Quati. Lat. *nasua nasua*. Nome doméstico. Cf. sise.

dĩtsi pisankid s. Maria fedida. Lat. *Hemiptero: pentatomidae*

dĩtsindokin v.intr. Ajuntar. **dĩtsinto**-şun nuki juiz-ın tşui-şo kuak-bo “Nós nos ajuntamos para ouvir o juiz falar.”

dĩtşifekin v.tr. Apontar. inbi dadawate **dĩtşife**-a-k “Eu apontei o lápis.”

dĩunkin v.intr. Estar gripado (gripar). dani **dĩun**-a-ş “Dani estava gripada (gripou).”

dĩun s. Sujeira das narinas. ibi **dĩun** di-şikid-e-k “Eu limpo a sujeira do nariz.”

dokin v.intr. Subir. avião **do**-a-ş “O avião já subiu.”

du s. Guariba. Lat. *Alouatt seniculus*. **du** kuişak tenke pa-paske-e-k “Fixa o queixo de guariba no tenke.” Cf. atşu.

dudukin v.intr. Empoeirar.

dui s. Faca.

dui ami s. Facão. Composto. Cf. dui, ami.

dui ankapakakid s. Canivete. Composto. Neologismo. Cf. dui, ankapakakin.

dui bakui s. Faca. Composto. Cf. dui bakui.

duduk s. Poeira.

dukamun s. Cachorro do mato. Lat. *Speothos venaticus*.

dukekin¹ v.intr. Deitar em rede. Iba **duke**-ek uş-a-ş “O Iba dormiu deitado (na rede).”

dukekin² v.intr. Estar em pé de quatro. kamun **duke** p-e-k “A onça está em pé (de quatro).”

duni s. Tipo de Borboleta. Lat. *lepidoptero: morphodae*.

dunpui s. Tipo de inseto. Lat.
morpho.

dunu s Cobra. **dunu-n** Dami pe-
bonda-ş “A cobra mordeu o
Dami.”

dunu tşete s.*deriv.* Remédio de
cobra. Composto. Cf. dunu, tşete.

E

-e¹ *suf.* Morfema de tempo não-passado. Osca-n pão-bita suco bi-**e**-k “O Oscar trouxe pão e suco”.

-e² *suf.* Adverbializador intransitivo. Tupa epapa-**e** nun-e-k “Tupa nadou uma vez.”

edkin *v.intr.* Entrar. Tumi tʃiʃkinin ed-a-ʃ “O Tumi entrou no meio da casa comunal.”

-ek *suf.* Morfema marcador de switch-reference que ocorre em eventos simultâneos. Sua referência é com o argumento S. inden Maki TV is-**ek** den-bonda-ʃ “Quando o Maki via televisão, ele ria.”

ekekek *part.* Forma de chamar alguém quando as pessoas andam na selva.

-emen *suf.* Morfema de negação para tempo não passado. mibi kuan-**emen** “Você não viajou.” Cf. -ama.

-en¹ *suf.* Morfema reflexivo. nuki-**en** takada pe-bo-k “Somente nós comemos a galinha. (os outros não comeram)”.

-en² *suf.* Morfema adverbial de causa. maʃo tʃimo-wa-pe-en ibi uʃ-bo-k “Eu dormi porque minha cabeça estava doendo.”

-en³ *suf.* Adverbializador transitivo. Tupa-n dadenpa-**en** bitaden-ek Tumi bitʃid-e-k “A Tupa fez

compressa na testa do Tumi e ele sempre espremia a testa.”

-enda *suf.* Imperativo negativo. Tumi tʃakawa-ta tʃepak-**enda** “Mastigue Tumi, não engula!”

epapa *num.* Número 1. tsadek tsadek niʃuntu **epapa** ibi tʃo-wa-nu “Daqui um ano eu quero voltar.”

-esma *suf.* Nominalizador negativo. dadasibo kuak-**esma** “O velho nunca ouve.” ou “O velho é surdo”. Cf. kuakesma, onkesma.

I

i s. Arraia. nuki **i** pe-bo-k “Nós comemos arraia.”

ikek conj. E. Tumi-bitá Tumi **ikek** Gabriel **ikek** ke-nu avião is-me-kin inbi ibowan-tan-a-k “Eu levei o Tumi, a Tumi e o Gabriel para ver o avião.”

ikenkin v.descr. Sentir frio. ibi **iken-**ek dasedad-e-k “Eu estou sentado me esquentando porque estou com frio.”

ikenwakin v.intr. Esfriar (temperatura). imid **ikenwa-**pe ka-ş “Ele disse: a noite esfriou”; **ikenwa-**kimo-pe-e-k “Está muito frio!” Cf. ikenkin, waduş.

ikkin v.intr. Verbo auxiliar. inden ibi şita tşi-kid **ik-**bonda-k “Antes eu era dentista.” (Lit.: “Antes eu era tirador de dente.”)

iknankin v.tr. Repartir. bini-n nami **iknan-**e-k “O Binı repartiu a carne.”

iksamadap adj. Ruim, não presta. tatonkete **iksamadap** “O sapato não presta.”

ikukkin v.tr. Segurar no colo. tşanpi bakuı **ikuk-**ta “Menina, segure o neném!”

imi s. Sangue. inden piun-in pe-ak Tupa **imi** dadenpa ik-bonda-ş “O morcego mordeu a Tupa e tinha muito sangue.”

imid s. Noite. **imid-**tapa ibi tşo-bo-k “Eu vim à noite.”

imidkin v.intr. 1. Anoitecer. Usado sempre como resposta. misteta mibi tşo-a “Quando você chegou?” Resposta: **imid-**a-ş “Quando anoiteceu”.

ina s. Rabo (do tipo que não é enrolado). tşoşe **ina** “Rabo do macaco”. wapa **ina** “Rabo do cachorro.”; nadakanu wapa **ina** dişan bama “Por que o cachorro não tem a ponta do rabo?” Cf. ina, dişan, tşipidiş.

inbidusin s. Tipo de peixe. Lat. *Moenkhausia oligolepis*.

inpakkin v.tr. O ato de abaixar algo do alto. Binin-in manad **inpak-**a-ş “Binin abaixou o açai ”

inpuş s. Tipo de peixe. Lat. *Astyanax abramoides*.

intakkin v.intr. Ter hematoma. natsikek mibi **intak-**pe-a-k “Por que você está com hematoma?”

intşişma adv. Pela manhã, cedo (quase amanhecendo), o nascer do sol. **intşişma-**tsik mikui Tabatinga-no kuan-e “Vocês vão viajar para Tabatinga de manhãzinha?”

ipu s. Bodó. tşanpi-n **ipu** tşamo-e-k “A mulher assa o bodó.”

isan s. Patawa. Biuș-an **isan** bi-e
“O Biuș trouxe patawa?”

isan bitsi matsadkid s. Tipo de pássaro Lat. *Pteroglossus beuharnaesii*. Composto.

isan katsu s. Seta (patawa) para matar caça grande. Composto. Cf. isan, katsu.

isan tawi s. Tipo de serpente. Lat. *Chironius exoletus*. Composto. Cf. isan, tawi.

isan tawi pid s. Tipo de serpente. Lat. *Atractus torquatus*. Composto. Cf. isan, tawi, pid.

isbenkin v.intr. Passear. Tumi-bid ibi Leticia-no **isben-ek** kuan-e-k “O Tumi vai passear em Leticia comigo.”

isin s. Cesto (para pegar peixe). tʃanpi-n **isin-in** tʃapa bed-a-ș “A menina pegou peixe com a cesta.”

isis wasa s. Tipo de peixe. Lat. *Cetopsis*.

iskin v.tr. Ver. Binin aviao **is-ta** “Binin, veja o avião!”; Rogeru inbi Oscar **is-ama** “Rogério, eu não vi o Oscar.”

ismekin v.tr. Mostrar. inbi mibi matsu **isme-a-k** “Eu mostrei a panela para você.”

istidkin v.tr. Encontrar. Rogeru kapoke-kin mercado **istid-șun** tʃapa bed-a-ș “Rogério procurou o mercado, encontrando, comprou peixe.”

iste s.deriv. Máquina fotográfica. **iste-n** șubu is-e-k mibi tʃo-a-ș “Você veio com a máquina fotografar a maloca”. Neologismo. Cf. iskin.

iste nitsinakid s. Tripé. Composto. Neologismo.

isukunkin v.intr. Acordar. uși-no piun-in pe-ak tʃimo-emen **isukun-ek** tʃimo-e-k imi dadenpa “À noite o morcego me mordeu e não doeu, quando acordei saía muito sangue e doeu.”

isunkin v.intr. Urinar. ibi **isun-bo-no** tʃimota “Espere! Antes vou urinar.”

isun kini s. Uretra.

ișbun s. Palha. Muito utilizada no suporte de caça da zarabatana. tsadi **ișbun** “Palha de milho”. Cf. katsu, mente, mente udte, tikte, du kuișak, tenke, șapu, punu, tenkete, opo.

ișkin s. Tipo de peixe.

ișkumudkin v.intr. Balançar sozinho. ibi di-n **ișkumud-e-k** “Eu me balanço na rede.”

işabadkin *v.intr.* Cheirar bem. nami kodoka-kid **işabad**-e-k “A carne que está cozinhando cheira bem.”

işakimo *adj.* Gostoso. pete **işakimo** “A comida é gostosa.”

itis s.1. Quente. 2. Febre. 1. matsu **itis**-tap “A panela está quente.” 2. nukun tşanpi **itis** kimo-dapa “Minha filha está com febre.” Cf. waduş.

itiswate *s.deriv.* Painel solar. Sidney-n **itiswate** abi “O Sidney tem painel solar.” Neologismo.

itşi s. Tipo de serpente. Lat. *Atractus latifrom.*

iwedkin *v.tr.* Acuar. wapa-n unkin **iwed**-a-ş “O cachorro acou o caitetu.”

iwid s. Peso. ibi **iwid**-en nuke-emen “Eu não queria carregar o peso.”

iwi s. 1. Árvore. 2. Madeira. 1. iwi pakid-a-ş “A árvore caiu.”

iwi iu s. Tipo de formiga.

iwi mikin¹ s. Galho. waka-n **iwi mikin** dadenpa-e abi “No rio há muitos galhos.” Composto. Cf. iwi, mikin.

iwi mikin² s. Bicho de pau. Lat. *Proscopiidae.* Composto. Cf. iwi, mikin.

iwi pii tşanpi s. Tipo de gafanhoto. Lat. *Tribe Pterochozini.* Composto. Cf. iwi, pii, tşanpi.

iwi siskid s. Tipo de inseto. Composto.

iwitap s. Vaga lume. Lat. *pyrophorus.*

iwi tapi s. Vaga-lume. Lat. *semiotus.* Composto. Cf. iwi, tapi.

iwi tşanpi s. Gafanhoto. Lat. *Championica.* Composto. Cf. iwi, tşanpi.

iwi tşitşj s. Tipo de bezouro. Lat. *Bugs.* Composto. Cf. iwi, tşitşj.

iwi tşitşo s. Tipo de madeira. Composto. Cf. iwi, tşitşo.

iwiwa s. Flor. Biuş Vitória iwiwa bi-ta “Biuş, traga flor para Vitória!”

iwidap *adj.* Pesado. akid iwi iwidap-dapa “Aquele pu é pesado.”

i- *pron.* Morfema de 1ª pessoa. **i-bitan** Rogeru-n takada pe-a-ş “O Rogério comeu galinha comigo.”

ibi *pron.* Morfema de 1ª pessoa do singular absoluto. Eu. **ibi** tşonod-a-k “Eu trabalhei.” Maki-n atsa **ibi** mene-a-ş “O Maki me deu uma macaxeira.”

ikin *v. intr.* Encher, subir (o rio). uşto-ek waka **i-aş** wesad-a-ş “Ontem o rio terminou de encher”.

ikibi *adv.* Atado para cá. **ikibi** tse-ta di “Ate a rede para cá!”

iksikite *s.* Batom. Maria-n **iksikite** tşanpi-bo opo-a-ş “As meninas roubaram o batom da Maria.” Neologismo.

ikşak *s.* Lábios. min **ikşak** bida “Teus lábios são bonitos.” Cf. kui, **ikşak**.

iktankin *v. tr.* Imitar sons de animais.

iktşun *s.* Cuspe.

iktşunwidpa *s.* Bába.

iktşun pidkin *v. intr.* Cuspir babando. Tumi tşod-**in** **iktşun** pid-a-ş “Tumi cuspiu babando no chão.”

iktşun kuisukakin *v. intr.* Cuspir com força.

imu *adj.* Verde escuro, azul. **nikid** dadawate **imu** **ikid** “Esse caderno é verde”. nawa-n titonkete **imu** **ik-bonda-ş** “A calça do não-índio era azul.”

-in *suf.* Morfema do caso ergativo, varia com o alomorfe {-n}. **kamun-in** tşawa ak-a-ş “A onça matou a queixada”.

inawad *s.* Capivara. Lat. *Hydrochaeris hydrochaeris*. **matses-in inawad** pe-eme “Os matis não comem capivara.” Cf. **memu**.

inbi *pron.* Pronome de 1ª pessoa do singular ergativo. Eu. **inbi** tşawa se-a-k “Eu matei a queixada.”

inden *adv.* Antes. **inden** **dadasibo** kapo-bene-anpi “Antigamente, os velhos andavam sem parar em qualquer lugar.”

ininowa *s.* Ariranha. Lat. *Pteronura brasiliensis*. **ininowa-n** tşapa pe-e-k “A ariranha come peixe.”

ini *s.* Clara de ovo, líquido amniótico. **takada-n tu ini** “Clara de ovo de galinha.”

inidmekin *v.intr.* Desligar aparelho (rádio, gravador, motor). Tumi gravador **inidme-ta**. “Tumi, desligue o gravador!”

işi s. Semente. wanin **işi** “Semente de pupunha.”

ipa s. Palha da palmeira. inbi **ipa** şubu şe-e-k “Eu coloco a palha no teto.”

-itan *suf.* Alomorfe comitativo que ocorre com os pronomes. Varia com os alomorfes {-id} e {-ita}. nuki-**itan** pe-a-ş “ Ele comeu conosco.”

iu s. Formiga pequena de cor amarronzada que morde dolorido

K

-k *suf.* Morfema de sentenças declarativas.

-ka *suf.* Desiderativo diacrônico. Cf -kas.

kabıdu *s.* Tipo de peixe. Lat. *Astyanax*.

kabıkin *v.tr.* Escolher. Vitória-n arroz **kabın-e-k** "A Vitória escolhe o arroz."

kadokin *v.intr.* O ato de dobrar o braço. Gabrieu podo **kado-e-k** "O Gabriel dobra o braço."

kakin *v.tr.* Dizer (reportativo). wapa-n ibi pe-nu **ka-e-k** " Ele disse que o cachorro quer mordê-lo"

kakteno *s.* Jacaré açú. Lat. *Cainan niger*.

kakuşekin *v.tr.* Misturar líquido com sólido. inbi arroz waka **kakuşe-e-k** "Eu misturei arroz com água." Tupa-n tsadi matşı waka **kakuşe-a-ş** "A Tupa misturou fubá com água."

kamis *s.* Tipo de planta.

kamun *s.* Onça (forma genérica). **kamun-in** wapa ak-a-ş "A onça matou o cachorro." Cf. kamun kudu, kamun wişpa.

kamun kudu *s.* Onça vermelha. Lat. *Puma concolor*. Composto. Cf. kamun, kudu.

kamun wispa *s.* Onça. Lat. *Panthera onca*. **kamun wispa-n** ibi ak nuka-bonda-ş "A onça grande queria me matar." Composto. Cf. kamun, wispa.

kaniwa *s.* 1. Cunhado(a) mais novo(a). 2. Primo cruzado menor do homem. 3. Tio avô menor do homem (irmão ou primo paralelo da avó paterna). 4. Neto do primo paralelo de um homem que é maior. Nota: em todos sentidos, o ego é maior que o parente.

kanmuns *s.* Tipo de cobra.

kanpu *s.* Tipo de sapo de árvore. Lat. *Phyllomedusa bicolor*.

kanpuku *s.* Tipo de rã. Lat. *Phyllomedusa bicolor*.

kantşı *s.* Abacaxi. **kantşı** işakimo "O abacaxi é delicioso"; min awi **kantşı** nanan-te-e-k "Tua esposa cortou o abacaxi ao meio."

kantşu *s.* Carangueijo.

kapa *s.* Quati-puru. Lat. *Sciurus igniventris*. matses-an **kapa** pesma "Os matis nunca comem quati-puru."

kapa kudu *s.* Tipo de quati-puru. Lat. *Sciurus ignitus*. Composto. Cf. kapa, kudu.

kapa tşımu *s.* Tipo de quati. Lat. *Sciurus padiceus*. Composto. Cf. kapa, tşımu.

kapakkin *v.intr.* 1. O ato de abaixar sem estar no alto. 2. Ficar mais baixo.

kapid *s.* Jacaré (forma genérica).
kapid-an aka tʃe-a-ş “O jacaré comeu a garça.”

kapid tʃimu *s.* Jacaré preto. Lat. *Cainan crocodillus*. Composto. Cf. *kapid*, *tʃimu*.

kapid wasa *s.* Jacaré branco. Lat. *Cainan crocodillus*. Composto. Cf. *kapid*, *wasa*.

kapişidkin *v.tr.* Rachar. tsate
kapişid-a-ş “A mesa rachou.”

kapokin¹ *v.intr.* Andar. bakui **kapo-e-k** “A criança anda.”

kapokin² *v.intr.* Caçar. nawa muduk
kapo-e-k “O não-índio caça muito longe.”

-kas *suf.* Desiderativo sincrônico. ibi uş**kas-e-k** “Eu estou com sono”; mibi pek**kas-e-k** “Você está com fome.” Cf. *-ka*.

kasi *adj.* Magro. nadake awad **kasi-dapa** “Por que a anta está magra?” Cf. *şinio*, *nowa*.

kasikekin *v.tr.* Misturar coisas líquidas. inbi leite cafe **kasike-e-k** “Eu misturo o leite com o café.”

kafi *s.* Orgasmo masculino.

kaşidikte *s.* Tipo de jacaré. Lat. *Paleosuchus palpebrosus*.

kaşpan *s.* Parte de cima das costas.

kaşpi *s.* Tipo de rã.

kaşadun *s.* Lacráia. Lat. *Diplopoda: Barydomus*.

kaşuku *s.* Costas. awat **kaşuku** “Costas de anta.”

kataşkin *v.tr.* Prender. ibi mi-**kataş-ad-a-k** “Eu prendi a mão.”

kataştokin *v.tr.* O ato de fixar mais que uma coisa.

kataştote *s.deriv.* Prendedor. Gabrieu min tita **kataştote** bowanta “Gabriel, leve o prendedor para sua mãe.”

katsu *s.* Flechinha da zarabatana para matar macaco.

katsukin *v.intr.* Preparar veneno.

katsu anşuk *s.* Talo da paxiúba para fazer seta da zarabatana. Composto. Cf. *katsu*, *an-*, *şukekin*.

katsun *s.* Seta da zarabatana. **katsun tid-e-k** “Cortar a ponta da seta para quebrar.” Cf. *opo*, *mente*, *mente udte*, *tikte*, *du kuşak*, *tenke*, *şapu*, *punu*, *tenkete*, *işbun*.

katşadkin¹ *v.intr.* Sentar-se ao lado.
katşad-ek tsa-ta “Sente-se do lado.”

katşadkin² *v.tr.* O ato de fixar algo.

kaukkekid *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Pteroglossus inscriptus*.

kekin *v. intr.* Dizer (reportativo).
 vitoria atsa kodoka-e-k ke-e-k “Ele disse: a Vitória está cozinhando mandioca.”

kene- *suf.* Indo, passando por algum lugar.

kiakidkin *v.intr.* Virar-se sozinho.

-kid¹ *suf.* 1. Morfema nominalizador agentivo. 2. Morfema nominalizador atributivo. 1. kodoka-**kid** nami kodok-a-k “O cozinheiro faz carne.” 2. tşanpi nun-**kid** pemem “A menina não é nadadora.”

-kid² *suf.* 1. Morfema habitual. marubo noman-**kid** “Os marubos sempre cantam”; Rogeru-n kodoka-**kid** cafe tşimu-dap “O Rogério sempre faz café muito forte.”

-kid³ *suf.* Marcador de relativização. nawa widen ik-**kid** branco iwi sanando-bo-ş “O não-índio que é forte levantou o pau.”

kimo *intens.* Muito forte, muito bem, verdadeiramente. matses-an tidinte bida **kimo** kodubon bida papitsik “A zarabatana Matis é muito boa, mas a Korubo não é.”

-kin¹ *suf.* Morfema de concordância transitiva.

-kin² *suf.sr.* sufixo de referência de A da oração matriz em eventos simultâneos. inbi kodoka-**kin** mibi tşui-bon-e-k “Eu estou conversando com você e cozinhando.”

-kin³ *suf.* Tipo de morfema infinitivo que ocorre somente num contexto de discurso ou elicitación. awida pe-**kin** “O que é comer?”

kini *s.* Buraco ou orifício.

kidenkin *v.intr.* Brincar. Tumi **kiden-e-k** “O Tumi brinca.”

kiku *s.* Sova.

kikunkin *v.tr.* Trançar. Utilizado para indicar o ato de trançar a rede. tita-n di **kikun-a-ş** “A mãe trançou a rede.”

kini *s.* Parede. **kini** tunke-a-ş “A parede tombou”; iste **kini-n** paska-e-k “A foto está grudada na parede.”

kobisan *s.* Vespa. **kobisan-an** ibi mi-tuske-a-ş “A vespa ferrou minha mão.”

koden *s.* Bacuri.

kodo *adj.* Torto. tidinte **kodo-dap** “A zarabatana está torta.”

kodokakin *v.tr.* Forma transitiva do verbo cozinhar. min t̥sutsu-n sinkuin **kodoka**-kid “Tua esposa sempre cozinha banana.”

kodokekin *v.intr.* Forma intransitiva do verbo cozinhar. Tum̥i **kodoke**-a-ʃ “Tum̥i cozinha.”

kodokodokekid *s.* Salamantra Lat. *Hemidactylus Mobouia*.

kokej *s.* Tipo de sapo que vive em árvore. Lat. *Hyla boans*. Onomatopéia.

komo *s.* Timbó.

konkodo *s.* Tipo de pássaro Lat. *Celeus spectabilis*.

kopinkakin *v.intr.* Tocar flauta. Dani-n kopinkate **kopinka**-e-k “A Dani toca flauta.”

kopinkate *s der.* Flauta. nikid **kopinkate** “Aquela flauta”.

koṣti *s.* Mutum. Lat. *Mitu tuberosa*. Nome doméstico. Cf. wesnid.

ku *s.* Pus. t̥jiw̥i **ku** abi “Tem pus no machucado.”

kuada *s.* Tipo de sapo de igarapé. Lat. *Leptodactylus bilivianus*.

kuain *s.* Fumaça, nuvem, névoa. int̥simantsik t̥ʃiʃi **kuain** abi “Cedo tem nevoeiro no rio”; **kuain** wisu “Nuvem de chuva (Lit. nuvem escura.)”

kuakesma *adj.* Surdo. awin t̥ʃanpi **kuakesma** “A filha dela é surda.” nukun t̥ʃit̥ʃi **kuakesma** “Minha avó é surda.”

kuakkin *v.tr.* Ouvir. ibi onke-ʃo **kuak**-men-pa ik-kin TV-dapa **kuak**-e-k minbi “Eu falo e você não me ouve quando ouve televisão.”

kuakmekin *v.tr.* Gravar. minbi fita **kuakme**-e-k “Você gravou a fita?” Neologismo.

kuakte *s.deriv.* Fone de ouvido. Neologismo.

kuamak ṣonti *s.* Tipo de árvore cujas flores têm aparência de uma garrafinha.

-kuan *suf.* Malefactivo. nawa-n Rogeru computador onpo-**kuan**-a-ʃ “O branco roubou o computador do Rogério (computador que usava para trabalhar).”

kuankin *v.intr.* 1. Ir. 2. Viajar. 3. Sair. 1. **kuan**-nuṣ ibi kapo-e-k “Eu fui andar.” 2. Vitoria São Paulo-no **kuan**-bo-k “A Vitória viajou para São Paulo.” 3. **kuan**-ta Maki “Maki, saia!”

kuaspi *s.* Tipo de sapo. Lat. *Typhonectes*. Onomatopéia.

kubudkin *v.intr.* Encher.

kubudap *adj.* Cheio. Cf. andadawid.

kuda¹ s. Tipo de bambu.

kuda² s. Sapo de terra firme. Lat. *Leptodactylus Pentadactylus*.

kuda dişan s. Ponta.

kudaskin v.tr. Mesquinhar, proibir. Iba-n awin awin **kudas**-e-k “O Iba mesquinha sua esposa.”

kudkekin v.intr. Sentir dor. nukun mikin **kudke**-e-k “Minha mão está doendo”.

kudkin¹ v.intr. Secar. nukun daukute **kudu**-a-ş “Minha toalha secou.”

kudkin² v.intr. Fazer barulho.

kudu¹ adj. Seco. min datonkete **kudu** “Tua toalha está seca.”

kudu² adj. Marrom, pardo. tsitonkete **kudu** ikid “O calção é marrom.”

kuedamanin s. Tipo de banana.

kuedes s. Tipo de pássaro. *Coballd-winged Parakeet* Lat. *Pyrrhura rupicola*. Cf. tşukiş.

kuenad s. Arara (forma genérica). Lat. *Ara*.

kuenad kudu s. Arara azul-amarela. Lat. *Ara ararauna*. Composto. Cf. *kuenad*, *kudu*.

kuenad pid s. Arara vermelha. Lat. *Ara macao*. Composto. Cf. *kuenad*, *pid*.

-kuene suf. Indo, passando por (intransitivo). ibi pekas-ek kapo-**kuene**-kin unkin iste-şun inbi tonka-e-k “Caminhando com fome, vi um caitetu e o matei.”

kuenkin v.intr. Passar. tşitşidiş dadenpa **kuen**-e-k “Passa muito passarinho.”

kuenpa s. Papagaio. Lat. *Amazona farinosa*.

kueskin¹ v.tr. Matar com cacete. kodubobo-n nawa dadenpa **kues**-bonda-ş “Os kodubo mataram com cacetadas muitos não-índios.”

kueskin² v.tr. Bater com vara. kueste winkinke-kin piwin **kues**-a-ş “A vara bateu no morcego quando ela balançava.”

kueste s.deriv. Cacete, vara. **kueste** winkinke-e-k “A vara balança.”

kuikin v.tr. Assar pedaço de carne com folha.

kuiod s. Enfeite facial utilizado logo abaixo do lábio inferior.

kuiod kini s. Furo do queixo.

kuişakete s. Barba. dadasibo-bo **kuişakete** wasa abi “Os velhos têm barba branca.”

-kuidan *suf.* “Ir, parar, (v. trans.) e continuar indo”. Sufixa-se a verbos intransitivos. Leticia-no kuan-ek FUNAI-no nes-**kuidan**-ek ibi kuan-a-k “Indo para Letícia parei na FUNAI, banhei e continuei indo.” Cf. *bidan*, *bitan*, *kuitsen*.

kuitonko *s.* Queixo.

kuiweʃkakin *v. tr.* Afiar. *inbi dui kuiweʃka-e-k* “Eu amolo a faca”. Cf. *ʃekin*.

kui *s.* Vagina.

kui ikʃak *s.* Lábios da vagina. Composto. Cf. *kui*, *ikʃak*.

kuiɓimedkin *v. intr.* Elevar-se. *bai kuiɓimed-a-k* “A água subiu na rua”

kuiɓu *s.* Jacú. Lat. *Penelope jacquacu*. *kuiɓu mai-no* “O jacú está na roça.” Cf. *ʃui*.

kuidkin¹ *v. intr.* Grunhir. *tʃawa kuid-e-k* “A queixada grunhe”.

kuidkin² *v. tr.* Tocar. Utilizado para instrumentos musicais.

kuidenkin *v. intr.* Latir. *wapa kuiden-e-k iksamadap* “O cachorro late muito (ruim).”

kuidmekid *s.* Piloto. aviaon **kuidmekid** “piloto de avião”. Cf. *kuidkin*.

kuidudukekin *v. intr.* O ato de se bater em lugares estreitos. *unkin kini-wiʃ kuiduduke-pe-ek kud-e-k* “O caitetu está se batendo dentro do buraco.”

kuiɓa *adv.* Em frente. *Bini ʃubu kuiɓa-no nid-a-ʃ* “O Bini está em frente à casa, em pé.”

kuiɓaʃpi *s.* Útero.

kuiɓkin *v. tr.* Chamar ou convidar. *ibi Rogeru-n kuiɓ-bo-ʃ Tabatinga-no* “Rogério me chamou/convidou para vir à Tabatinga.”

kuiɓenkin *v. intr.* Estar bravo. *Maki kuiɓen-e-k* “O Maki está bravo.”

kuiɓenwankid *adj. deriv.* Briguento. Cf. *kuiɓenwankin*.

kuiɓenwankin *v. intr.* O ato de estar constantemente brigando.

kuiɓewakin *v. tr.* Trair. *ibi minbi kuiɓewa-pe-e-k* “Você está me traindo.”

kuiɓitokin *v. intr.* Cicatrizar. *piwɓinan pe-akid Rogeru kɓito-e-k* “A ferida da mordida do morcego está cicatrizando.”

kuştokin *v.intr.* Colocar dentro. Vitoria-n sucu **kuşto-e-k** “A Vitória coloca o suco.”

-kuitsen *suf.* Vir e continuar. Sufixa-se a verbos intransitivos. Leticia-no-wiş tjo-ek Osca-n şubu-no-wiş nes-**kuitsen-ek** ibi tjo-a-k “Vindo de Letícia parei na casa do Oscar par banhar e continuei.”

kukakid *s.* Fogo. Cf. kukakin.

kukakin *v.intr.* Queimar. şubu **kuka-a-ş** “A casa queimou.”

kuku *s.* Tio (irmão da mãe). nukun **kuku-n** ibawasa mişawa-bo-ş “O tio do Iawasa me tatuou.”

kukuş *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Bubulcus ibis*.

kuma *s.* Nambu. Lat. *Tinamus e Crypturellus*.

kuma kimo *s.* Tipo de pássaro.

kunenkin *v.intr.* Bagunçar. şuia imid **kunen-a-ş** “O rato bagunçou à noite.”

kunkekid *s.* Vento médio (não muito forte). Cf. kunkekin.

kunkekin *s.* Vento forte. Cf. kunkekid.

kunkin *v.tr.* 1. O ato de passar o fio dentro de um orifício. 2. Costurar. 1. min awin di **kun-kun-e-k** “Tua esposa está tecendo a rede.” 2. nawa datonkete **kun-kun-ek** tanawa-e-k “O não-índio sabe costurar roupa.”

kuştokin *v.tr.* 1. Derramar. 2. Despejar. 3. Colocar. 4. Entornar. waka matsu-n **kuşto-ta** “Coloque a água na panela!” Cf. tjo-dodokakin.

kuşu *s.* Jacubim. Lat. *Pipile cumanensis*. **kuşu-dapa** Dami-n tik-bo-ş “Foi o Jacubim que o Tumi matou com zarabatana.”

M

ma- pref. Morfema que indica parte do corpo, "cabeça".

mabısadkin *v.intr.* Cobrir. ibi mabısate-n **mabısad**-a-k "Eu me cobri com o cobertor."

mabısate *s.deriv.* 1. Cobertor. 2. Chapéu. 1. ibi **mabısate**-n mabısad-a-k "Eu me cobri com o cobertor." Neologismo.

mabiş s. Resto de coisa sólida. pete **mabiş** "Resto de comida."

mabitsekin *v.intr.* Cobrir casa. Tumi-n şubu **mabitse**-e-k "A casa do Tumi está coberta."

mabudkin *v.intr.* Ter cabelo. David maşakete **mabud**-emen "O Davi não tem cabelo."

mabuşa *adj.* Pessoa que tem cabelo branco.

mabuşakin *v.intr.* Crescer cabelo branco. Normalmente este verbo é utilizado para dizer que a pessoa está começando a ter cabelo branco.

made s. Cutia. Matses-in made pesma "Os matis nunca comem cutia."

madibin s. Tipo de inseto.

madiwin s. 1. Ritual. 2. Pessoa que se veste de madiwin. 2. **madiwin**-an papi-bitá tʃanpi kues-e-k "O madiwin bate nos meninos e nas meninas."

madiwin kudu, madiwin wisu s. Fantasias dos homens para o ritual madiwin. Composto. Cf. madiwin, wasa, wisu.

madiwin maşo s. Máscara própria do ritual madiwin.

madokon s. Tipo de pássaro.

madumadu *adj.* Nu. inden nuki atşuwış **madumadu**-pa ik-bonda-k "Antes nós éramos nus."

madu paud s. **Cogumelo.** Composto. Cf. madu, paud.

mai s. Roça. **mai**-nowış ibi tʃo-a-k "eu vim da roça."; Tumi **mai** ded-ek kuan-e-k "O Tumi foi derrubar a roça."

makta s. Lama. awad **makta** bidawa- kimo-e-k "A anta gosta de lama."

maktşe s. Orgasmo feminino.

makueste *s.deriv.* Martelo. **makueste** iksamadap "O martelo não presta."

mama s. Pai. Cf. ami

mamu¹ s. Lamparina, lâmpada, vela.

mamu² s. Tipo de piche usado para pegar fogo.

manad s. Açai. Tumi **manad** inpake-e-k “O Tumi desce com açai.”

manad siko s. Tipo de pássaro Lat. *Elanoides forficatus*.

manad t̃okate s.deriv. Pilão. Composto. Cf. manad, t̃okate.

manan dada tanu s. Meio dia. Composto. Cf. manan, dada, tanu.

manan pankuidime s. Antes do meio dia. Composto. Cf. manan, pankuidime.

manan adv. No meio da cabeça.

mananukid s. Enfeite facial localizado próximo ao nariz. Um pequeno pauzinho é colocado em cada lado das narinas.

manaseko s. Animal semelhante ao gavião.

manedkin v.intr. Mudar. mikui **maned**-e “Vocês se mudaram?”; t̃sunaia-no bida kimo nuki **maned**-bonda-ş “O Aurélio é um bom lugar para morar, por isso nós mudamos.”

mant̃jibuduş s. Cotovelo.

mapaşkakin v.tr. Ato de colocar barro na seta da zarabatana.

mapi s. Cérebro. akid boi **mapi** ne “Aquilo é cérebro de boi?”

mapişo s. Camarão. nawa-n **mapişo** dadenpa pe-e-k “O não -índio come muito camarão.”

mapi dada kimo s. Meio dia. Composto, Cf. mapi, dada, kimo.

mapismin s. Cabeça de urubu.

mapoa s. Paca. **matses** mapoa pe-esma “O Matis nunca come paca.”

masin s. Tipo de flauta. **dadasibo-n masin** ŷe-bonda-ş “O velho fez ha um tempo a flauta.”

masin tawi s. Cabo da masin.

masoko s. Tipo de macaco. Lat. *Callicebus cupreus*.

maş part. Expressa uma forma de arrependimento ou de desculpa.

maşakete s. Cabelo. inden Dani-n **maşakete** pidwate-n maskide-bo-ş “Antes a Dani tinha pintado o cabelo de vermelho.”

maşaş s. Pedra utilizada para amolar. inbi dui **maşaş**-in ŷek-e-k “Eu amolo a faca com a pedra.”

maşite s. Tipo de desenho .



maṣite bidiwaek s. Tipo de desenho. Composto. Cf. maṣite, bidiwakin.

maṣku s. Irmão mais novo. nukun **maṣku** bida kimo “Meu irmão mais novo é muito bom.”

maṣo s. Cabeça. awat **maṣo** ami “A cabeça da anta é grande.”

maṣo kaṣuku s. Parte posterior da cabeça. Composto.

maṣo tsitsu s. Nuca. Composto.

maṣopa s. Dedão. tai **maṣopa** “Dedão do pé”; mi^hkin **maṣopa** “Dedão da mão.”

maṣpi s. Clitóris.

maṣtakkin v.intr. Passar por cima.

maṣunkinkin v.intr. Agradar ou acariciar, passando a mão na cabeça.

matas s. Tipo de pássado Lat. *Neomorphus pucherai*.

matid fete s. Tesouras. **matid fete** tʃimo-kimo-e-k “As tesouras doem bem.” Cf. ma-, tidkin, fekin.

matses s. Gente. nuki **matses** “Nós somos gente.”

matses wiwa s. Matis criado (feito). Composto. Cf. matses, wiwakin.

matsesan onkete s.deriv. Linguagem de Matis. Composto. Cf. matses, onkete, onkekin.

matsu s. Panela de barro utilizada para cozinhar carne ou fazer mingau.

matsu ami s. Tipo de vasilhame grande. Composto. Cf. matsu, ami.

matsu bitaṣte s.deriv. Tampa de panela. Composto. Cf. matsu, bitaṣte.

matsu(n) bakui s. Utensílios pequenos. Composto. Cf. matsun, bakui.

matsu kinek s. Tipo de traço feito nos utensílios. Composto. Cf. matsu, kinek.

matsu tikinakid s. Tipo de desenho utilizado nas bordas externas das panelas. Composto.

matsu tsipite s. Tipo de sapo. Lat. *Hemiphractus*. Composto.

matsu tsipote s. Sapo da amazônia. Composto.

matsu(n) nawa s. Panela de alumínio. Composto. Cf. matsu, nawa.

matʃi s. Farinha. inbi i-ben-tsik-ṣun **matʃi** tuban-a-k “Eu torrei farinha sozinho.”

matji tubante *s.deriv.* Forno. mario-n **matji tubante** nuki mene-bonda-ş “O Mário deu o forno para nós.” Composto. Cf. matji, tubante, tubankin.

matşo *s.* Velha, avó. **matşo** atsa tşakawa-e-k “A velha faz mingau de mandioca.”

maud *s.* Lagarta. Papi-n **maud** beda-a-ş “A criança pegou a lagarta.”

mawes *s.* Espécie de formiga bem pequena.

mawi *s.* Matinho. buşu **mawi** tşike-e-k “Buşu tira o matinho.”

mawi bitsi *s.* Sardinha. Lat. *Triportheus augulatus*. Composto. Cf. mawi, bitsi.

mawin bidu *s.* Parte de cima da cabeça onde o cabelo faz um redemoinho. Composto. Cf. mawin, bidu.

mawi tşankiş *s.* Tipo de pássaro. Composto. Cf. mawi, tşankiş.

mawinte *s.deriv.* Moleira.

mawisku *s.* Tipo de pássaro Lat. *Gymnostinops bifasciatus*.

-me *suf.* Morfema causativo.

meko *s.* Pedra. şapu-n **meko**-n wapa se-a-ş “şapu jogou a pedra no cachorro.”

memu¹ *s.* Capivara. Lat. *Hydrochaeris hydrochaeris*. Nome doméstico. Cf. inawad.

memu² *s.* Capim da beira do rio.

mena *s.* Órfão.

menankin *v.tr.* Enterrar, plantar. inbi sinkuin **menan**-bonda-k “Eu plantei a banana.”

menebowankin *v.tr.* Dar para cada um.

menekin *v.tr.* Trocar, dar, comprar. Como o ato de comprar é recente para o povo Matis, o verbo “menekin”, que significa “trocar” e “dar”, passou a significar também “comprar”. bini-n tumi matsu **mene**-bo-ş “O Bini trocou a panela com o Tumi. ibi Rogério-n tawa **mene**-e-k “O Rogério compra as flechas de mim.”

menewamakin *v.tr.* Endividar. (Lit. “ainda não deu (para ninguém)”). Neologismo.

mente¹ *s.* Lenha. Cf. mişte.

mente² *s.* Material para fazer fogo. Cf. opo, katsu, mente udte, tikte, du kuişak, tenke, şapu, punu, tenkete, işbun.

mente udte s. Pauzinho utilizado para fazer fogo. É a parte do *mente* que se fricciona. Cf. opo, udte, katsu, mente udte, tikte, du kuişak, tenke, şapu, punu, tenkete, işbun.

mi-¹ *suf.* Morfema de 2ª pessoa do singular. **mi-bentsik** mibi noman-a-k "Você cantou sozinho."

mi-² *part.inter.* Em que lugar? Onde?
mi-da min şubu "Onde é tua casa?"

mibi *pron.* Pronome de 2ª pessoa do singular absoluto. Você. **mibi** mai-n tşonoad-bonda-k "Você trabalhou na roça."

midau *part.inter.* Para qual lado?

mikui *pron* Pronome de 2ª pessoa do plural absoluto. Vocês. **mikui** maned-bo "Vocês mudaram?"

min *pron.* Pronome de 2ª pessoa do singular possessivo. Teu. **min** carro bi-duk-e-k "O teu carro está na tua frente."

minbi *pron.* Pronome de 2ª pessoa do singular ergativo. Você. min papi-dapa **minbi** bi-bo "Foi o teu filho que você trouxe?"

mistetsi *part.inter.* Quantos?

mistentsi *part.inter.* Qual o tamanho?

mişkin *v.tr.* Mexer. papi-bo-n nukun tşu **miş-a-ş** "Os rapazes mexeram nas minhas coisas."

mitso *pron.* Pronome de 2ª pessoa do plural que ocorre em função de objeto. Para vocês. Rogeru-n nawa-n piskaden **mitso** mene-a-ş "O Rogério comprou missanga para vocês"; inbi tabatinga -no **mitso** bi-a-k "Eu trouxe vocês para Tabatinga."

mitson *pron.* Pronome de 2ª pessoa do plural possessivo. De vocês. **mitson** şubu muduk-tap "A casa de vocês é longe."

miuşta *part.inter.* Onde é ?

mitsiu *part. inter.* Para que lado? nitsik tşawa kuen-e-k "A queixada passou aqui perto." **mitsiu** "Para que lado?"

mi- *pref.* Morfema que indica parte do corpo, "mão".

midin s. Morto. ibi **midin**-bid kaponuke-ek kuana ik-şo kamun-dapa. "Eu estava andando por aí com aquele que já morreu e encontramos uma onça."

miduk *adv.* Longe. nukun şubu **miduk** kimo "Minha casa é longe."

mii s. Casca de pau.

mik- *pref.* Morfema que indica parte do corpo," costelas". rogerio ibi mik-ama-e-k "O Rogério bate em mim (nas costelas)."

mikaş *s.* Costelas.

mikekin *v.tr.* Cuidar, segurar nos braços.

mikin *s.* Mão. akid **mikin** tşoaşe "Aquela é mão de macaco preto."

mikin ana *s.* Palma da mão. Composto.

mikin dişan *s.* Dedos da mão.

mikin ikikid dabidpa *num.* Número 7.

mikin atşuwiş ted *num.* Número 4.

mikin dadenpa *num.* Número acima de 5.

mikin danşubu *s.* Dedão.

mikin dişbu *s.* Parte inferior dos dedos. Composto.

mikin kaşuku *s.* Parte superior da mão. Composto.

mikin maşopa ikikid *num.* Número 6.

mikin ted *num.* Número 3.

mikin tontonkakin *v.intr.* Bater palmas.

mikin titşuku *s.* Pulso.

mikin nintan ted *num.* Número 5.

mikamakin *v.tr.* Brigar.

minşini *s.* Xará (pessoa com nome de batismo idêntico ao de outra; indentificador de pessoa), utilizado para pessoas mais velhas. Para as mais novas utiliza-se 'tşuka'. Cf. tşuka.

mintis *s.* Unha. min **mintis** şunu-dapa "Rua unha está bem grande"

mintis sikte *s.deriv.* Esmalte para unha. Composto. Cf. mintis, sikkin Neologismo.

mipasadkin *v.intr.* Bater as mãos uma vez. Binin **mipasad-ta** "Binin, bata a mão!"

miskidkin *v.intr.* 1. Passar tinta na mão. 2. Lavar as mãos. ibi pidte-n **miskid-e-k** "Eu pinte a mão com urucum."

misikidte *s.* Esmalte para unha da mão. Neologismo.

mişekin *v.tr.* Arrancar com a mão. Tupa-n tşawa **mişe-e-k** "A Tupa tira os pêlos da queixada."

mişkin *v.intr.* Engatinhar. bakui miş pe-e-k “O neném está engatinhando.”

mişte¹ *s.* Lenha.

mişte² *s.* Fogo.

mişte mikin *s.* Graveto para fogo.

mitidinkin *v. intr.* Segurar a mão, dar as mãos. awin binin awin awin **mitidin-e-k** “O marido deu a mão à sua esposa.”

miunjekin *v.intr.* Queimar com lenha. nukun takada **miunje-e-k** “Meu frango queima.”

miwi *s.* Tipo de capim próprio para alimentação da anta. awad-an **miwi tje-e-k** “A anta come capim.”

miwi kudu *s.* Papagaio claro. Lat. *Pionites Leucogaster*. Também é utilizado para nome doméstico. Composto. Cf. miwi, kudu.

mipuku *s.* Ante braço.

moana *s.* Tipo de lagarto. Lat. *Chrocodillus amazonians*.

modaskekin *v.intr.* Cair no meio do caminho. Refere-se a um tronco, árvore ou algo de grande porte. bai tsikad-pe-e-k iwi **modaske-a-k** “A árvore está caída no meio do caminho.”

moşo *s.* Mata. Lat. *Chelus funbriatus*.

mowakin *v.tr.* Mentir. ibi minbi **mowa-bo** “Você mentiu para mim?”

munudkin *v.intr.* Dançar. Kanamari **munud-kimo-e-k** “Os Kanamari dançam muito.”

muşa *s.* Tipo de desenho utilizado nas tatuagem faciais. Em alguns casos, os Matis também fazem este tipo de desenho nos artesanatos.

• • • • •

muşan *s.* Espinho. inbi **muşan-an tuska-bo-ş** “Eu me furei com espinho.”

muşatjekin *v.intr.* Engasgar. papi bakui **muşatje-a-ş** “O neném engasgou.”

N

-n¹ *suf.* Morfema instrumental, varia com o alomorfe {-in}. Tumi-n şotko-n mußte pişe-a-k “A Tumi rachou a lenha com o machado.” mibi mananukid-in kapo-e-k “Você andou com o enfeite de orelha.”

-n² *suf.* Morfema do caso ergativo, varia com o alomorfe {-in}. tupa-n nami kodoka-e-k “A Tupa cozinha a carne”; kamun-in tşawa ak-a-ş “A onça matou a queixada.”

-n³ *suf.* Morfema locativo, varia com -no. mibi tşunaia-n duke-e “Você mora na aldeia do Áurégio?”

nai *s.* Algodão. opo **nai** “Algodão da bolsinha da zarabatana”.

naiş *s.* Rim.

nakaş *s.* Cupim.

nakanu *s.* Ato sexual.

nakawakin *v.intr.* Repetir. Bina **nakawa**-ta “Bina, repita!”

nakşuku *s.* Parte final da espinha.

naktekin *v.tr.* Cortar ao meio. inbi Ricardo tai **nakte**-a-k “Eu cortei o pé do Ricardo ao meio.”

namakakin *v.tr.* Sonhar. minbi min mama **namaka**-a-k “Você sonhou com teu pai.”

nami *s.* 1. Carne. 2. Corpo. papi-bo-n mikin ted-şun **nami** atşuwışpe-a-ş “Os três meninos comeram toda a carne.”

nankin *v.intr.* Morrer. nawa **nan**-a-ş “O não-índio faleceu.”

nanakid *s.deriv* Morto. Cf. midin, nankin.

-nane *suf.* Morfema que indica reciprocidade. wapa pe-**nane**-bo-ş “Os cachorros mordem uns aos outros”; tşanpi-bo daukud-**nane**-e-k “As mulheres enxugam umas às outras.”

naniş *adj.* Vazio (sem pessoas). şubu **naniş** “A casa está vazia.”

nantan *adv.* No meio. Mena-n awin awin bai **nantan** awin tşu mene-a-k “O Mená deu suas coisas para sua esposa no meio do caminho.”

napi *s.* Resto de coisa líquida.

napotekin *v.intr.* Atravessar para o outro lado. Binan bai **nakpote**-ta “Binan, atravesse o caminho!”

natşi *s.* Sogra. nukun **natşi** nami kodoka-a-ş “Minha sogra fez carne.”

natşiani *s.* Tio. Bina-n **natşiani** nan-bonda-ş inden “Faz tempo que o tio do Binan faleceu.”

natsa s. Baço, estômago.

nawadabu s. Tipo de pau.

nawa kimo *adj.* Brasileiro.
Composto. Cf. nawa, kimo.

nawa matsu s. Panela. Composto.
Cf. nawa, matsu.

nawan muşakte *s.der.* Amolador.
Composto.

nawan onkete *s.der.* Língua de
não índio. Composto. Cf. nawa,
muşakin.

nawan piskaden s. Missanga.
nawan piskaden bida kimo “A
missanga é muito boa.”
Composto. Cf. nawa, piskaden.

nawan tşanpi s. Menina não índia
Composto. Cf. nawa, tşanpi.

nawa tşikkid s. Libélula. Lat. *Ordei:*
Odonato. Composto. Cf. nawa,
tşikkid.

nawî s. Mato. **nawî** ake-e-k “Cortar
o mato com faca.”

nawedekkin *v.intr.* Guardar dentro
de. şapu opo **nawedek**-e-k “O
algodão está dentro da bolsinha.”

-nda, -nida *suf.* Reflexivo
interrogativo. awi-tsi inbi kodoka-
nda “O que foi que eu cozinhei?”;
mi-tsi iba uş-**nida**-ş “Onde o Iba
dormiu?”

nedeskakin *v.tr.* Rasgar roupa.
Gabrieu-n awin datonkete
nedeska pe-a-ş “O Gabriel
rasgou a roupa dele mesmo.”

nedeskekin *v.intr.* Rasgar. ibi
nekeske-e-k “Eu rasguei.”

nekin *v.tr.* Jogar algo sem direção
definida. tşidabo maşaş **ne**-a-ş “A
mulher jogou a pedra.” nukun
awin **ne**-bonda-k “Eu me separei
da minha esposa. (Lit. “Eu joguei
minha esposa fora”).Cf. sekakin.

nepakkin *v.tr.* Derrubar. inbi
dadawakid wişpo **nepak**-a-k “Eu
derrubei a caneta”.

neskin *v.intr.* Banhar. Bina **nes**-a-ş
“O Bina banhou.”

neste *s.deriv.* Planta utilizada como
remédio.

ni s. Conjunto de árvores.

niankin *v.tr.* Deixar. Bişo awin
matsu **nian**-a-ş “Bişo deixou sua
panela.”

nibînkin *v.tr.* Procurar. inbi nukun
papi **nibîn**-a-k “Eu procurei o
meu filho.”, minbi tşawa **nibîn**-bo
“Você procurou queixada?”

nidkin *v.intr.* Estar em pé. akid **nid**-
e-k “Aquele ali está em pé.” Bina
kanid-ek ibi **nid**-e-k “Eu estou em
pé na frente do Bina.

nidinkakin *v.tr.* Correr atrás de. Biuş tʃawa **nidinka**-e-k abad-a-ş “A queixada fugiu e o Biuş correu atrás dela.”

niış *s.* Caça. inbi **niış** nibin-a-k “Eu procurei caça.”

nimen *s.* Tipo de folha utilizada para a confecção da tinta para tatuagem.

nini *s.* Sobrinha.

nistedun pid *s.* Tipo de cobra.

nistedun wasa *s.* Tipo de cobra.

nitokin *v.intr.* Levantar. tsate **nito**-ta “Levante a cadeira!”

niţan *s.* Suor.

niţsun *s.* Cordão umbilical, umbigo. **niţsun**-in nukun papi ti-taniad-e-k “Meu filho está com o pescoço enrolado no cordão umbilical.”

ni¹ *adv.* Neste lugar, aqui.

ni² *pref.* Indica que algo ou alguém está no meio da água. inbi mişte **ni**-ne-e-k “Eu jogo o pau no meio do rio.”

nia *s.* Tipo de pássaro. Lat. *psophia leucoptera*.

nibi *adv.* Hoje. **nibi** ibi São Paulo-no kuan-e-k “Hoje eu viajo para São Paulo”; **nibi** şubu bama tşodke-a-k şubu “Minha casa apodreceu, hoje não tenho casa.”

nibi kimo *adv.* Agora. **nibi kimo** inbi mibi bowan-şun-e-k “Eu vou levar você agora mesmo.” Composto. Cf. **nibi**, **kimo**.

nikin *v.tr.* 1. Segurar. 2. Sustentar. Bini matsu **ni**-ta “Bini, segure a panela!” Cf. **tidinkin**.

nipak *s.* Tipo de capim utilizado para cortar o cordão umbilical.

nisiun *s.* Tipo de aranha. Lat. *Arachanidae micrathera*.

nisiunin ŷeakid *s.* Teia de aranha. Composto. Cf. **nisiun**, **ŷekin**.

nişkin *v.tr.* Amarrar, prender. Rogeru-n Binin mi-**niş**-a-k “O Rogério amarrou o binin.”

nişo *s.* Tracajá. Lat. *Podocnemis unifilis*. **nişo**-n tşapa tşe-e-k “O tracajá come peixe.”

nişo badi *s.* Tipo de inseto.

nişon tu *s.* Verão.

niţin *s.* Dia. mibi **niţin** uş-e “Você dormiu de dia?” **niţin**-bi nuki Leticia-no kuan-e-k “Nós vamos para Letícia de dia.”

niţin weskin *adv.* O dia inteiro. Composto. Cf. **niţin**, **weskin**.

nitsik *adv.* 1. Próximo, perto. funai şubu **nitsik** “A Funai fica próximo da casa.” hospital **nitsik** “O hospital fica perto.” 2. Aqui. **nitsik kimo-e** tʃo-e-k “Eu venho aqui.”

-no *suf.* Morfema locativo, varia com *-n*. ibi Tabatinga-**no** tsad-e-k “Eu estou em Tabatinga.”

noad *s.* Garça. Lat. *Egretta tricolor*.

nokan *s.* Cacau. Lat. *Theobroma cacao*.

nokoşkakin *v.tr.* Ralar. Tumi -n atsa **nokoşka-a-ş** “Tumi ralou a mandioca.”

nokoşkate *s.deriv.* Ralador. Cf. takpan.

nokoşkekin *v.intr.* Ralar. ibi po-**nokoşke-a-ş** “Eu ralei no braço.”

nokok *s.* Tipo de cipó.

nokonkekin *v.intr.* Arrastar. kapid **nokonke-ek** kuan-e-k “O jacaré passa se arrastando.”

noma *s.* Tipo de pomba. Lat. *Columba oenops*.

nomakkin *v.tr.* Sonhar. inbi nukun mama **nomak-a-k** “Eu sonhei com meu pai”.

nomankin *v.intr.* Cantar. matʃo **noman-kimo-e-k** “A velha canta muito.”

noma tʃikid *s.* Falcão. Lat. *Micrastur ruficollis* Composto. Cf. noma, tʃikid.

noma wasa *s.* Tipo de pássaro Lat. *Leptolia rufaxilla*.

nowa *adj.* Grande, gordo. lucinhu puku **nowa** “A barriga do Lucinho é grande.” nıkid mesa **nowa-dapa** “Aquela mesa é grande.” Cf. kasi, şinio.

nowadkin *v.intr.* Boiar parado. mispatsi min nunte ik-a-ş “Onde estava tua canoa? abi waka **nowad-e-k** “Boiando no rio.”

nowen *s.* Verme. **nowen** bed-ta “Pegue minhoca!”

-nu¹ *suf.* Morfema desiderativo. inbi mibi kodoka-şun-**nu** “Eu quero cozinhar para você.”

-nu² *suf.* Indica que há sujeitos distintos em eventos simultâneos. ibi tşonoad-**nu** lba uş-e-k “O lba dorme, enquanto eu trabalho.”

nudunkekin Roncar. ibi **nudunke-e-k** “Eu estou roncando.”

nuki *pron.* 1ª pessoa do plural. Nós. uşto-kin **nuki** parque-no istan-bo-k “Ontem nós passeamos no parque.”

nukin *pron.* 1ª pessoa do plural possessivo. Nosso. Maria-n **nukin** datonkete şik-a-ş “Maria lavou nossa roupa.”

nukun *pron.* 1ª pessoa do singular possessivo. Meu, minha. **nukun** daukute kudu-a-ş “Minha toalha secou.”

nunkin *v.intr.* Nadar. Gabrieu tanawa-ek **nun-e-k** “O Gabriel sabe nadar.”

-nun *suf.* Morfema que indica sujeito idêntico, expressando um propósito. Sua referência é com o sujeito do verbo transitivo da sentença matriz. **pe-nun** inbi takada tʃe-me-e-k “Antes eu alimento a galinha, depois (eu) como ela.” Cf. -nuş.

nunte *s.deriv.* Canoa. **nunte** waka-n ukimuduk “A canoa está no fundo do rio.”

nunte akte *s.* Goiva. rogeru-n **nunte akte** ibi bed-şun-bonda-ş “O Rogério comprou goiva para mim.” Composto. Cf. nunkin, akkin.

nunte antʃejkate *s.* Inchó. Composto. Cf. nunkin, an-, tʃejkakin.

nunte podo *s.* Remo. **nunte podo** pakid-a-ş “O remo caiu.” Cf. nunkin, podo.

nunti *s.* Tipo de caracol. maki-n **nunti** bed-a-ş “O Makı pegou o caracol.”

-nuş *suf.* Morfema que indica sujeito idêntico, expressando um propósito. Sua referência é com o sujeito do verbo intransitivo da sentença matriz. **kuan-nuş** ibi kapo-e-k “Antes eu vou caçar depois viajarei.” Cf. -nuş.

okkin *v.intr.* Aspirar.

okodo s. Tipo de pássaro. Lat.
Odontophorus speciosus.

onkakin *v.tr.* Falar com alguém. inbi
nukun awin **onka-e-k** “Eu falo
com minha esposa.”

onkekin *v.intr.* Falar. ibi **onke-bo-k**
“Eu falo.”

onkesma *s.deriv.* Mudo. Tumi
onkesma “A Tumi é muda.”

onkete *s.deriv.* Linguagem. inbi
matses-in **onkete** tanawa-e-k “Eu
aprendo a língua do Matis.”

onpokin¹ *v.tr.* Roubar. papi-bo-n fita
onpo-a-ş “Os rapazes roubaram
as fitas.”

onpokin² *v.tr.* Esconder objeto.
inbi gravado **onpo-a-k** “Eu
escondi o gravador.”

onpodkin *v.tr.* Esconder pessoa ou
animal. awin tita-n awin tʃanpi
nawa **onpod-a-ş** “A mãe
escondeu sua filha do não-índio.”

opo s. Bolsinha do cesto da
zarabatana. min awin **opo** kun-
kun-bonda-ş “Tua esposa fez a
bolsinha.” Cf. katsu, mente,
mente, udte, tikte, du kuişak,
tenke, şapu, punu, tenkete, iʃbun.

P

pa- *pref.* Morfema que indica parte do corpo, "ouvido".

pabendankin *v.intr.* Limpar. ibi papui **pabedad**-e-k "Eu limpo a cera do ouvido."

-pad *adj.* Igual. dadawate abi-**pad** "Os cadernos são iguais." Cf. apad.

padama *part.* Forma de rejeição.

padi *part.* Forma ordenativa para parar.

padkidkin *v.intr.* Cair de um lugar alto. tidinte **pakid**-a-ş "A zarabatana caiu." Cf. tunkekin.

padu poşo *s.* Choari.

pais *s.* Chifre.

paiuek *s.* A forma de colocar o colar no corpo (cruzando os colares no peito). piskaden paiuek "O colar está colocado cruzado."

paka *s.* Lança. Tumi-n **paka** ne-a-ş "O Tumi lançou a lança."

pakutaş *s.* Beira. mai **pakutaş**. Beira da roça.

pami *s.* Tipo de fruta.

pamudun *s.* Parte do osso da cabeça do porco que se pode comer.

panadbo *s.* Palavra utilizada para se referir à pessoa morta há alguns anos. Cf. midin.

panidkid *s.* Dedinho.

papuşan *s.* Orelha. maşakete kuan-kin **papuşan** paşan p-a-k "O cabelo cresceu e cobriu as orelhas."

papuşan kini *s.* Ouvido. Composto.

papi¹ *s.* 1. Menino. 2. Jovem. 3. Homem. Palavras utilizadas no discurso masculino. 1. **papi** waka-n nun-e-k "O menino nada no rio." 2. minbi duı bakui **papi** mene-bo-k "Você deu uma faca para o rapaz." 3. **papi** kapo-e-k "O homem caça" Utiliza-se 'papi' quando um homem se referir a outro homem. Quando uma mulher se referir a um homem a palavra utilizada é 'dada'. Cf. dada.

papi² *s.* Filho. nukun **papi** dakud-e-k "Meu filho está com medo."

papi bakui *s.* Bebê do sexo masculino. awın **papi bakui** nan-a-ş "O filho dele faleceu."

papitsik¹ *intens.* Pouco. tşuna-n **papitsik** pe-a-ş "O macaco barrigudo comeu pouco."

papitsik² *adj.* Pequeno. awad **papitsik** "A anta é pequena."

papui s. Cera do ouvido. ibi **papui** abi “Eu tenho cera no ouvido.”

paskakin v.tr. Fixar. inbi foto pas-
paska-e-k “Eu grudo as fotos.”

paskekin v.intr. Fixar embaixo.
chiclete tak **paske-e-k** “O chiclete
está fixado embaixo (do banco).”

paşişbidan v.intr. Passar por algo
sem parar. **paşişbidan-ek** ibi
kuan-e-k “Indo, eu passei sem
parar.”

paşa adj. Novo. tonkate **paşa** kimo
“A espingarda é muito nova.” Cf.
şini.

paşan tsadkid s. Tipo de cobra.
Composto. Cf. paşa, tsadkin.

patuskakin v. tr. Furar a orelha. inbi
papi-n bakuî **patuska-e-k** “Eu furo
as orelhas do menino.”

paud s. Enfeite utilizado nas
orelhas .

paud kini s. Furo das orelhas feito
para colocar o *paud*.

pawa s. Concha grande.

pe- suf. Comentário. gabrieu-n
televisão is-**pe-e-k** “Veja, o
Gabriel vê televisão.”

pekaskin v.intr. Sentir fome. min
tşanpi **pekas-e-k** “Tua filha está
com fome.”

pekin¹ v.tr. Comer. kamun-an
wesnid **pe-e-k**. “A onça come
mutum.”

pekin² v.tr. Morder. wapa-n ibi **pe-**
bonda-ş “O cachorro me
mordeu”.

peso s. Tipo de pássaro Lat.
Pteroclossus pluricinctus.

pia s. Arco. min **pia** iksama-dap “Teu
arco é ruim”; Bini nukun **pia** bed-
tan-ta “Bini, vá pegar meu arco!”

piak s. Sobrinho. min **piak** win-
kimo-e-k “Teu sobrinho chorou
muito.”

pia taktsete s. Corda do arco. Cf.
buku.

pidkin v.intr. Cuspir lentamente.

pienkin v.tr. Defecar. inbi **pien-a-k**
“Eu defequei.”

pindakekid s. Espécie de pássaro.
Lat. *Galbalcyrhynchus leucotis*.

pindkekid s. Tipo de pássaro. Lat.
Galbalcyrhynchus leucotis.

pinu s. Beija-flor. Lat. *Phaethornis*.

pisi s. 1. Coisa podre. 2. Fedor.
piikuna-n dabiţpa-şun **pisi** tşe-a-ş
“Os dois urubus comeram a coisa
podre.”

piskaden s. Colar de coquinho.
Enfeite corporal muito utilizado
pelos Matis.

piskaden boiunwate s. Tipo de lacráia. Lat. *Diplopoda: neocricus*. Composto.

piskaden şita s. Colar de dente de macaco. Composto. Cf. piskaden, şita.

piskekidi s. Tipo de pássaro Lat. *Ramphocelus nigrogularis*.

piskidi s. Ingá. tşuna-n **piskidi** bed-e-k “O macaco segura o ingá.”

pitşikakin v.tr. Torrar (geralmente utilizado para fazer farinha). Vitoria-n tsadi an-**pitşika**-bo-ş “A Vitória queimou a pipoca.”

pitşu s. Espécie de papagaio. Lat. *Graydidascalus brochyurus*.

pibun s. Peitoral. Cf. şuma.

pid adj. Cor vermelha. nukun datonkete **pit** ik-bonda-ş “Antes minha camisa era vermelha.”

pide s. Maduro. wata pide. Cf. şu.

pidkakin v.tr. Iluminar. inbi mamu **pidka**-e-k “Eu acendo a luz.”

pidkate s.deriv. 1.Luz. 2. Lanterna. 3.Lamparina.

pidkate disan s. Bumbilho (lâmpada de lanterna). Neologismo. Cf. pidkate, işi.

pidkate işi s. Pilha. Neologismo. Composto. Cf. pidkate disan; pidkate; işi.

piiwakin v.tr.. O ato de colocar a pena na flecha. Paulo-n tawa **piywa**-bo-ş “Paulo colocou a pena na flecha”.

pii¹ s. Asa.

pii² s. Folha. iwi **pii** dadenpa tididike-a-ş “Cairam muitas folhas.”

piikun s. Tipo de urubu. Lat. *Coragups atratus*. **piikun**-an pisi-dap tşe-bo-ş “O urubu come coisa podre.”

piikun wasa s. Urubu real. Lat. *Sarcoramphus papa*. Composto. Cf. piikun, wasa.

pii tsidik s. Tipo de gafanhoto. Lat. *Panoplocelis*.

pikkin v.tr.. Tirar ou pegar o mel. Damı **bakun pik**-ek kuan-a-ş “O Damı foi tirar mel.”

piimatuku s. Ombro.

pipe s. Tapiri (choupana construída para abrigar as pessoas provisoriamente). **pipe** udamawa iwi tunke-a-ş “O pau caiu pertinho do tapiri.”

pişukete s. Desodorante.
Neologismo. Onomatopéia.

pişkin v.tr. Cortar em pedaços.
tjidabo-n pişkaden **piş**-e-k “A mulher está picando o pişkaden.”

pişakete s. Pêlo do sovaco. minbi
pişakete pişake-bo “Você cortou o pêlo do sovaco?”

pişkan s. Tipo de pássaro. Lat. *Buteo leucorrhous*.

pişkidi s. Besouro. Lat. *Rhynaphorus*

pişikin v.tr. Rachar. inawad-an
mai-no mişte **pişe**-e-k ‘A inawat racha lenha na roça’; tjanpi-bo-n muşte **pişe**-e-k “As mulheres racham a lenha.”

pişo s. Veneno.

pişo mabiş s. O veneno já ralado.

pişo matsu s. Pote de veneno. Bini
pişo boan-ta “Bini, pegue o pote de veneno!” Composto. Cf. pişo, matsu.

pişodo s. Sovaco.

pişuku s. Parte superior do braço.

pitakaşkakin v.tr. O ato de dar as mãos para se cumprimentar.
dadasibon-n nuki **pitakaşka**-e-k “Os velhos nos cumprimentaram”
Cf. mişidinkin.

pite s. Urucum inbi gabrieu **pite**-n
sike-e-k “Eu pinto o Gabriel de urucum.”

piteşka s. Parte do braço que fica entre o ombro e o cotovelo.

pitifika s. Antebraço.

piwan s. Morcego. Comum aos mamíferos da ordem dos quirópteros.

po- pref. Morfema que indica parte do corpo, “braço”.

poa s. Tipo de batata.

pobid s. Banha (pele da barriga).

podo datonkete s. Camisa de manga. Neologismo. Composto. Cf. podo, datonkete.

podoka şuku s. Clavícula. Composto. Cf. podoka, şuku.

podकिन v.tr. Quebrar (geralmente utilizado para coisas longas, como árvore e flecha).
Binin-in katsu **podkin**-a-ş “O Binin quebrou a seta da zarabatana.”
Cf. poskin.

pone s. Traíra. Lat. *Synodus intermedius*.

ponşu adj. Verde de um lado e amarelo do outro, utilizado para frutas.

popes s. Local do lado do fígado e baço.

poskin v.tr. Quebrar (geralmente utilizado para coisas que não são longas, como computador, panela, casco de tartaruga, mesa, ovo). minbi matsu **pos-a-k** “Você quebrou a panela”; inbi şai **pos-e-k** “Eu quebrei o casco da tartaruga.”

poşo s. Tucumã. Lat. *Astrocaryum aculeatum*.

poşto s. Macaco barrigudo. Lat. *Lagothrix lagothricha*. Nome doméstico. Cf. tşuna.

potinkin v.intr. O ato de cutucar algo.

potsikkin v.intr. Cutucar com a mão. Cf. potinkin.

poukeş s. Tipo de pássaro. Lat. *Selenidera reinwardtii*.

powa s. Cará.

pududkakin v.tr. Molhar. we-n ibi **pududka-bo-ş** “A chuva me molhou.”

pudunte s.deriv. Coxa. Cf. takpeş.

puduntebi şuku s. Parte de cima da perna.

pui s. Fezes.

pui kini s. Ânus. Composto. Cf. pui, kini.

pukekin v.intr. Espumar. sabão
puke p-e-k “O sabão está espumando.”

pukinkin adv. Antes, primeiro. inbi **pukin-kin** pão pe-şun dadawa-e-k “Antes de escrever, eu vou comer pão.”

puku s. Barriga. Lucinhu **puku** nowadapa “A barriga do Lucinho é grande.”

pukutuis s. Tipo de pássaro. Lat. *Veniliornis Callonotus*.

pun s. Miolo da árvore. minbi tawad-an **pun** an-şuke-e-k “Você tira o miolo da paxiúba.”

punu¹ s. Cordinha, normalmente utilizada no *mente* (suporte de caça da zarabatana). Cf. opo, katsu, mente, mente udte, tikte, du kuişak, tenke, şapu, tenkete, işbun.

punu² s. 1.Veia. 2. Elástico.

punupunu s. Tipo de coruja. Lat. *Nyctibius griseus*.

pupu s. Coruja. Lat. *Bubo megalbanicus*. pupu imit kuen-e-k “A coruja anda à noite.”

pusa¹ s. Queixada. Lat. *Tayassu pecari*. Nome doméstico. **pusa** widin-pe-e-k “A queixada está crescendo.” Cf. tşawa.

pusa² s. Estômago. **pusan-an** p-en
inbi pe-ama “Eu não comi, estou
ruim do estômago.”

pusakid s. Tipo de peixe. Lat.
Celopsidae.

pusan baktsi s. Tipo de inseto.
Composto. Cf. pusan, baktsi.

pusan budu s. Tipo de planta.
Composto. Cf. pusan, budu.

pusin s. Preguiça real. Lat.
Choloepus. inden matses **pusin**
pe-tene-bonda-ş “Antigamente os
Matis sempre comiam preguiça.”

pusin wisu s. Preguiça. Lat.
Bradupus variegatus. **pusin wisu**
uş-kid “A preguiça sempre
dorme.” Composto. Cf. pusin,
wisu.

puşudkid s.deriv. Ventinho.

samidkin *v.intr.* Guardar uma coisa sobre a outra. nukun datonkete **samid-e-k** “Minhas roupas estão guardadas/ amontoadas.”

samun *s.* Tipo de formiga. Lat. *Eulaema Angolata.*

sandokin *v.intr.* Ajuntar. inbi nukun t̃su **sando-e-k** “Eu ajunto minhas coisas.”

sapa *s.* Paneiro. t̃jidabo-n at̃suwiş-şun **sapa** ʃe-bo-ş “Todas as mulheres fizeram paneiro.”

sadkid tsadek *s.* Lugar de mel. Composto.

sedkekin *adv.* Amanhã. **sedke-aş** i-bid nukun t̃ʃanpi nes-ek nun-uke-e-k “Amanhã minha filha e eu queremos nadar.”

sedkete udama *s.* Madrugada. Composto. Cf. sedkekin, udama.

sedkin *v.intr.* Secar. matsu tanun-in **sed-e-k** “A panela esta secando no sol”.

sekakin *v.tr.* Chutar. Bina-n papi bola **seka-e-k** “O filho do Binan chutou a bola.”

sekapakkin *v.intr.* Espalhar. dadawate **sekap-a-k** “As coisas estão espalhadas.”

sekin¹ *v.tr.* Flechar. Bina-n t̃jawa nidinka-şun **se-bo-ş** “O Binã correu atrás da queixada e a flechou.” nukun papi-n maşaş **se-bo-ş** “Meu sobrinho fechou a pedra.”

sekin² *v.tr.* Trombar, chocar-se. moto-n wapa **se-bonda-ş** “A moto chocou-se com o cachorro.”

sekte *s.* Peneira . **sekte** sukuan-ta “Coloque a peneira aqui!”

sentede *s.* Tipo de pássaro.

sete *s.deriv.* Seta utilizada na zarabatana.

sia *s.* pimenta. nawa **sia** iʃakimo-e-k “Os não-índios saboreiam pimenta”

sibidi *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Capito auratus.*

sidikakin *v.intr.* Derrapar. Rogeru t̃şud-no **sidika-tan-e-k** tunke-aş “O Rogério derrapou no liso e caiu.”

sidikuakin *v.tr.* Cortar em pedaços. Tupa-n piskaden **sidikua-kid** “A Tupa sempre corta o piskaden.”

sikakin *v. tr.* Ato de coar o veneno. inbi pişo **sika-e-k** “Eu vou coar o veneno.”

sinankin *v.tr.* Pensar. ibi nukun papi **sinan-e-k** “Eu penso no meu filho.”

sinkuin s. Banana. minbi **sinkuin** menan-bo-k “Você plantou banana.”

sinkuin podo s. Folha de banana. Composto. Cf. sinkuin, podo.

sinkuin tşamoakid s.deriv. Banana mastigada. Composto. Cf. sinkuin, tşamoakin.

sinkuin tşodkakid s. Mingau de banana. Composto. Cf: sinkuin, tşodkakid.

sipi aşıa s. Tipo de peixe. Lat. *Poeboides affinis*. Composto.

sipin neste s.deriv. Tipo de folha. Composto. Cf. sipin, neste.

sise s. Quati. Lat. *nasua nasua*. Nome do animal de selva. **sise** abad-a-ş “O quati fugiu.”

siwa s. Pium. **siwa-n** nuki atşuwiş tşe-e-k “O pium pica todos nós.”

siwidkin v.intr. Escorregar. papi **siwid-ek** tunke-a-ş “O menino escorregou e caiu.”

sikkin v.tr. Pintar. inbi pite-n **sik-e-k** “Eu pinte com urucum.”

sikuankin v.tr. Colocar. pontador-bid borracha **sikuad-e-k** “A borracha está colocada junto ao apontador.”

sinkakin v.tr. Misturar. leite-bita inbi cafe **sika-a-k** “Eu misturei o leite com o café.”

sinsinkin v.tr. Cortar em pedaços. Dani nami **sinsin-ta** “Dani, corte a carne em pedaços!”

sinu s. Tipo de pássaro.

sobenkin v.intr. Conversar. ibi uş-nu papi-bo **soben-en** uşkid ibi isukun-a-k “Eu queria dormir, mas acordei porque os rapazes conversavam.”

sokin v. tr. O ato de colocar pulseira no braço. Bini-n witsu **so-emen** “O Bini não colocou witsu.”

somekin v.tr. Colocar no pulso. mibi witsu **some-bo-k** “Você colocou a pulseira.”

sotankin¹ v.tr. Vigiar. minbi punkin-kin **sotan-ak** maki tşitşin **sotan-e-k** “Primeiro você fica vigiando, depois Maki vai viajar.”

sotankin² v.tr. Esperar. uku muduk-şun-da inbi **sotan-ek** umano-şun **sotan** “Eu espero dentro ou fora?”

sudkakin¹ v.tr. Beber caldo com a mão. inbi nuşan **sudka-e-k** “Eu vou beber um pouco de caldo.”

sudkakin² v.tr. Chupar alguma parte do corpo. bişu-n da-**sutka-kid** “O Bişu sempre chupa o corpo para pajelança.”

sudkekin³ *v.intr.* Chupar. Buşu
sudke-a-ş “Buşu chupou (para
 curar)”

sukkin *v.tr.* Amassar. manad **sudka**-
 a-ş “Ela amassou a farinha.”

sukadkin *v.tran.* Deitar em uma
 superfície. Iba **sukad**-ek uş-a-ş “O
 Iba dormiu deitado no chão.”

sukuadkin *v.intr.* Deitar em algo
 plano. inbi uka **sukuad-an**-pe-e-
 k “Eu estava deitado enjoado
 antes de comer.

sukudkin *v.intr.* Enjoar. binin uk-
 ak **sukud**-pe-e-k “O Binin está
 enjoado.”

şadkin *v. intr.* Bocejar. ibi şad-e-k
“Eu estou bocejando.”

şana *s.* Tipo de pássaro (cigana).
Lat. *Opisthocomus hoazin*.

şe *adj.* Vazio. waka şe-tap ik-bonda-ş
“O rio estava vazio.”

şedkekin *v.intr.* Vazar. we papitsik-
tap tşike-aş waka şedke-a-ş
“Quando chove pouco o rio vaza.”

şekin *v. tr.* Fazer. nukun tşitşî-n witun
şe-bo-ş “Minha avó fez pulseira.”

şekkin *v. tr.* Amolar, afiar. minbi dui
şek-ta “Você, amole a faca!”

şekadakin *v.intr.* Esfoliar-se. papi
bakuî tunke-ek şekada-a-ş “O
nenê caiu e esfolou-se.”

şekedekekin *v.intr.* Murchar. wiwa
şekedeke-e-k “A flor murcha”.

şekid *s.* Cortador, amolador. Cf.
şekin.

şemakin *v.intr.* Ter sede. nuki
şema-e-k “Nós estamos com
sede.”

şefşbi *s.* Chefe, pessoa que manda.
Empréstimo.

şidkin *v.tr.* Farejar. wapa-n şid-e-k
“O cachorro está cheirando.”

şikkin *v. tr.* Lavar. Binin-în awîn
datonkete şik-bo-ş “O Binin lavou
sua roupa.”

şin *adj.* Amarelo.

şişakete *s.* Pêlo peitoral.

şudun *s.* Tucandeira. Lat. *Paraponera*
clavata. şudun-în ibi tik-a-ş “A
tucandeira me ferrou.”

şudun kudu *s.* Tipo de formiga.
Composto. Cf. şudun, kudu.

şui *s.* Jacú. Lat. *Penelope jacquacu*.
Nome doméstico

-ş *suf.* Marcador de terceira pessoa do sujeito no tempo passado. piikun-in dabidpa-şun pisi tje-a-ş. "Os dois urubus comeram lixo."

şabenin *s.* Vão. tai **şabenin** *s.* O vão entre os dedos do pé.

şabed *s.* Virilha de homem. Cf. nunkin.

şabidtap *adj.* Macio.

şada *s.* Vespa (regionalismo - caba).

şadakte *s.* Folhas enroladas como cordas e colocadas nos pés utilizadas para para subir em troncos. Binin-in **şadakte** dawan-e-k "O binin utiliza as folhas enroladas como cordas para subir nas árvores."

şada tşipi *s.* Tipo de abelha. Lat. *Apis mellifera*. Composto.

şadi *s.* Órfã. Cf. mena.

şai *s.* Tamanduá **şai**-dapa-n tşami akwid-bonda-k "O tamanduá quase matou o tşami."

şaka *adj.* Leve. nikid tşu **şaka**-dap "Aquelas coisas são leves."

şakankekin *v.intr.* Cansar. mibi abad-aş **şakanke**-e-k "Você está cansado porque correu."

şakete *s.* Pêlo, penugem. kuenad **şakete** "Pena de arara."

şana *s.* Tipo de corvo. Lat. *Nycticorax nycticorax*.

şanadap *adj.* Seco, utilizado para planta. iwi şanadap "Árvore seca."

şanakekin *v. intr.* Arrostar. tşanpi bakui **şanak**-a-ş "A neném arroto."

şanu *s.* Cunhada mais velha. min **şanu** di mek-bo-ş "Tua cunhada teceu a rede."

şapeş *s.* Tipo de envira. **şapeş** tşin-e-k "Tirar as tiras" .

şapu *s.* Algodão utilizado para confecção de bolsas e como parte do mente (suporte de caça da zarabatana). **şapu** opo nawedek-e-k "O algodão está dentro da bolsinha." Cf. opo, katsu, mente, mente udte, tikte, du kuişak, tenke, punu, tenkete, işbun.

şaşakete *s.* Pêlo pubiano.

şatokekin *v.intr.* Ficar preso na forquilha. tşuna **şatoke**-a-ş "O macaco ficou preso na forquilha."

şatsi *s.* Tipo de capim.

şawi *s.* Jabuti. Lat. *Geochelone denticulata*. **şawi** bişkatsik kapo-e-k "O jabuti anda devagar."

şiaşkekid *s.* Tipo de inseto. Lat. *Fulgoridae*.

şibindau s. Tipo de peixe. Lat. *Anostomidae: Leporinus Arcus*.

şibedankin v. tr. Abrir.

şibumidkin v.intr. Enrolar-se no chão. tşod-an dunu şibumid-e-k “A cobra está enrolada no chão.”

şidkin v. tr. Cheirar. minbi iwiwa şid-e-k “Você cheirou a flor.”

şikid kapid wasa s. Tipo de lagarto. Lat. *Ameiva ameiva*. Composto.

şikidkakin v.tr. Coçar. Rogeru-n ibi ka-şikidka-e-k “O Rogério me coça.”

şikidkekin v.intr. Coçar. rogerio ka-şikidke-e-k “O Rogério se coça.”

şikpukakid s. Jogo de flecha. tawa şikpukakid dabıdpa “Dois jogos de flechas.”

şikui¹ s. Tipo de porta utilizada para impedir a passagem para a parte interna da casa comunal.

şikui² s. O vão de entrada (qualquer passagem que dê acesso a outro ambiente.) wapa şikui-mano duk-e-k “O cachorro deita no meio da passagem de entrada.”

şikuibitaşkin v.intr. Fechar (utilizado para impedir a entrada na casa comunal). Maki şikuibitaş-ta “Maki, feche a porta!” Composto. Cf. şikui, bitaşkin.

şikui bitaşte s. deriv. Porta. ibi şikui bitaşte-n tud-e-k “Eu encosto na porta.” Composto. Cf. şikui¹, bitaşkin.

şini¹ adj. Velho. tidinte şini-dapa bida kimo “A zarabatana velha é que é boa.” Cf. paşa.

şini² adj. Gordo. Pessoa ou animal que possui bastante banha.

şinio adj. Gordo. Cf. kasi.

şinumidkin v.intr. Enrolar-se.

şişı s. Tipo de ave. Lat. *Orthopsittaca manilata*.

şita s. Dente. tşidabo tşuna şita dadenpa ke-e-k “A mulher quer muito o dente de macaco.”

şita sote s. Bracadeira de dente utilizada no antebraço. Bina-n şita sote opod-a-ş “Roubaram a pulseira de dente do Bina.” Composto. Cf. şita , sokin.

şita şunu s. Peixe cachorro. Lat. *Cynopatus amazonus*. Composto. Cf. şita, şunu.

şita tiute s. A forma de colocar o colar no pescoço. Composto. Cf. şita, tiukin.

şodko s. Machado. **şodko** inbi ŷeke-e-k “Eu amolo o machado.”

şodkodo s. Folha enrolada para coar o veneno. **şodkodo** tuska-ta " Prenda a folha enrolada".

şodkokin s. Bolha feita por queimadura. ibi ta-şodko-bo “Eu tinha bolha no pé.” mi-şotko-a-k mibi “Tenho bolha na mão.”

şoke s. Tipo de aranha. Lat. *Arachanide cupiennius*.

şoko s. Curiango. Lat. *Nyctidromus albicollis*.

şomedkin v.intr. Afundar. ibi şomed-a-k “Eu me afundei na água.” inbi binin şomed-me-a-k “Eu afundei o Binin.”

şonkodokin v.intr. Envergar. nukun tawa şonkodo-pe-a-ş “Minha flecha está envergada.”

şonti s. Garrafa de vidro. Cf. kuamak, şonti.

şontşod s. Tipo de pássaro Lat. *Trogon melanurus*.

şontşod wasa s. Tipo de pássaro Lat. *Trogon violaceus*. Composto. Cf. şontşod, wasa.

şoşkekin v.intr. Falar sussurando. **şoşke**-ek onke-emen ibi buid onk-e-k “Eu não falo baixo, falo alto.”

şu adj. Maduro. sinkuin şu “Banana madura.” Cf. pide.

şubu s. Casa comunal. **şubu** kuka-a-ş “A casa queimou.”

şududkekin v.intr. Gotejar. nukun waka şududke-e-k “Está gotejando.”

şui s. Pênis.

şui ponişte s. Cordinha de amarrar o pênis. Composto. Cf. şui, ponişte.

şuia s. Rato. Lat. *Nectomys apicalis*.

şuia kataşte s. Ratoeira. Composto. Cf. şuia, kataşkin. Neologismo.

şuia kudu s. Calango. Lat. *Musmusculus*. Composto. Cf. şuia, kudu.

şuia pid s. Ratazana, rato do mato. Lat. *Oecomys bicolor*. Composto. Cf. şui, pid.

şuibin s. Tipo de vespa. Lat. *Polestinae*.

şuidkekin v. intr. Assobiar. ibi şuidke-e-k “Eu assobio.”

şuinek s. Pedaco de barro que se coloca na parte posterior da seta da zarabatana para fazer o contra-balanço. Cf. bidinek.

şudunkin v.tr. Coar. inbi uma şudun-a-k “Eu coei a caiçuma.”

şukakin v.tr.. Descascar. inbi wanin şuka-a-k. “Eu descasquei a pupunha”.

şuke.s. Corredeira.

şukekin v. intr. Descascar. sinkuin şuke-e-k “A banana se descascou”

şukekid s. Ventilador. Neologismo. Cf. şukekin.

şuku s. Músculo.

şuma s. Seio. tşanpi bakui-n şuma tşij-e-k “A neném mama no peito. (Lit. “A neném chupa o peito”) .

şuma ini s. Leite materno. Cf. şuma, ini.

-şun¹ suf. Morfema de concordância de transitividade. Tumi-n mai-n-şun mi-n papi bed-a-ş “Teu filho nasceu na roça do Tumi.”

-şun² suf. Morfema verbal benefactivo. inbi mibi kodoka-şun-nu “Eu quero cozinhar para você.”

-şun³ suf. Morfema do sistema de *switch-reference*. Indica que o argumento da oração matriz é um argumento A em sentenças do tipo sequencial. inbi pe-şun mai did-e-k “Eu derrubo a roça depois que comer.”

şunteşak s. Tipo de formiga.

şunu adj. Alto. nukun papi şunu-dap min papi tuku-dap. “Meu filho é alto e o teu é baixo.” Cf. tuku

şutan s. Tipo de aranha. Lat. *Arachnidae: theraphosidae*.

T

-ta¹ *suf.* Morfema imperativo afirmativo. Bini nami bi-**ta**. “Bini, traga a carne!”

ta² *part.* Incerteza.

tabodekin *v.intr.* Estar aceso. mamu **tabode-e-k** “A lamparina já está acesa.”

tabokin *v.tr.* Acender. inbi mamu **tabo-e-k** “Eu estou acendendo a lamparina.”

taï *s.* Pé. nukun **taï** noa-dap “Meu pé é grande”

taï ana *s.* Parte de baixo do pé. Composto. Cf. taï, ana.

taï buşbi *s.* Os três dedos entre o dedão e o dedinho. Composto.

taï titun *s.* Tornozelo.

taï tsituku *s.* Calcanhar. Composto. Cf. taï, tsituku.

taïmi *adv.* Rio abaixo. ibi **taïmi** kuanek “Eu desço o rio.” Cf. şedkek.

tak *adv.* Embaixo. Cf. abuk.

takada *s.* Galo, galinha. **takada-dapa dada-buntak-akid-an ak-bonda-ş** “Foi a galinha que o gato-maracajá matou.”

takadia *s.* Sanguessuga. Lat. *Turbellaria*.

takkin *v. intr.* O ato de estalar com a língua.

takpan *s.* Tipo de palmeira.

takpan nokoşkate *s.* Ralador. Composto. Cf. takpan, nokoşkakin.

takpan şubu *s.* Casa suspensa. Tipo de habitação utilizada pelos Matis, igual a dos ribeirinhos. Composto. Cf. takpan, şubu.

takpeş *s.* 1. Bochecha. 2. Parte posterior da coxa.

takua *s.* Fígado. boi **takua** işakimo “O fígado de boi é gostoso.”

-tan *suf.* Morfema de movimento. Ir em direção a algo. mikui tşatşa bed-**tan**-ta “Peguem o buriti!”

tanawakin *v.tr.* Saber. kiko **tanawa-e-k** nukin onkete “O Kiko sabe nossa língua.”

tanawademenpa *adj.* Difícil, complexo.

tanawamekin *v.tr.* Saber, ensinar. dadamekid ibi **tanawame-e-k** “O professor me ensina.”

tanekin¹ *v. tr.* Amarrar. Tumi-n unkin **tane-a-ş** “O Tumi amarrou os pés do caitetu.”

tanekin² *v.intr.* Enrolar-se. abuk dunu iwi-n **tane-ad-bo-ş** “A cobra se enrolou na árvore.” Cf. şinumidkin.

tankin *v. tr.* Experimentar. şapu minbi bolo **tan**-a “şapu, você experimentou o bolo?”

tanpeş *s.* Bochecha.

tantis *s.* Unha do dedo do pé.

tantsadkin *v.intr.* Ficar de cócoras. dada **tantsad**-e-k tşidabo tsituke-e-k “Os homens se agacham e as mulheres sentam no chão de pernas cruzadas.”

tanun *s.* Sol. **tanu** itisi-tap “O sol está quente.”

tanun buid *adv.* Depois do meio dia, perto da tardinha. **tanun buid** pidke-e-k “O sol está muito quente.” Composto. Cf. tanun, buid.

tanun papitsik *adv.* Tardinha. Composto. Cf. tanu, papitsik.

tanun budek *adv.* Quando o sol começa a descer. Composto. Cf. tanu, budkin.

tanun sinkianek *adv.* Depois do meio dia. Composto.

-tapa *suf.* Morfema enfático, varia com *-dapa*. wesnid-**tapa**-n ibi tşui-a-ş “O mutum conversou comigo.” (história sobre o mutum). Cf. -dapa.

tapi *s.* Vaga-lume. Lat. *Pyrophorus*.

tapun *s.* Raiz.

taşadkin *v. tr.* Lamber. wapa mi-**taşad**-e-k “O cachorro lambeu a mão”.

taşkakin *v.intr.* Apontar para alguém ou para algum lugar com os lábios ou com alguma coisa.

taşkeo *adj.* Dobrado.

taşkin *v.tr.* O ato de colocar o dedo ou um pedaço de algo dentro da sopa ou em outro líquido para comer ou experimentar. inbi şini **taş**-e-k “Eu experimento o caldo.”

taşkudukekin *v.intr.* Fazer bagunça. şuia **taşkuduke**-a-ş “O rato fez bagunça.”

taşuku *s.* Osso da perna.

tatonkete *s.* Meia, tênis, sapato. Neologismo.

tatşedka- *v. tr.* O ato de desfiar. tşidabo-n şapeş **tatşedka**-bo-ş “A mulher desfiou a envira.”

tatşji *s.* Tipo de bebida feito de cipó

tawa¹ *s.* Taboca. Kuini-n nimuduk **tawa** bed-a-ş “Kuini foi buscar taboca lá longe.”

tawa² *s.* Flecha. inbi **tawa** şe-kid “Eu sempre faço flecha.”

tawad *s.* Paxiúba. Lat. *Socratea exorrhiza* **tawad** pos-e-k “Rachar a paxiúba.”

tawatsas s. Tipo de peixe. Lat. *Acestorhynchidae*.

tawatsas wasa s. Peixe de cor mais clara. Lat. *Acestorhynchidae*. Composto. Cf. tawatsas, wasa.

tawi datonkete s. Calça comprida. Neologismo. Composto. Cf. tawi, da-, tonkekin.

-te *suf.* Nominalizador com função de instrumento. Binan şunu-n nun-**te** ŷe-a-ş“O Bina şunu fez canoa.”

tedbikin *v.tran.* Encerrar. Cf. wesadkin.

tekakin *v.tr.* Apertar algo.

tekin *v.tr.* Cortar em um só golpe. minbi ibi mi-**te**-a-k “Você cortou minha mão.”

tekodoş s. Tipo de pássaro. Lat. *Monasa morphoteus*.

tekon s. Medida. mesa ni **tekon** “Da mesa até aqui.”

tekte s. Serrote. minbi iwi **tete**-n te-e-k “Você serra com serrote”.

ten *pos.* Tão grande quanto, do mesmo tamanho que.

-tene *suf.* Habitual passado. Damı manakukid dabıtpa ik-**tene**-bonda-ş “O Damı sempre tinha dois mananukid”.

tenke¹ s. Todo o suporte do material (setas, algodão, bolsinha, material de fazer fogo e outros) utilizado para caçar com zarabatana. Cf. mente udte, tikte, du kuişak, opo, şapu, punu, tenkedete, işbun katsu.

tenke² s. A parte de bambu do suporte do material de caça da zarabatana. (ver anexo, no. 4). Cf. mente, udte, tikte, du kuişak, opo, şapu, punu, tenkedete, işbun katsu.

tenkedete s. Correia do tenguê. (ver anexo, no. 1). Cf. mente udte, tikte, du kuişak, opo, şapu, punu, tenkedete, işbun katsu.

ted *pos.* Tantos quantos. Tumi-n ikek Maki-n ikek Kanika-n ikek ke-şun abi **ted**-bi-şun awat tonka-a-ş “O Tumi, o Maki e o Kanika, tantos quantos, atiraram na anta.”

tikidinkin *v.intr.* Girar.

tinkin *v.* Cutucar. Rogeru-n ibi po-**tin**-e-k “O Rogério me cutuca.”

tinpa pii s. Tipo de folha.

tismapuk s. Tipo de poeira proveniente da cinza .

tijkin *v.tr.* Quebrar um ovo. inbi takada tu **tij**-e-k “Quebrei o ovo de galinha.”

tişankid s. Mosca.

tita s. Mãe. nukun **tita** Tabatinga-no kuan-bo-ş “Minha mãe viajou para Tabatinga.”

tidkin v.intr. Cortar superficialmente. mibi ti-**tid**-a-k “Você cortou a mão.”

tidi s. Tipo de árvore que fica em lugares alagados.

tidinkin v. tr. Segurar. papi-n tidinte **tidin**-pe-e-k “O rapaz está segurando a zarabatana.”

tidinte s. Zarabatana. dadasibo-bo-n **tidinte**-n tanawa-ek kapo-e-k “Os velhos sabem caçar com zarabatana.”

tidinte dişan s. Parte final da zarabatana.

tidinte iķşak s. Bocal da zarabatana. Cf. tidinte, iķşak.

tikidkin v.tr. O ato de passar alguma pasta em alguém. Tuma minbi Tumi bi-**tikid** kata “Tuma, passe pomada na testa do Tumi.”

tikankin v.tr. Esticar a corda.

tikte s. A seta da zarabatana mais grossa, utilizada para caçar animais grandes. Cf. opo, katsu, mente, mente udte, du kuişak, tenke, şapu, punu, tenkete, işbun, tikkin.

tikupa s. Espécie de puraquê. Lat. *Typhonectes*.

tiņişkin v.tr. O ato de pegar com armadilha. inbi şuia **tiņiş**-bo-ş “Eu peguei o rato com armadilha.”

tinankin v. Apagar.

tiiumekin v.tran. O ato de fazer colocar o colar no pescoço.

tipada s. Tipo de planta.

tipuş s. Tipo de peixe. Lat. *Erythinus*.

tios s. Pomo-de-adão.

tiskin v.tr. Arrebentar a corda.

tisekin v. Cortar palha de palmeira.

tisku s. Tambuatá . Lat. *Callichthys callichthys*.

tişedkin s. Cortar cabelo. matişete-n ibi ma-**tişed**-e-k “Eu cortei o cabelo com a tesoura.”

tişi s. Resto de comida sólida.

tişkin adv. Um do lado do outro. tşanpi-bo **tişkin**-kin bidike-e-k “As meninas estão sentadas uma do lado da outra.”

tişodo s. Ombro.

tişpan s. Pouco abaixo do pescoço.

titun s. Pescoço.

tıtun kaşku s. Nuca. Composto. Cf. tıtun, kaşku.

tıtşinek s. Queimadura feita no braço para passar o kapu (veneno de sapo).

tıunkin v.intr. Colocar o colar no pescoço. ibi tıun-e-k “Coloco o colar.”

tıwişkin v. tr. Beliscar. inbi mibi tıwiş-e-k “Eu belisco você.”

-to suf. Morfema de deslocamento. tşawa pe-do-tan-ne-aş ibi uş-to-bo-k “Eu fui dormir, depois que terminei de comer queixada .”

toaska wasa s. Tipo de pássaro. Lat. *Celeus flavus*. Composto.

toaşke s. Cazulo.

toaşkekin v. intr. Romper. takada bakui toşke-a-ş “O pinto nasceu.”

toda s. Tipo de sapo que vive em árvore. Lat. *Hyla boans*.

todon s. Tipo de pica-pau. Lat. *Campephilus melanoleucos*.

todoşodo s. Tipo de sapo. Lat. *Bufo Margaritifer*.

todotodo s. Tipo de pica-pau. Lat. *Plegadis chili*.

toek s. A maneira como o colar está colocado no corpo do Matis.

toej s. 1.Tipo de pássaro. Lat. *Pionopsitta barrabandi*. 2. Outro tipo de pássaro. Lat. *Pionus t. tumultuasus*.

-toko, -doko suf. Pluralizador verbal. papi-bo-n suco ak-toko-e-k “Os meninos bebem o suco.”

tonkakin v.tr. Matar com arma de fogo. tşawa Maki Grifo-n tonka-bo-ş “O Maki Grifo matou a queixada.”

tonkate s. Espingarda. Funai-n tonkate ibi mene-a-ş “A Funai comprou espingarda para mim.”

tonkate işi s. Cartucho. şapu-n tonkate işi abi ibi bama “O şapu tem cartucho, mas eu não tenho.” Composto. Neologismo. Cf. tonkakin, işi.

tonkekin v.intr. Vestir. ibi tsi-tonke-a-k “Eu vesti o calção.”

tonkodo s. Pássaro de bico torto. Lat. *Dendrocinda tyrannina*.

tonpi s. Lagarta.

tospidin s. Tipo de cobra.

tospidon s. Tipo de peixe. Lat. *Spilotes pullatus*.

toşkekin v.intr. Torcer o pé. mibi ta-toşke-a-k “Você torceu o pé.”

toşokkin v. intr. Tossir. ibi toşok-e-k “Eu estou tossindo.”

tote s. Carregador de bebê.

towaska s. Tipo de pica pau.

tʃiʃkad s. Boto. Lat. *Sotalia fluviatilis*.

tu s. Ovo. wesnid-in **tu** “Ovo de mutum.”; biʃono-n **tu** “Ovo de jibóia.”

tubankin v.tr. Torrar. Binan-bitan Tumi-n maʃi **tuban**-a-ʃ “O Tumi com o Bina torraram a farinha.”

tubante s. Forno. inden Mario-n nuki **tubante** mene-bonda-ʃ “Há um tempo, Mário comprou um forno para nós.” Cf. tubankin.

tudkin v.tr. Encostar. ibi ʃikuibitaʃte-n **tud**-e-k “Eu encosto na porta.”; ibi iwi **tud**-e-k “Eu encosto na árvore.”

tudemen adv. Rápido. lancha **tudemen** kuan-e-k “A lancha passou rápido.”; tudemen tʃo-ta “Vem logo!” Cf. biʃkadtsik.

tududu s. Tipo de sapo. Lat. *Bufo glaberrimus*. Onomatopéia.

tuinkin v. tr. Remar (agitar). ibi nunte **tuin**-e-k “Eu estou remando a canoa.”

tuku adj. Baixo. awad **tuku** “A anta é pequena (baixa).” Cf. ʃunu.

tukudun s. Borboleta. Insetos lepidópteros da subordem dos ropalóceros. **tukudun** dadenpa

abi “Lá longe há muita borboleta.”

tunkakin v.tr. Fazer escorregar, derrapar, cair (estando no chão). Binin-in ʃapu **tunk**-a-ʃ “O Binin derrubou o ʃapu.”

tunkekin v.intr. Escorregar, derrapar, cair (estando no chão). Rogeru tʃudno sidika-tan-e-k **tunke**-a-ʃ “O Rogério derrapou no liso e caiu.”

tupid s. Gema. **tupid**-tapa iʃakimo “A gema é gostosa.” Composto. Cf. tu, pid.

tuskakin v.intr. Furar. inbi mibi pa-**tuska**-e-k “Eu furei você.”

tuusunek s. Ovo choco. Composto. Cf. tu, usunkin.

tsadbudek *adv.* Tempo em que a mulher está menstruada.

tsadbudkin *v.intr.* 1. Sentar. *ibi tsadbud-e-k* “Eu me sentei.” 2. Agachar. *tsabud-ta* “Agache!”

tsadi *s.* Milho. Vitória-n **tsadi** *an-pitʃika-bo-ʃ* “A Vitória queimou a pipoca.”

tsadi matʃi *s.* Fubá (Lit. farinha de milho.) Composto. Cf. *tsadi, matʃi*.

tsadi tsibid *s.* Canjica Composto. Cf. *tsadi, tsibid*.

tsadis tsintsin *s.* Tipo de esquilo. Lat. *Micoureus flaviventer*.

tsadkin *v.intr.* Sentar. *mibi tsate tsad-e-k* “Você senta no banco.”

tsadte *s.* 1. Cadeira. 2. Mesa. 3. Banco. 1. *inbi tsate ʃe-bo-ʃ* “Eu fiz a cadeira” 2. *ʃoke tsate-n tak-nid-e-k* “A aranha está embaixo da mesa.”

tsadto *adv.* Do outro lado do rio. *ibi nun-e-k tsadto* “Eu nado até o outro lado do rio.”

tsaenkin *v. intr.* Delirar (muita febre) *papi tsaen-a-ʃ* “O menino delirou”.

tsaetsaenwankin *v.intr.* Sentir tontura (a vista rodando). *ibi tsaenwan-nu ka-an-pe-e-k* “Eu sinto tontura.” Reduplicação.

tsaku *s.* Urana (tipo de pássaro)”.

tsama *s.* Macaco de cheiro. Lat. *Saimiri sciureus*. *ibi tsama ak-a-k* “Eu matei um macaco de cheiro.”

tsanu *s.* Colher, concha pequena.

tsaun *part.* Partícula dubitativa. Não sei.

tsawes *s.* Tipo de tatu. Lat. *Dasyus novemcinctus*. **tsawes ukumuduk ed-a-ʃ** “O Tatu entrou no buraco.”

tsawespa *s.* Tatu gigante. Lat. *Priodontes didactylus*.

tsekin *v.tr.* Atar ou amarrar, utilizado para rede. *ikibi tse-ta di* “Ate a rede para cá!”

-tsen *suf.* Morfema que funciona como aspecto inconcluso frustrativo. Afeta o sujeito da transitiva e o da intransitiva. *inbi-bin Lucinho tʃuʃka-tsen-a-k* “Se fosse eu, tinha brigado com o Lucinho.”

tsi- *prep.* Morfema de parte do corpo que indica ‘nádegas’.

tsiben *s.* Útero.

tsibid *s.* Mingau de milho (fubá).

tsikkin *v.tr.* Coçar.

tsikuantan *s.* Tipo de caracol.

tsinkin *v.intr.* Forma de plantar. Bina-n atsa **tsin-e-k** “O Bina plantou mandioca”.

tsipiskin *v.intr.* Gases intestinais. şapu tsipis-e-k “O şapu está peidando.”

tsipis pisabadkin *v.intr.* Feder. tsipis pisabadek “Está fedendo!” Composto. Cf. tsipiskin, pisabadkin.

tsipiskid *adj.* Aquele que peida.

tsipuis *s.* Intestino.

tsitika *s.* Nome do ritual com as meninas.

tsitonkete *s.* Roupa, calção. min awin ibi **tsitonkete** bed-boş “Tua esposa me deu um calção.” Cf. tsi-, tonkekin.

tsitukekin *v.intr.* Sentar com a perna cruzada. **tsituke-ek** tsad-ta “Senta com a perna cruzada!”

tsiwişki *s.* Parte entre as nádegas.

-tsik *suf.* Morfema que indica restritivo, diminutivo. tşanpi bida-**tsik** “A menina é bonitinha”; bakui papi-**tsik** “bebezinho/pequenino”

tsikudkin *v.intr.* Soluçar. ibi **tsikud-e-k** “Eu soluço.”

tsipud *s.* Tipo de tamanduá. Lat. *Cyclopes didactylus*.

tsu- *pron.* Pronome interrogativo “Quem”. **tsu-n-tsi** datonkete mibi bed-şun-a ş “Quem comprou camisa para você?”

tsukakin *v.* Chupar, beijar. bakui-n şuma **tsuka-e-k** “O neném chupa o peito da mãe.” Cf. tşişkin.

tsunsin *s.* Espírito. **tsunsin** nimuduk tşo-bo-ş “O espírito veio de longe.”

tja s. Piolho. Lat. *Pediculus humanus*.
tja dadenpa “Muito piolho.”

tjadkin v. intr. Bocejar.

-tjakan suf. Morfema inconcluso.
Afeta o objeto. ibi wapa-n pe-
tjakan-a-ş “O cachorro quase me
mordeu.”

tjakadkin v. intr. Cansar. mai did-a-
ş ibi tjakad-ek duke-e-k “Eu
derrubei a roça, estou cansado e
vou dormir.”

tjapa s. Termo genérico utilizado
para ‘peixe’. minbi tjapa nowa-
dapa anwindan-e-k “Você pesca
um peixe grande.”

tjapa inapid s. Tipo de peixe. Lat.
Chalceus. Composto. Cf. tjapa,
ina, pid.

tjapa kawis s. Tipo de peixe. Lat.
Aphyocharax.

tjapa sete s. Bico para pegar peixe.
Composto Cf. tjapa, sekin

tjapa sidik s. Tipo de peixe Lat.
Anostomidae: Leporinus
Trifasciatus.

tjapa tşaşkid s. Pássaro pescador.
Lat. *Chloroceryle*. tjapa tşaşkid-
an tjapa tşaş-e-k Composto. Cf.
tjapa, tşaşkin, -kid.

tjan s. Lago. nuki tjan-in anud-ek
kuan-e-k “Nós vamos pescar no
lago.”

tjanin s. Carrapato. Lat. *Meliaceae*.

tjanpi s. Menina, moça, mulher.
Palavra utilizada pelas mulheres
para se referirem umas às outras.
Os homens referem-se às
mulheres como ‘tjidabo’.

tjapanowa s. Tipo de peixe. Lat.
Brycon Amazonicus

tjaşkin v. tr. Pegar. O ato de pescar
ou pegar, feito pelo pássaro
pescador. tjapa tşaşkid-an tjapa
tjaş-e-k (ou bed-e-k) “O pássaro
pescador pegou o peixe.”

tjawa s. Queixada, bando de
queixada. Lat. *Tayassu pecari*.
tjawa-n wapa ak-bo-ş “A
queixada matou o cachorro.”

tjawa tşuikid s. Louva-a-deus. Lat.
Mautidis (mautodea). Composto.
Cf. tjawa, tşuikin.

tjeka s. 1. Tipo de gambá. Lat.
Caluromys lanatus. 2. Outro tipo
de gambá. Lat. *Didelphis
marspialis*.

tjeka tşimu s. Tipo de mucura. Lat.
Philander mcilhennyi. Composto.
Cf. tjeka, tşimu.

tjekedekakin v. intr. O ato de
misturar pequenas coisas
espalhadas.

tjekin *v. tr.* Engolir (comer coisas não mastigáveis).

tjete¹ *s.* Garganta.

tjete² *s.* Remédio. Tuma **tjete** tje-ta “Tuma, engula o remédio.” Cf. neste.

tjedkekin *v. tr.* Rasgar. mena-n awin datonkete **tjedke**-a-ş “O Mená rasgou a roupa dele mesmo”

tjia *s.* Menina pequena. Utilizado como vocativo quando a criança está na fase de aprender a andar.

tjia şini *s.* Refere-se a uma mulher mais velha que o(a) outro(a). Composto. Cf. tjia, şini.

tjiapantu *s.* Acne (espinha).

tjibi *s.* 1. Irmã menor. 2. Prima paralela menor (filha do irmão ou primo paralelo do pai, ou filha da irmã ou prima paralela da mãe). 3. Neta da irmã ou prima paralela que é menor. 4. Bisneta menor do homem. Nota: em todos os sentidos, o ego é mais velho que a parente.

tjidabo *s.* Mulher. Palavra utilizada como termo genérico para o sexo feminino.

tjididiş *s.* Tipo de pássaro.

tjididike- *s.* Vazar. şubu **tjididike**-e-k “Está vazando na casa.”

tjido *s.* Tipo de pássaro Lat. *Ramphastos ambiguus*.

tjişid *s.* Cordinha de amarrar o pênis.

tjikeşkin *v. intr.* Ser preguiçoso. ibi **tjikeş**-e-k “Estou com preguiça.”

tjiki *s.* Tipo de gavião Lat. *Chauna torquata*.

tjiki takaş *s.* Tipo de águia Lat. *Harpia Harpya*.

tjiki tjimu *s.* Urubu Lat. *Coragyps atratus*.

tjikkin *v. tr.* Tirar. tjanpi-n epa **tjik**-bo-ş “A menina tirou palha.”

tjikid *s.* Gavião. Lat. *Harpia Harpiya*.

tjikon *s.* Tipo de palha.

tjişkak *s.* Boto-vermelho. Lat. *Inia geoffrensis*.

tjima *s.* Macaco prego. Lat. *Cebus apella*. Dami-n **tjima** tik-bo-ş “Dami matou o macaco prego com zarabatana.”

tjimokin *v. intr.* Dor. maşo **tjimo**-wa pe-en ibi uş-bo-k “Eu dormi, porque minha cabeça estava doendo.”

tjimota *voc.* Ordem. **tjimota** ibi tjo-wa-e-k “Espere! Eu volto.”

tjimu *adj.* Amargo, azedo, salgado.
tjiete **tjimu**-dap “O remédio é amargo.”
Cf. bata.

tjimışkin- *v. tr.* Arrancar. ĩnbi atsa
tjimış-e-k “Eu arranco a
mandioca”.

tjinkin *v.tr.* Torcer. Rogeru-n
daukute **tjin**-e-k “Rogério torce a
toalha.”

tjipi *s.* Mutuca. Lat. *Gymnothorax
funebri*. ĩnbi kimo **tjipi** dadenpa
abi “Agora tem muita mutuca.”

tjipidiş *s.* Calda enrolada. unkin
tjipidiş “Calda de porco.”

tjismapuk *s.* Cinza (resto de
madeira queimada).

tjįkan *s.* Tipo de cuco Lat. *Piaya
minuta*

tjįkin *v. tr.* Chupar. tjįnpi bakui-n
şuma **tjį**-e-k “A neném chupa o
peito.”; Bişun **tjį**-e-k “o Bişun
chupa para curar.” Cf. tsukakin.

tjįşo *s.* Quadril.

tjįşon kodon *s.* Tipo de formiga.
Lat. *Formicidae, Pachycondyla
villosa*.

tjįşuku *s.* Nádegas.

tjįtį *s.* 1. Avó materna. 2. Tia avó
(irmã ou prima paralela da avó
materna).

tjįtįiko *s.* Tipo de caracol pequeno.

tjįtįin *adv.* Depois. mibid Gabrieu
pukin-midek uş-an ibi **tjįtįin** uş-e-
k “O Gabriel e você dormem
primeiro, depois eu vou dormir.”

tjįtįinanowiş *s.* Tipo de peixe. Lat.
itelogenos marmoratus.

tjįtįşo *s.* Tipo de fruta.

tjįwişpo *s.* Ílio.

tjįwi *s.* Cicatriz. Antoniu-n **tjįwi** is-
ama-pa kuan-bo-ş papi

tjįdodokakin *v. tr.* 1. Corredeira.
2. Derramar. 3. Entornar. waka
tjįdodoke-e-k “A água está
correndo.”

tjįdkekin *v.tr.* Beber mingau. sinkuin
tjįotka-e-k “Bebendo mingau de
banana.”

tjįokin *v.intr.* Vir. ĩşo-n tu epapa-e
ibi **tjį**-wa-e-k “Só depois de um
ano eu retornarei.”

ṭsa s. Voz.

ṭsabamin s. Inseto da terra. Lat. *Gryllotalpidae*.

ṭsadbud adv. Fim de tarde.
ṭsadbud ibi ṭfo-e-k “Eu venho à tarde.”

ṭsaşkun s. Saracura. Lat. *Aramides ascillaris*.

ṭsaşu s. Veado. Lat. *Mazana americana*. **ṭsaşu** nami bida kimo “A carne de veado é muito boa.”

ṭsaşu kudu s. Veado pardo. Lat. *Mazama gouazoupira*. nawa-n **ṭsaşu kudu** tonka-bonda-ş “O não-índio matou o veado pardo.” Composto. Cf. ṭsaşu, kudu.

ṭsaşu pais s. Chifre de veado. Composto. Cf. ṭsaşu, pais.

ṭsaído s. Avó (a mãe do pai). nukun **ṭsaído** nan-bonda-ş “Minha avó faleceu faz tempo.”

ṭsaka s. Vômito. awitse nikid “O que é aquilo? **ṭsaka** papi uka-a-ş “É o vômito do menino que vomitou.”

ṭsakadkin v.intr. Dormir (mais que uma pessoa).

ṭsaki s. Piranha. ṭşaki-n pe-kimo-e-k “A piranha come muito.”

ṭşaki şita s. Cordinha com mandíbula de piranha que fica junto ao suporte de caça da zarabatana. Composto. Cf. ṭşaki, şita. opo, mente, udte, tikte, du kuişak, opo, şapu, punu, tenkedete, işbun katsu.

ṭşakawakin v.tr. Mastigar várias vezes. ṭşanpi-bo-n wanin **ṭşakawa-e-k** “As mulheres mastigam a pupunha.”

ṭşakudkekin v. tr. Beber (utilizado para indicar a forma como alguns animais, como a onça e o cachorro, bebem). wapa-n **ṭşakudke**-pe-kin waka ak-e-k “O cachorro está bebendo/lambendo a água.” Onomatopéia.

ṭşamankin v.intr. Queimar. mişte-n ibi mi-ṭşaman-bo-ş “Eu me queimei com brasa.”

ṭşanaşbin ṭşitşo s. Tipo de árvore. Composto.

ṭşankiş s. Tucano. Lat. *ranfastídeos*. **ṭşankiş** işi ṭşe-e-k “O tucano come semente.”

ṭşanpi s. Gafanhoto. Lat. *Rhammatoc-erus conspersus*. nimuduk **ṭşanpi** dadenpa abi “Na selva tem muito gafanhoto.”

ṭşanpi imu s. Tipo de gafanhoto. Lat. *Dadaellelus*. Composto. Cf. ṭşanpi, imu.

tşan pişo s. Tipo de cipó.

tşantşan s. Tipo de pássaro. Lat.
Psarocolius angustifrons.

tşankıdan s. Tipo de pássaro. Lat.
Melanerpes cruentatus.

tşankış s. Tipo de pássaro. Lat.
Ramphastos culminatus.

tşantşan s. Tipo de pássaro. Lat.
Psarocolius angustifrons.

tşaşkin s. Tipo de pássaro. Lat.
Aramides ascillaris.

tşatşsa s. Buriti. Lat. *Mauritia*,
Mauritiella, *Trithrinax* e
Astrocaryum. tşanpi-n **tşatşsa** de-
e-k “A mulher carrega buriti.”

tşatşadun wisu s. Tipo de cobra.
Lat. *Spilotes pullatus*. Composto.

tşatşati s. Pedaco de buriti.

tşaundon s. Cupuzinho. Lat.
Theobroma bicolor.

tşi adj. Grande.

tşibimin s. Inseto da terra. Lat.
Gryllotalpidae.

tşididikekid s. Tipo de pássaro.
Lat. *Frederickena unduligera*.
Composto.

tşinkikin s. Tipo de pássaro Lat.
Colaptes a. atricollis

tşişı s. Rio. tumi **tşişin-in** we-ta
“Tumi, vá pegar água no rio.”

tşişı busanmis s. Tipo de peixe. Lat.
Galischarax kneri. Composto.

tşişı kuma s. Beira do rio
(barranco). Composto.

tşişonkodon s. Tipo de formiga. Lat.
Formidae: Pachycondyla.

tşişkin s.deriv. Dormitório. nıkid
nukun **tşişkin** “Esse é meu
dormitório.” Neologismo.

tşoadkin v.intr. Ficar morno
(utilizado para líquido). waka
tşoad-a-ş “A água esquentou.”

tşoaşe s. Macaco preto. Lat. *Ateles*
chamek (formalmente *Ateles*
panicus). São Paulo-no zoológico
tşoaşe dadenpa abi “No
zoológico de São Paulo tem muito
macaco preto.”

tşod s. Terra, barro.

tşod matsu s. Utensílio utilizado na
aldeia. Composto. Cf. tşod,
matsu, nawa matsu.

tşodkakin v.intr. Cozinhar banana.
min awin sinkuin **tşodka**-e-k “Tua
esposa fez mingau de banana.”

tşodke s. Estragar (começando
surgir mofo).

tşodkod *adj.* Mole. Cf. widan.

tşodokote *s.* Tipo de paneiro. Cf. tşodokokakin.

tşodokuıma *s.* Buraco.

tşoeşkate *s.* Fósforo. Rogeru tşoeşkate ibi bi-ta “Rogério, traga o fósforo.” Neologismo.

tşokakin *v.tr.* Pilar.

tşokate *s.* Pau para pilar. manad tşokate iwi “Pau de pilar açai.”

tşokodokakin *v.tr.* Esfarelar.

tşokodokate *s.* Instrumento utilizado para esfarelar. sinkuin tşokodokate “Esfarelador de banana.” Cf. tşokodokakin.

tşokoio *s.* Bacural (tipo de peixe). Lat. *Hydropsalis climacocerca*.

tşokonkin *v. tr.* Ato de colocar algo em um buraco. Tomada tşokonek-ta “Coloque na tomada!”

tşonoadkin *v. intr.* Trabalhar. Iba-n tşonoad-kin dinheiro bed-a-ş “Eu peguei o dinheiro enquanto trabalhava.”

tşoşkekin *v.intr.* Ato de apagar o fogo com água. mişte tşoşke-e-k “Apaga o fogo com a água.”

tşoşpi *s.* Pinta ou casca de feridinha.

tşotşoş *s.* Tipo de cutia pequena.

tşowakin *v.intr.* Retornar. ibi tşowa-a-k “Eu voltei.”

tşu *s.* Coisas. Tupa-n min tşu nanen-ta “Tupan, arrume tuas coisas!”

tşubakin *v.tr.* Errar. minbi wesnid tşuba-a-k “Você errou o mutum.”

tşudkin *v.tr.* Ato sexual. Iba şunu-n awin awin tşud-kid “O Iba şunu sempre faz sexo com sua esposa.”

tşudesma *adj.* Virgem. Ibawasa tşudesma “Ibawasa é virgem.”

tşuikin¹ *v.tr.* Conversar. inbi dadasibo tşui-nu “Eu quis conversar com o velho.”

tşuikin² *v.tr.* Avisar. papi-bo-n tşawa nitsik tşui-a-ş “Os rapazes avisaram que a queixada está perto.”

tşuikid *s.* Chefe.

tşuka¹ *s.*Tio.

tşuka² *s.* Chará. Utilizado para alguém mais novo que o enunciador. nukun tşuka “Meu chará.” tşukekin *v.intr.* Brincar com conversas. Maki tşuke-e-k “Maki fala engraçado.”

tşukewakin *v. tr.* Cutucar. inbi papi
tşukewa-e-k “Eu estou cutucando
os meninos.”

tşukewakid *adj.* Brincalhão.
Rogeru binin **tşukewakid** “O
Rogério é brincalhão com o Binin.’

tşuki *s.* Tipo de papagaio *Lat.*
Amazonian Parrotlet.

tşukiş *s.* Tipo de pássaro. *Lat.*
Nannopsittaea dachilleae.

tşukmiskid *adj.* Azarado.

tşukmisesma *adj.* Sortudo, pessoa
que sempre traz caça.

tşuku *s.* Nó de pau.

tşuma *s.* Cuia. **tşuma** bi-ta “Traga a
cuia!”; inbi **tşuma-n** waka ak-e-k
“Eu tomei água com a cuia.”

tşumiskin *v.intr.* Ter azar. ibi
tşumis-ak bed-emen “Eu não
pego caça, tenho azar.”

tşuna *s.* Macaco barrigudo. *Lat.*
Lagothrix lagothricha. Cf. poşto.

tşunawakin *v. intr.* Moquiar. nami
tşunawa-e-k “A carne está
moqueando.” **tşunen** *s.*
Friagem. uşto-ek **tşunen** tjo-bo
“Ontem veio friagem.”

tşuni *s.* Lagartixa. *Lat.* *Gonatodes*
concinatus.

tşunu *adj.* Liso. tsate **tşuku-dap** “A
mesa é lisa.”

tşupadi *s.* Pacu. *Lat.* *Metynnis*
maculatus. **tşupadi** ifakimo “O
pacu é muito saboroso.”

tşupadiami *s.* Tambaqui. *Lat.*
Piractus brachyomus.

tşuşkakin *v.intr.* Ficar bravo, falar
com voz alta. Bina-n awin **tşuşka-**
e-k “O Bina ficou bravo com a
esposa.”

tşuşkanankin *v. intr.* Discutir.
dadasibo-bo-n **tşuşkanan-e-k**
“Os velhos estão discutindo.”

tşuşkin *v.tr.* Arder. Utilizado quando
se toca em uma taturana. baktsi-n
ibi **tşuş-a-ş** “A taturana queimou
minha mão.”

tşutin *s.* Caranguejeira. *Lat.*
Acanthoscurria atrox.

tşutşu *s.* Irmã mais velha. nukun
tşutşu-n dabidpa papi abi “Minha
irmã mais velha tem dois filhos.”

tşutudu *s.* Camaleão. *Lat.* *Iguana,*
Enyalioides, Anolis.

u *adv.* Para lá.

ubu *s.* Testículos. tʃanoi unkin ubu tik-ta “Tire os testículos do porco.”

udkin *v.tr.* 1. Acender o fogo utilizando o mente. 2. Furar. 1. inbi mente **ud-e-k** “Eu acendo com mente”; 2. piskaden **ud-e-k** “Furando o piskaden com o mente.”

udi *adv.* Para lá de. **udi** funai “Para lá da Funai.”

udkakin *v.tr.* Tocar um tipo de flauta. *dadasibo-n masin* **udka-e-k** “O velho toca o masin (tipo de flauta).” Cf. *masin*.

udu *s.* Tipo de pássaro. Lat. *Baryphthengus martii*.

udukute *s.deriv.* Montanha. **udukute** abuk-dap “A montanha é muito alta.”

ukid *pron.* Pronome demonstrativo de 3ª pessoa do singular. Aquele (a), aquilo. awida ukid-an pe “O que aquele está comendo?”

ukikuimau *adv.* Para outro lado. ibi **ukikikui-no** sikad-e-k “Eu atravesssei para o outro lado.”

uki *adv.* Para lá longe, do outro lado. bai **uki** kuimau policia şubu. “A polícia federal fica do outro lado da rua.”

ukimuduk *adv.* Lá dentro. unkin **ukimuduk** usun-e-k “O porco entrou no buraco.” Composto. Cf. *uki*, *muduk*.

ukinsedke *adv.* Depois de amanhã. **ukinsedke-şun** inbi moto bowan-e-k “Depois de amanhã eu levo a moto.”

ukkin *v.intr.* Vomitar. uʃto-kin mibi **uk-bo** “Você vomitou ontem?”

uma *s.* Mingau. *papi-bo-n* **uma** ak-ek bidike-e-k “Os homens tomam mingau sentados.”

unin *s.* Formiga cortadeira. **unin-in** iwi podo bowan-bowan-e-k. “As formigas levam pedacinhos de pau.”

unkin *s.* Caitetu. Lat. *Pecari tajacu*. Tumi-n **unkin** bi-şun kodoka-a-ş “Tumi cozinhou o caitetu que trouxe.”

usban *s.* Tipo de vespa. Lat. *Saturmidae*.

usunkin *v.tr.* Colocar. fita **usun-ta** “Coloca a fita cassetel!”

uşi *s.* Lua. Cf. *abudada*.

uşkaskin *v.intr.* 1. Ter sono. 2. Bocejar. 1. ibi **uşkas-e-k** “Estou com sono.” 2. Mawi **uşkas-e-k** “O Mawi está bocejando.”

uṣkin *v.intr* Dormir. awin papi **uṣ**-nu
ke-e-k “O filho dele quer dormir.”

uṣtokin *adv.* Ontem. **uṣto**-kin nuki
kamun win-ṣo kuak-bo-k “Ontem,
nós ouvimos a onça rugir.”

uwışkid *adv.* Ali.

wa¹ s. Escorpião. Lat. *Tityus tsitonkete* bed-nu ke-fo **wa**-dapa tek-a-aʃ “Peguei o calção e o escorpião ferrou.”

-wa² suf. Verbalizador. Tumi-n Binin muşa-**wa**-bonda-ş “O Tumi fez tatuagem no Binin.”

-wa³ suf. Reiteração. ibi atsa pe-**wa** -e-k “Eu quero comer mandioca novamente.”

waduş adj. Gelado. saon paulo **waduş**-tap “São Paulo é gelado”; waka **waduş**-tap “A água é gelada”. Cf. itis.

waduştsun s. Sereno.

wakdo s. Tipo de calango. **wakdo**-n tsadi pe-e-k “O calango come milho.”

waka s. 1. Rio. 2. Água. 1. nukun awin **waka**-n kuan-bo-ş “Minha esposa foi ao rio.” 2 inbi **waka** ak-e-k “Eu bebo água.”

wakadada s. Tipo de igarapé.

waka dipunken s. Igarapé bem pequeno. Composto.

waka nişun s. Tipo de aranha. Lat. *Arachnidae: amblypygida*.

wakaşa s. Igarapé pequeno.

waka şikid wasa s. Tipo de roedor. Lat. *Nectomys apicalis*. Composto. Cf. waka, şikid.

waka şikid wisu s. Tipo de roedor. Lat. *Kentropyx pelviceps*. Composto. Cf. waka, şikid, wisu.

wakaşukekin s. Cachoeira.

waka tşuni s. Tipo de lagarto Lat. *Alopoglossus ongulata*.

-wan suf. Vir e ir de. tşadud ibi min şubu-no-wiş nes-**wan**-e-k “À tarde, eu venho tomar banho na tua casa e volto.”

wanin s. Pupunha. Lat. *Bactris gasipaeş*. inbi atsa mene-a-ş kuan-şun inbi **wanin** bed-tan-bo-k “Eu plantei mandioca e depois peguei pupunha.”

wanin miduk adv. Tempo de pupunha. Composto. Cf. wanin, miduk.

wanpan s. Barata. min şubu **wanpan** dadenpa abi “Na tua casa há muita barata.”

wanpan şua s. Tipo de pássaro. Composto.

wantante s. Lacreia. Lat. *Chilopoda scolopeudra*. inden **wantante**-n ibi mi-pe-bonda-ş “Há muito tempo a lacraia me ferrou.”

wapa s. Cachorro. Lat. *Canis familiares*. **wapa**-dapa-n unkin pe-a-ş “O cachorro mordeu o caitetu.”

waskin v. tr. Desmanchar completamente. Bina rogeru-n şubu **was**-bonda-ş “O Bina desmanchou a casa do Rogério.”

was adj. Branca. nawa-n şubu **was** ik-bonda-ş “A casa do não-índio era branca.”

wata s. Mamão. matses-bo-n **wata** pe-e-k “Os matis comem mamão.”

we s. Chuva.

we miduk adv. Tempo de chuva. Composto. Cf. we, miduk.

wedeskakin v.intr. Arranhar. iwi mikin-in **wedeska**-a-ş “O galho arranhou ele.”

wekin v.tr. Retirar água do rio. inawad-in waka we-e-k “Inawad pega água.”

weskin v.tr. Terminar. minbi **wes**-kin pe-a “Você terminou de comer?”

wesadkin v.intr. Acabar. pete **wesad**-bo-ş. “A comida acabou”.

wesin s. Tipo de capim. papibon **wesin** matşaş-e-k “Os homens capinam o mato.”

wesnid s. Mutum. Lat. *Mitu tuberosa*. Forma usada para

animal de caça. kamun pid-an **tşaşu** ak-a-ş “A onça vermelha matou o mutum.” Cf. koşti.

wian kuanek s. Broto. Composto.

-wid suf. Frustrativo. Kanika-n tşawa se-**wid**-a-ş “O Kanika feriu com flecha a queixada.”

-wid suf. Morfema restritivo. Carlos Terenu-n matis-**wid** kuin-bonda-ş “O Carlos Terena convidou só Matis”

widama s. Filho único (quando já não possui mais irmãos).

widan adj. Pesado, duro. iwi şunu **widan**-dap “O tronco grande é pesado.” Cf. tşodkod.

widan pimen adj. Calmo. Composto. Cf. wida, pimen.

widen adj. Rígido. iwi **widen** kimo “O pau é duro.” Composto. Cf. widen, kimo.

widen pimen adj. Fraco. nawa tuku **widen pimen** “O não-índio baixo não é forte.” Composto. Cf. widen, pimen.

widenekin v.intr. Crescer. Gabrieu **widene**-e-k “O Gabriel está crescendo.”

widenwakin v.tr. Criar. inbi nukun papi **widenwa**-kid “Eu cuido do meu filho.” paulo-n awin baba **widenwa**-e-k “O Paulo kulina está criando seu neto.”

widu s. Armadilha. mena-n tsawes
widu-n bed-bo-ş “O Mená pegou
o tatu na armadilha.”

wiktşin s. Tipo de pássaro Lat.
Myrmotherulo haematonata.

winkin¹ v.intr. Chorar. inbi kuesa-
a-k nukun papi **win**-e-k “Eu bati
no meu filho e ele está chorando.”

winkin² v.intr. Rugir. inbi kamun
win-şo imid kuak-a-k “De noite
escutei a onça rugir.”

winte s.deriv. Coração. **winte** tik-e-
k “O coração está batendo.”

wipuişku s. Batata da perna.

wipuku s. Perna.

wisak s. Tipo de peixe Lat:
Anostomidae Leporinus.

wisku s. Jacu. Lat. *Psarocolius*
atrovireus.

wisku tşimu s. Tipo de pássaro. Lat.
acicus koepckeae.

wisma adj. Domesticado.

wispa¹ s. Estrela. abuk-dapa **wispa**
dadenpa abi “Tem muita estrela
no céu.”

wispa² s. Onça. Lat. *Leopardus*
wiedii. Cf. kamun, kamun pit,
kamun kudu.

wistsak s. Sanhaço. Lat.
Stephanophorus.

wistsak pid s. Tipo de pássaro. Lat.
Contiga contiga.

wisu¹ adj. Sujo.

wisu² adj. Preto.

wisu³ s. Anta Lat. *Tapirus terrestris*.
Nome doméstico. Cf. awad.

wisute s.deriv. Genipapo.

wişikid adj. Coxo.

wişpo s. Osso.

witsun s. Pulseira. **witsun** wisu-dap
“A pulseira está suja.”

witsun bidi s. Tipo de desenho
feito ao se tecer a pulseira.
Composto. Cf. witsun, bidi.

witsun dişbu s. Cordinha da
pulseira. Composto.

wişedkin v.tr. Raspar. minbi kui-
wişed-e-k “Você raspou a barba.”

wiwakin v.tr. Criar. Luana-n gato-
bid-tapa wapa **wiwa**-e-k “A Luana
cuida do gato e do cachorro.”

widkin v.tr. Enganchar. anwidante-
n ibi **wid**-ad-a-k “O anzol
engançou em mim”; isin iwi-
dapa-n **wid**-ad-a-k “A rede
engançou no pau.”

widankin *v.tr.* Fisgar. Cf. anwidante.
anwidante **widan**-e-k “O anzol me
fisgou.”

winadkin *v.intr.* Não ter paciência.

winadesma *adj.* Paciente.

-wiş *suf.* Marcador de concordância
intransitiva. abuk-**wiş** kuıd-e-k
şuia “O rato faz barulho no
telhado”; mi-**wiş**-tsi mibi ne “De
onde você está?”

witsi *pron.* Outro. matses **witsi**
“Outro índio.”Cf. awin witsi

witsibo *s.* Família. nukun **witsibo**-n
bed-ama ik-bonda-ş “Minha
família não ganhou.” Composto.
Cf. nukun, witsi, -bo.

CONCLUSÃO

Através dos significados ou conceitos, os indivíduos organizam os dados de sua experiência. Com a ordenação desses dados, surgem as categorizações lingüísticas, expressas em sistemas classificatórios, os quais são os léxicos das línguas naturais. Essa categorização, então, é revelada nas palavras. Veículos essenciais dos conceitos, elas possibilitam aos homens conhecer o universo para nele poder viver e interagir dentro da comunidade. O léxico de uma língua natural é uma forma do homem registrar o conhecimento do mundo. Ele sempre está evoluindo, pois é um sistema dinâmico. Através dele pode-se conhecer como um povo enxerga e apreende o mundo à sua volta (Biderman, 1998a).

No momento em que nos propomos estudar o léxico da língua matis, começamos organizá-lo de forma que pudéssemos classificar as palavras. Porém, a categorização da realidade dos matis era (ou poderia ser) diferente da nossa. Ao classificarmos, por exemplo, *bata* 'doce' ou *tjimu* 'amargo' como palavras pertencentes à classe dos adjetivos, a princípio não tínhamos conhecimento da abrangência do seu significado dentro da cosmovisão dos matis. Para eles, o 'doce' e o 'amargo' representam muito mais do que alimentos doces ou amargos, fazem parte da visão da realidade, particular à sua cultura, como verificamos no capítulo II.

A questão não é saber, somente, se essas palavras são ou não adjetivos na língua. O que interessa, além da sua classificação gramatical, é o que elas

representam para os matis, além de serem usadas para denominar determinados alimentos. A partir daí, podemos entender um pouco mais dos seus conceitos.

A respeito da concepção das palavras, a diferença de delimitação é essencial. Quando Sócrates explora o significado de “virtude” ou “verdade” ele não está querendo definir as palavras “virtude” ou “verdade”, ou seja, a definição lógica, a que distingue as palavras, mas sim os conceitos que subjazem a elas e como as pessoas interpretam esses conceitos, ou seja, a definição lexical (Landau, 1989). Assim, no exercício de separar as palavras matis que entrariam no dicionário, fizemos esse exercício de buscar não só a definição lógica, mas a definição lexical. Acreditamos que, dessa forma, entenderíamos mais da sua língua. Identificada e definida, a palavra passa a ser conhecida por nós e fazer parte do dicionário.

O resultado desse estudo é submetido ao leitor em forma de dicionário. Como já dissemos no capítulo III, não caberiam nas entradas todas as explicações sobre uma determinada palavra, pois se tornariam muito densas. Por exemplo, uma característica interessante na língua é sobre o significado de alguns verbos. *tsiampi tsadek*, que literalmente significa "mulher sentada" (*tsiampi* = mulher, *tsadek* = sentar), pode também significar "mulher menstruada". Uma hipótese para esse duplo sentido é o fato das mulheres permanecerem sentadas durante muito tempo somente quando estão menstruadas. Do contrário, ficam realizando suas atividades durante o dia. Assim, quando houver um nome feminino junto a esse verbo o significado sempre será duplo. Somente o contexto discursivo é que o determinará.

Outro verbo que passa pelo mesmo processo é *is-* "ver". *tsiampi istanta*, que literalmente significa uma ordem: "Vá ver a menina!" (*tsiampi* = menina, *istanta* =

veja), pode apresentar um outro sentido também: "Vá ter relação sexual com a menina". O verbo *is-*, que significa "ver", neste contexto apresenta outro sentido. Novamente, somente a contextualização poderá fornecer o sentido correto. Porém, se no lugar do nome feminino houver um nome masculino, o significado será sempre o de "olhar, ver".

Os nomes, os adjetivos, os advérbios e outras outras classes demonstram muitas características interessantes da língua. Através deles podemos identificar como uma parte da realidade é construída pelos matis. Porém, os verbos talvez sejam os que apontem propriedades particulares mais intrigantes. Através da sua rede de significações podemos identificar um pouco mais de como a sua cosmovisão é estabelecida.

Como todas essas explicações não caberiam nas entradas, privilegiamos as que fossem mais econômicas, porém, que possibilitassem ao leitor compreender a palavra dentro da rede semântica. A organização interna das entradas, com o sistema de remissivas, colabora para que o leitor possa entender essa relação .

Já que um dicionário é a composição ordenada do léxico de uma determinada língua, o dicionário da língua Matis vem a ser a representação de como se dá a realização da designação nesta língua. Conhecendo tal processo, compreendemos como o falante matis classifica o mundo ao seu redor. Assim, ao representar uma nova língua, revela-se mais um conjunto lingüístico que colaborará com a teoria lingüística em toda a sua extensão e, mais especificamente, com a lexicografia.

Esta tese contribui para o melhor conhecimento do panorama lingüístico da família Pano. Com relação à utilização do dicionário matis-português pelos matis,

uma possibilidade é que ele seja adaptado ortograficamente para ser utilizado pelo grupo como um dicionário escolar. Porém, isso só poderá ser realizado quando as discussões sobre a ortografia estiverem concluídas.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, M.S. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. Campinas, 1994. 308 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- . *Elementos de descrição sintática para uma gramática do Katukina*. Campinas, 1988. 78 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- . *Fontes de pesquisa e estudo da família Pano*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- AIKHENVALD, S.Y. *Dicionário Tariana -Português e Português-Tariana*. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia. 2001. v.7.
- ALMEIDA, A. *Dicionários Parentes e Aderentes*. João Pessoa: Nova Estella. 1988.
- ALVES, P. M. *O Léxico do Tupari*. Araraquara, 2004. 286f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- BALLON, E. Introducción a la Lexicografía em lenguas Andinas y Selváticas. *Amazônia Peruana*, Lima. v. 4, n.12, 59-115,1985.
- BANTAS, A. Aspects of Applied Semantics: For Modernizing Bilingual Dictionaries. *Revue Roumaine de Linguistique*. V. 27, n.3, 1982.
- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras Lexicográficas. *Publicação da Comissão Especial de Terminologia*, São Paulo: ABNT/IBICT,1993.
- BARTLETT, R. D. and Patricia Bartlett. *Reptiles and Amphibians of the Amazon: An Ecotourist's Guide*. Gainesville: University of Florida Press, 2003.
- BIDERMAN, M. T *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- . *Dicionário Didático de Português*. São Paulo: Ática, 1998.

- BRÉAL, M. *Essai de sémantique; science des significations*. Paris: Hachette, 6 ed., 1925.
- CÂMARA Jr., J.M. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: ao livro técnico, 1979.
- CAMARGO, E. *Phonologie, morphologie et syntaxe: étude descriptive de la langue caxinauá (Pano)*. Sorbone, 1992. 308 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - University of Paris IV-Sorbone.
- CÂNDIDO, G. V. *Aspectos Fonológicos da Língua Shanenawá (Pano)*. Campinas, 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- . *Descrição Morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. Campinas, 2004. 270 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CARVALHO, C.T.D. *A Decodificação da Estrutura Frasal em Matses (Pano)*. Rio de Janeiro, 1992. 185 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: C.S.I.C., 1969.
- CASTNER, James L. *Amazon Insects: A Photo Guide*. Gainesville: Feline Press, 2000.
- CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation: na essay in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965.
- CEDI. Matis. *Povos Indígenas no Brasil. Javari*. São Paulo. Câmara Brasileira do Livro, v. 5, 83-116, 1981.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Unicamp, 2003.
- CLEMENTS, J. F. e SHARRY, N. *A Field Guide to the Birds of Peru*. Temecula: Ibis Publishing Company, 2001.
- COSERIU, E. *Princípios de Semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

- COSTA, R. G. R. *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): Uma visão Não-Linear*. Rio de Janeiro, 2000. 261 f.. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- . *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*. Rio de Janeiro, 1992. 156 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- COULDING, M. et alii. *Amazon Headwaters: Rivers, Wildlife, and Conservation in Southeastern Peru*. Lima: Asociación para la Conservación de la Cuenca Amazónica (ACCA), 2003.
- d'ANS, A.M. Estudio Glotocronológico sobre Nueve Hablas Pano. Lima: CILA-UNMSM, n. 17, 1973.
- DAPENA, J. P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: ARCO/LIBROS, 2002.
- DIXON, R. M. W. Where have all the adjectives gone? *Studies in Language*, n. 1, 59-138.
- DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ERIKSON, P. Les Matis d'Amazonie. Parure du corps, identité ethnique et organisation sociale. Paris, 1990. Tese (Doutorado em Antropologia) - Université de Paris X-Nanterre.
- . Bats-moi mais tout doucement [le rite du mariwin chez les Matis]. *L'Univers du vivant*. n. 20: 99-115, 1987.
- . Reflexos De Si, Ecos De Outrem. Efeitos do Contato Sobre A Auto-Representação Matis. *Pacificando o branco. Cosmologia e política do contato no Norte Amazônico*, Paris/Brasília: Orstom/UNB, 1-18, 1994a.
- . Ritual dos Matis. *Revista Horizonte Geográfico*, São Paulo: Audichromo, ano 4, n. 16, p.19, 1991.
- ERIKSON et alii. *An Annotated Panoan Bibliograph*. Paris: A.E.A., 1994.

- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, R. V. *Língua Matis: Aspectos Descritivos da Morfossintaxe*. Campinas, 2001. 176 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- . *Uma análise Gramatical da língua Matis*. Relatório de trabalho apresentado à FAPESP. Campinas, 2004.
- FLECK, D. W. *A Grammar of Matses*. Houston, 2003, p.1200 Tese (Doutorado em Lingüística) - University of Rice.
- GREEN, D. *Dicionário palikur- português*. Sociedade Internacional de Lingüística, 2000 . Belém-PA.
- GREENBERG, J. *Languages in the Americas*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- . The General Classification of Central and South American Languages, Men and Cultures. *Selected Papers of the Fifth International Congress of Antropological and Ethnological Sciences*, Philadelphia. 1-9, 1956.
- GREIMAS, A. J., COURTES, J. *Semiótica. Diccionario razonado de la teoría del lenguaje*. Madrid: Gredos, 1982.
- HAENSCH, G., WOLF, L., ETTINGER, S., WERNER, R. *La Lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HAIMAN, J. Dictionaries and Encyclopedias. *Lengua*. n.50, 329-357, 1980.
- HARTMANN, R. R. K. *Lexicography: Principles and Practice*. London: Academic Press, 1983.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. São Paulo: Objetiva LTDA, 2001.
- INTERNATIONAL Encyclopedia of Linguistics. Nova York: Oxford University Press, 1992. 3 v., p. 153.

- KEY, M. R. Comparative Tacanan Phonology: with Cavineña Phonology and Notes on Pano-Tacana Relationship. *Janua Linguarum*, Mouton. n. 50, 1968.
- KIBRIK, A. E. *The Metodology of Field Investigations in Linguistics*. Mouton: The Hague, 1977.
- LANDAU, S. I. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. Cambridge, 1989.
- LANES, E. J. *Mudança fonológica em línguas da família Pano*. Rios de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LOPES, E. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LYONS, J. *Introdução à Lingüística Teórica*. São Paulo: Nacional. Tít. orig.: Introduction to Theoretical Linguistics. Trad. de R.V. Mattos e Silva & Hélio Pimentel, 1979.
- MARQUES, M. H. D. *Iniciação à Semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MICROSOFT CORP. (2005) Encarta Word Atlas. Formato jpeg. Disponível em: <http://encarta.msn.com/encnet/features/MapCenter>
- MULLER, C. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.
- NETTO, W. F. Lexicografia e Documentação de Línguas Indígenas no Brasil. *Estudos Linguísticos XXII. Anais de Seminários do GEL*. v. 1, 297-304. Ribeirão Preto, 1993.
- NIDA, E. A. *Language Structure and Translation*. Stanford: Stanford University Press, 1982.
- *Toward a science of translating*. Netherlands: E. J. Brill, 1964.
- PAULA, A.S. de. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. Campinas, 2004. 251 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

- de. *Poyanáwa. A língua dos índios da aldeia Barão: aspectos fonológicos e morfológicos*. Recife, 1992. 132 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Pernambuco.
- QUINE, W. V. O. *Relatividade Ontológica e Outros Ensaio*s. Falando de Objetos. Os *Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- *Word and Object*. Cambridge: The M.I.T Press, 1960.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- ROUTLEDGE Encyclopedia of Translation Studies. London and New York: Mona Baker, 2001.
- ROWAN, O & ROWAN, P. *Dicionário Parecis-Português Português-Parecis*. Brasília: SIL, Brasília, 1978.
- SAUSSURE, F. de *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix. Tít. orig.: Cours de Linguistique Générale. Trad. de A.Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein, 1972.
- SCHMITZ, J. R. Suggestions For Improving Bilingual Dictionaries of English and Portuguese. *Anais V ENPULI*, São Paulo. v. 2, p. 384-400, 1983.
- SHELL, O. A. *Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción*. Lima: ILV SLP, n. 12, 1975.
- SILVA, G. F. *Construindo um Dicionário Parakanã-Português*. Belém, 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Pará.
- SOUZA, G. C. *Aspectos da Fonologia da Língua Kaxarari*. Campinas, 2004. 91 f.. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- SPANGHERO, V. R. *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica*. Campinas, 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- SUÁREZ, J.A Macro-Pano-Tacanan. *IJAL*, n. 39, p. 137-154, 1973.

- . Moseten an Pano-Tacanan. *Antropological Linguistics*, v. 9, n. 11, p. 255-266, 1969.
- THE ENCYCLOPEDIA of Language and Linguistics. New York: Pergamon Press, 1994. 3 v.
- TRUJILLO, R. *Elementos de Semântica Lingüística*. Madrid: Cátedra, 1976.
- ULLMANN, S. *Semántica. Introducción a la ciencia del significado*. Madrid, 1965.
- VALENZUELA, M. P. *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. Oregon, 2003. 708 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - University of Oregon.
- VILELA, M. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.
- WEISS, H. E. *Para um Dicionário da Língua Kayabí*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- WELKER, H. A. *Dicionários. Uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WERNER, R. Léxico y teoría general del lenguaje. *La Lexicografía*. Madrid: Gredos, p. 92-93, 1982.
- WOLF, L., HAENSCH, G, ETTINGER, S., WERNER, R. *La Lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- ZGUSTA, L. Lexicography Today: An Annotated Bibliography of the Theory of Lexicography. *Lexicographica*. Tübingen: Niemeyer, series maior 18, 1988.
- . *Manual of Lexicography*. Paris: Mouton, 1971.

ANEXO



dimuş Enfeite que se coloca nas narinas

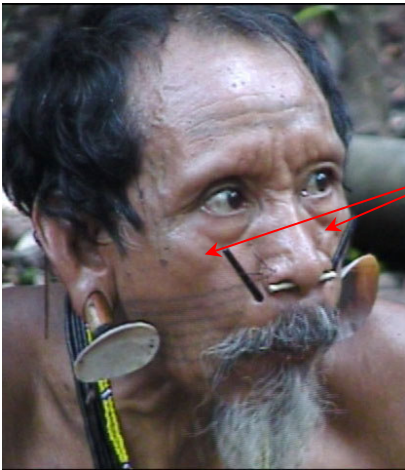
Foto Matis

kuiod Enfeite facial utilizado logo abaixo do lábio inferior



madiwin kudu, madiwin wisu
Fantasias utilizadas pelos homens no ritual madiwin

Foto P. Erikson.



mananukid s. Enfeite facial localizado próximo ao nariz.

masin s. Tipo de flauta



Foto P. Erikson.



opo s. Bolsinha do cesto da zarabatana.



paiuek A forma de colocar os colares no corpo (cruzando no peito).

paud. Enfeite utilizado nas orelhas .



piskadeņ Colar de coquinho.

piskaden şita. Colar de dente de macaco.



pişo matsu Pote de veneno.



şubu Casa comunal.

Foto P. Erikson.

tidinte Zarabatana.



tiditen ikşak. Bocal da zarabatana



tote Carregador de bebê

TENKE

